

A

**NOVA MINERVA,**

REVISTA



**DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES,**

**LITTERATURA, E COSTUMES.**



**RIO DE JANEIRO,**  
**TYPOGRAPHIA DE M. A. DA SILVA LIMA.**

—  
1846.

# A NOVA MINERVA,

## REVISTA

DEDICADA AS SCIENCIAS, ARTES, LITTERATURA, E COSTUMES.

A NOVA MINERVA publica-se todas as semanas; contém cada numero de 12 à 16 paginas de impressão.

Subscreeve-se por 3\$000 por trimestre no escriptorio da typographia, rua de S. José n. 8,



### POLITICA.

#### *Ação da Europa sobre a America.*

A America está povoada de nações novas que offerecem já hum attractivo grande aos especuladores europeos. Estes vastos paizes, tão ricos em materias primeiras que não se acham em nosso clima, necessitam de tudo o que a nossa civilisação produz. Nós temos acostumado a não ver mais do que asturbulencias suscitadas por sua independencia, e nos esquecemos que essa independencia he a que tem creado taes riquezas...

(*Salvandy. Informe da commissão relativa à navegação trasatlantica.*)

Temos á europa, ha perto de hum anno diante do Rio da Prata, e talvez a teremos sobre as margens do Mississipi com motivo da crescente estenção das conquistas dos modernos Romanos debaixo das bandeiras da democracia. Porém esta vinda não será como no seculo XV, para submeter hordas de selvagens, nem recommear huma escravidão combattida pela mesma europa, mas sim para iniciar conquistas de outra ordem, se conquistas podem chamar-se os adiantamentos, o espirito de ordem, de industria, de paz de prosperidade que distingue á Europa deste seculo e que ella leva a toda a parte.

A Europa, o só nome da Europa desperta antipathias em huns e temores de perdição e escravidão em outros. Estes sentimentos são dignos de exame. Elles constituem huma especie de enfermidade, nascida, na verdade

d'hum patriotismo exaltado. He hora de entrar neste exame.

Os reis de Hespanha ensinaram aos Americanos a odiar debaixo do nome de *estrangeiro* a todo o que não fosse hespanhol. Os libertadores americanos de 1810, comprehendendo a Europa na Hespanha, ensinaram a odiar debaixo do nome de *inimigo da America* a todo o que era Europeo. A questão de guerra se estabeleceu em estes termos. — Europa e America. *Aquel odio se chamò lealdade. Este patriotismo. Em seu tempo um e outro foram meios oportunos. Porém seu tempo passò. O odio não he lei de eterna vigencia. Com tudo elles conservarão profundas raizes, por que foram estabelecidos pelas leis e pelos usos. Nesta vida artificial e falsa, se conservam, com o nome de preocupação e erro, sentimentos funestos á felicidade do genero humano.*

Que nos ensiua no entanto a luz da razão desembaraçada da influencia dos erros communs? Que a patria não he o solo; solo temos, ha mais de tres seculos: porém não temos patria senão poucos annos. A America hespanhola desde o anno de 1810 e o Brasil desde o anno de 1822. A patria he a liberdade, a ordem, a riqueza, a civilisação no solo nativo, organizado debaixo da bandeira e o nome do mesmo solo. Tudo isto nos tem trazido a Europa; isto he, nos tem trazido a noção de ordem, a sciencia da liberdade, a arte da riqueza os principios de civilisação. Estas cousas não conheciam os habitantes primitivos da America.

A Europa pois nos tem trazido a patria, se accrescentamos que nos trouxe até a povoação que constitue o principal e o corpo da patria. Tudo, na civilização de nosso seculo, he europeu. Poderiamos definir a America civilisada, dizendo que e a Europa estabelecida em America. Se nesta parte do continente americano se apresenta huma linha capaz de separar o que he europeu do que he Americano, esta linha he o *Bio-Bio*: tudo o que está ao outro lado he americano neto; tudo o que se acha neste lado, he europeu. Este exame he curioso.

A America he hum descobrimento europeu. O europeu *Colon* a descobrio; a Europea *Isabel* fomentou o descobrimento; os europeos *Cortez*, *Pizarro*, etc., a povoaram da gente que hoje a possui, que não he indigena certamente. O nome que leva a America he europeu. O europeu *Americo Vespucio* o deu. Lançai hum olhar para a sua geographia. Seus rios, seus lagos, seus montes, seus cabos, istmos e lugares mais notaveis levam nomes europeos. Todas as suas cidades foram levantadas pela mão do europeu desde a pedra mais fundamental até o ultimo de seus monumentos de arte, e foram tambem chamadas com nomes europeos. A este respeito a obra da Europa em America se mantem sem rival até hoje. Os europeos chamados Americanos, por ter nascido em America de pais hespanhoes, e portuguezes nada tem feito no tempo de sua independencia que mereça comparar-se ao que deixou a Europa, exceptuando-se as suas instituições, e mesmo estas viram da França e da Inglaterra.

O mal que a Europa fez á America, tem-se historiado com muito talento. Porém temos guardo em silencio, não sabemos se com igual talento, o bem que lhe fez. Compare-se a sua geographia actual com a sua geographia de 1810, e não acharemos grandes mudanças. Mostraram-se linhas administrativas, mas essas mesmas estão traçadas outra vez sobre linhas europeas; porém não se mostraram cidades novas. As cousas e os objectos accrescentem-se

as pessoas, os homens que constituem a America actual. Toda a sua povoação, ou a povoação que a representa, he europea. O indigena não figura, nem compõe mundo em nossa ordem politica. Nos que nos chamamos americanos não somos mais do que europeos nascidos em America. Nosso craneo, nosso sangue, são de typo europeu. O indigena nos faz justiça; nos chama *hespanhoes* e *portuguezes* agora mesmo. Nossos nomes são europeos. Não se conhece em nossa sociedade pessoa alguma de appellido indigena. Nosso idioma e europeu, porque o espanhol, o portuguez, são linguas europeas: elles levam consigo o seu nome. A nossa religião he europea. Sem a Europa, a America estaria hoje adorando o sol, as arvores, os idolos; estaria queimando homens em sacrificio; e não conheceria o matrimonio.

A mão do europeu plantou a cruz de Christo na America, antes gentia. As nossas leis civis são europeas; e são até hoje em toda sua pureza, sem embargo dos 35 annos chamados da America. A nossa administração economica e interna he europea; nossas constituições politicas são a adopção de leis; de systemas europeos. Entremos nas universidades, nas Academias, nos Institutos, e não acharemos sciencia que não seja europea: entremos nas bibliothecas e não encontraremos livro que não seja europeu ou que não esteja traçado sob a forma europea ou sobre elementos europeos. Observemos o nosso trajar e será raro que a sola de nossos sapatos seja Americana. Fóra disto que cousa não he europea, inclusa a forma, e mil vezes, inclusa a obra de mãos. O que chamamos *bon tom*? O que he europeu. Quem leva a soberania em nossas modas, usos elegantes e commodos? Quando dizemos *confortable*, *lião*, *dandy*, *petimetre*, *fashionable*, certamente que não alludimos a cousas de indigenas.

Somos pois europeos pela raça e pelo espirito, e nos prezamos disso. Não ha cavalheiro algum que faça alarde de ser indigena neto. Nós amamos e admiramos muito o valor

heroico dos americanos, quando as contemplamos no poema de Ercilla, porêm ao dar huma filha por esposa, certamente que não prefeririamos hum indigena por hum europeu. Somos pois, o que chamamos America independente, a Europa estabelecida em America. Nossa revolução he a desmembração de hum poder europeu, em duas metades que se manejam cada hum por si.

Não devemos pois maldizer ao Europeu, por que o europeu e nós outros somos a mesma cousa. À Europa devemos tudo o que temos de bom, inclusa nossa raça, mais nobre que a indigena, porque he a mais formosa e mais intellectual que as das outras partes do mundo. O que fez a Europa para trazer a America o bom que deixou? O trouxe em seus homens, em seus colonos. Com effeito, exceptuando o caso do seculo V, vemos que os dogmas não se infundem no selvagem. Este morre com o seu culto. Nem as leis, nem as religiões, nem as idéas viajam sós. O homem he o melhor conductor. Ou antes, a lei que não está encarnada em hum uso ou costume, não he lei. Seu texto escripto he hum papel cadaverico. A Europa deveu vir com o europeu. A conquista foi necessaria. Sem ella hoje seria selvagem a America de huma extremidade a outra.

Lamente Humboldt quanto quizer a perda da civilização primitiva dos mexicanos. O grande Motezuma, ao fim, não era senão hum grão selvagem, monarcha de selvagens como elle, sem religião verdadeira, sem sciencias, sem leis, sem instituições cultas. O melhor de seus monumentos architectonicos, não vale huma cornija ou hum arco grego ou arabesco dos que devemos à Hespanha e Portugal.

#### LITTERATURA POLITICA DA ALLEMANHA.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTECEDENTE).

Wienbarg quizera dar hum programma a esta mocidade que elle revoltava, ao passo que lhe dava hum nome. Elle diz mesmo

que não dependeu da sua vontade poder crear com mais força esta brilhante escolla, hoje dispersa, e fundar hum movimento de idéas mais solido. As *batalhas estheticas*, que elle dedica á joven Allemanha, contem e indicam com effeito huma direcção firme e invariavel, he como o programma girondino. O livro de M. Wienbarg não he hum tratado de philosophia, estudo pacifico e desinteressado das questões da arte, não se pode achar nelle soluções de problemas que teriam preocupado Hegel e Juffroy. O autor está muito agitado e não pode tratar deste objecto com a gravidade e circunspeção que he necessaria. Seu fim he abrir huma nova estrada para as imaginações de seu paiz, para todas as ambições litterarias. He obra inteiramente de polemica. Estuda o estado dos espiritos e das letras, menciona os males que descobre, procura tambem as reacções que esses mesmos erros já tem provocado, e patentea a todos os espiritos as novas seduções de huma revolta poetica. O seu livro tem a curiosidade de mostrar o que ha de legitimo no seu recrutamento, e revelando nós o que havia prometido, permite julgar mais seguramente seus resultados. Wienbarg attaca as universidades com as armas das mesmas universidades, jovens universidades do seculo XVI atacando a scholastica e a barbaridade monastica. Este contraste, que elle distingue irrita-o ainda mais lembrando-lhe quanto estão mudadas as cousas, quanto estas universidades, outr'ora depositarias das idéas livres e da sciencia viva, dificultam o progresso do pensamento, e o movimento da vida. Wienbarg serve-se da mesma penna com que Reuchlen e Ulric de Hutten se armavam contra as inepcias da scholastica moribunda, para se bater com Goeting ou Jena. Alem disso, he hum homem do norte, nascido nas margens do mar Baltico, com todo o vigor invariavel dos Germanos das costas meridionaes. Não he elle que aspira ás montanhas do Necker, as vinhas do Palatinado, as ruinas feodaes da Suabia, que « levaram ás visões caprichosas dos poetas de Heilbronn ou

de Ludevigsburg. » Gosto de Uhland, diz elle, como gosto de hum louro allemão do sul, nascido entre montanhas, de vinhas floridas, de castellos arruinados; mas gosto por instantes, em certas horas. » Com effeito, elle vem nos pregar huma poesia inteiramente differente, e no momento em que a imaginação allemã quer deixar as regiões muito elevadas para intervir nos negocios dos homens he que vem hum homem do norte que recommenda a acção e luta a essa Allemanha meridional tão facil de adormecer, tão prompta a embalar-se em seus sonhos.

(Continúa)

ILLUSTRES AMERICANAS — SEUS FACTOS HEROICOS NA GUERRA DA INDEPENDENCIA.

A decisão que as hispano-Americanas despregaram pela causa de seu paiz, os seus generosos esforços para sustel-a, a sua admiravel constancia nos maiores revezes, o seu vivo interesse em favor dos defensores da patria, com quem competiam, as vezes em valor, a alta humanidade que sem cessar despregaram para com os vencidos; são factos por si só sufficientes para honrar o bello sexo americano e fazer-nos capazes de graduar a influencia que exerceram e exercem nos destinos de seu paiz.

« Demasiado longo tempo haveis passado, murchando-os na escuridão, oh! amaveis e caras compatriotas, igualmente olvidadas por buns e calumniadas por outros! Ah! quem poderá celebrar dignamente as vossas altas virtudes! Quem poderá exclamar com Ossian « O trovador conservará vossos nomes e os transmittirá ás gerações futuras! »

Entre a multidão de acções interessantes que formoseam a carreira da revolução Americana, e difficil elegir. Mesmo antes daquella época se offereceu ás bellas argentinas huma occasião de mostrar a sua consagração ao paiz de seu nascimento. A invasão do Rio da Prata pelos inglezes em 1806 e 1807 desenvol-

veu nellas o germe desta virtude. Mulher houve diz o deão Tunes, cujo postreiro adeos foi dizer a seu marido: *não creio que te mostres cobarde; mas se por desgraça foges, procura outra casa onde te recebam.* » Não satisfeitas com exhortar e animar os homens á resistencia, se precipitavam no meio da carniceria no campo de batalha. Entre ellas distinguem-se D. Manoela Pedraza, quem foi premiada por sua heroicidade com o grão de *tenente*. Derrotados os inglezes tiveram occasião de conhecer e confessar, que não era facil exceder a generosa hospitalidade das *Portenas*.

Veio logo o dia em que Buenos-Ayres rompesse as cadeias que a ligavam á Peninsula, e desde então se abriu hum campo immenso ao patriotismo de suas filhas. O seu desinteresse já não conhece limites: as joias das ricas, o trabalho das pobres, o entusiasmo de todas soccorrem o thesouro nacional. Os papeis publicos recordando as acções illustres daquelles dias em que raio a aurora da liberdade, conservaram os nomes de tantas senhoras que contribuíram com mão prodiga á defensa da patria. As mãis exitavam aos filhos, as esposas aos esposos, para que arrostassem os perigos e sustivessem a independencia. Não podendo, por a sua fraca constituição, pegar nas armas, as Quintanas e Escaladas, as Buchardos e as Salas, as Castelis e Penhas, as Sanchez, Yrgazabal e outras varias conceberam a idéa de apresentar ao governo fuzis para que fossem repartidas entre os defensores do paiz, pedindo se gravassem nelles os seus nomes, para estimular o guerreiro a não perder essa prenda de estimação e confiança de suas compatriotas, e para conferir a estas o direito de recovar o cobarde que tivesse abandonando a arma, que devia repellir o inimigo. As calamidades desta guerra offereceram as *Portenas* novos meios de estender sua mão consoladora aos desgraçados: os prisioneiros hespanhoes, os proscriptos de diversos partidos, todos sem excepção receberam provas de sua compassiva beneficencia. Façamos pois huma menção especial de algumas destas senhoras.

## I.

## A VIUVA DO MESTRE DE POSTAS.

Tendo chegado o primeiro exercito auxiliar de Buenos-Ayres a hum lugar das visinhanças de Cordova, onde devia mudar cavallos para passar adiante, se apresentou ao general em chefe, D. Antonio Balcarce, com o numero sufficiente destes animaes, a viuva do mestre de postas, e lhe diz: « meu general, aceite V. S. estes cavallos para o serviço da patria. » Aquelle chefe, sabendo que elles constituiam todo o seu patrimonio, applaudio o seu desinteresse, fazendo-lhe vêr ao mesmo tempo que as circumstancias não exigiam semelhaute sacrificio, e dando ordem ao commissario que lhe pagasse. « Pois bem, retrocou a velha, já que V. S. não as precisa nesta occasião, considere-os sempre como propriedade publica; disponha delles quando o interesse nacional o exija, que eu os cuidarei muito para este fim.

Leve-os até onde quizer; porém rogo-lhe que não me confunda com a gente mercenaria, e não me faça o agravo de me offerecer dinheiro. Assombrado o general deste rasgo de patriotismo, quiz persuadir-a que os seus deveres de mãe de familia, mereciam a preferencia sobre todos os demais. « Não, lhe retrocou, meus bens, meus filhos, minha pessoa, tudo pertence a patria; tudo o devo a ella e tudo sacrificarei com prazer por sua felicidade e por sua gloria. » A esta eloquente exposição de seus bellos sentimentos não havia resposta que dar. Fez-se o que ella solicitava; a frente de seus trabalhadores teve ella a doce satisfação de transportar o exercito gratuitamente até a posta seguinte.

## II.

## A VELHA DE QUATRO MEZES DE IDADE.

Em setembro de 1810 passava o exercito auxiliador de Buenos Ayres pela porta de Monogasta, no districto de Santiago del Estero. O representante do governo, D. Juan José Castelli, com o general em chefe e outros officiaes de sua comitiva entraram nella a des-

cançar em quanto se relevavam os cavallos para continuar a marcha. A casa da posta e as gentes que a habitavam eram hum retrato da miseria, que a cada passo afflige o viajero nesses lugares, fazendo-lhe pensar involuntariamente nos effeitos que causa hum governo estabelecido a milhares de legoas de distancia, e que, imitando a conducta dos selvagens do Canada, não conhece mais meios de recolher o fructo, do que destruindo a arvore que o produz. Parecia impossivel que neste asilo da indigencia, houvesse huma alma expansiva capaz de sabir da humilde esphera em que se representava ali a raça humana e de remontar-se até o sublime do entusiasmo patriotico. Entre os que habitavam aquella choupana, chamava a attenção pela sua notavel ancianidade, huma mulher, que desde que vio a luz nunca se tinha afastado, até perder de vista, o lugar de seu nascimento. Transportada de gozo ao saber o destino de seus hospedes, arrancou com sua tremulosa mão huma flor do campo, e a apresentou ao S. Castelli: este aceitou-a com expressivo carinho, e movido da natural curiosidade que exitava a avó daquella humilde familia, perguntou-lhe quantos annos tinha: a sua resposta foi hum sorriso, e ninguem conjecturou, ao principio, na causa deste sorriso: porém instada muito a que dicesse a sua idade: *Senhor*, diz ella, eu não sou *tão velha como represento; não conto mais do que quatro mezes de idade.* » Esta resposta surpreendeu a Castelli e demais circumstantes; e estreitada a velha a explicar o enigma, accrescentou » *Sim, Senhor nasci no dia 23 de Maio; até então eu não tinha vivido.* » Ao dizer estas palavras, a natureza animava sua voz, e seu semblante sulcado pelo tempo, brilhava d'huma alegria que interessava ainda mais do que a que acompanha, as vezes, a belleza na primavera da vida. (Continúa.)

ESTATISTICA DA INSTRUÇÃO PUBLICA EM  
RUSSIA E NO REINO DE POLONIA.

A Russia e a Polonia estão divididas em 11

districtos academicos que comprehendem hum total de 2,213 estabelecimentos de instrucção publica, a saber: 6 universidades, 83 institutos de ensino superior, 447 escolas de districto communal, 1,070 escolas elementaes e populares, e 607 escolas particulares. Estes estabelecimentos contavam no anno de 1845, 112,408 alumnos. As 6 universidades tinham no mesmo anno hum total de 3,274 estudantes, a saber: a de San Petesburgo 627; a de Moscowa 835; a de Chorkow 441; a de Kasan 406; a de Dorpart 562; e a de Kien 403.

Dos 11 districtos academicos o de Varsovia tem sido o mais sobresalente pelos grandes progressos de seus alumnos, assim como tem sido menores os dos districtos que comprehende a Siberia e as provincias transcaucasicas.

O de Varsovia, cuja creação data de 1840 he o mais consideravel por que se compõe de todo o reino de Polonia. Elle só contém 1,323 estabelecimentos de instrucção publica, que tinham em 1845, 74,292 alumnos. A Siberia possui 64 estabelecimentos com 2,998 estudantes. O territorio transcaucasiano tem outros tantos com 2,346 alumnos. O numero de pessoas de ambos sexos consagradas ao ensino particular era de 1,722.

Faz algum tempo que o governo tem começado a fundar escolas e casas de pupillas destinadas especialmente ás meninas do povo e que devem de servir de modelo aos demais estabelecimentos deste genero. No fim de 1844 havia já 11 dessas casas e escolas em plena actividade.

Entre as bibliothecas da Russia a maior he a do imperador, em S. Petesburgo, que está aberta ao publico tres dias na semana. Ella contém 442,785 volumes impressos e 14,477 manuscritos. No ultimo anno só tem sido frequentada por 809 pessoas, numero extremamente pequeno para hum capital, cuja povoação se eleva agora a quasi meio milhão de individuos, sem contar a guarnição e os estrangeiros. Actualmente

está-se fazendo hum catalogo de manuscritos para a bibliotheca do imperador, quasi todos em linguas asiaticas. O numero de bibliothecas publicas no resto da Russia he de 42; porém a mór parte está ainda em seu principio, como creadas depois de 1835.

Ha na Russia 13 sociedades de sabios, das quaes as dois mais antigas se acham em Moscowa, e são a de sciencias naturaes e a de historia e antiguidades russas.

No referido anno de 1844 tem-se publicado na Russia 890 obras, das quaes 857 são originaes e 53 traducções. A mór parte destes livros tratam de sciencias, sobre tudo de philologia. No mesmo anno tem-se importado do estrangeiro 718,713 volumes: destes 1339 foram inscriptos no indice pela censura e exportados em consequencia. A importação de livros estrangeiros na Russia se augmenta sem cessar: em 1841 foi de 540,000 volumes: em 1842 de 580,000 e em 1843 de mais 600,000.

A fins de 1844 se publicavam 156 jornaes e periodicos sujeitos á censura.

No reino de Polonia tem-se publicado no dito anno 459 obras das quaes 325 estão em lingua polaca e 134 em hebraico. A importação tem sido de 92,384 volumes.

A commissão archeographica junto do ministerio de instrucção publica prepara agora a publicação de outras obras importantes: hum collecção de documentos authenticos ineditos relativos a historia da Russia occidental e outra collecção de memorias sobre a historia antiga da Russia, tomadas em fontes estrangeiras. A primeira destas obras será em dous volumes em folio e a outra em quatro do mesmo formato.

(*Journal des Debats.*)

DA EDUCAÇÃO ESTHETICA DO GENERO HUMANO.

Por Schiller.

Não ha nome mais popular na litteratura allemã como o de Schiller. Suas obras são ali lidas como entre nós as de Servantes, Shakspeare, Victor Hugo e Lamartine.

Goethe he tido além do Rheno pelo diamante mais precioso da corôa litteraria da Allemanha; mas nós, que somos mais praticos e menos inclinados ao vago, e ao indeterminado, damos inteira preferencia a seu rival.

Todos aquelles que estudaram com attenção as suas obras reconheceram que ellas tem mais de Rousseau do que de Kant.

A satira que Schiller faz a sociedade nos seus *salteadores*, he obra dos seus primeiros annos; he anterior a philosophia moderna da Allemanha: echo dos ataques do cidadão de Genebra, contra a corrupção da sociedade. Além disso, Schiller estava no gozo dos attributos da mocidade, que se apraz nos caracteres absolutos, rigidos e inflexiveis. Muitas vezes, em detrimento da verdade historica, introduzia em seus dramas personagens de convenção, que nada tem de humano; typos abstractos da grandeza moral, e do dever tal como concebia. O marquez de Rosa, em D. Carlos, he hum dos exemplos mais salientes que podemos apresentar. He o modello completo do genio e da virtude, assim como os salteadores hum quadro exacto da sociedade para hum moço que sahê do collegio. Este entusiasmo diminuirá sem duvida com o tempo; mas a lembrança ficará gravada em seu coração, e ha de sempre estimar Schiller como o poeta da sua mocidade.

Schiller não era só poeta, mais historiadore e philosopho ao mesmo tempo. Algumas de suas obras historicas, como a *guerra dos trinta annos*, e a *sublevação dos Paizes-Baixos* acham-se traduzidas em Francez e Inglez. Suas obras philosophicas porém são pouco conhecidas. A elle se deve em grande parte o movimento philosophico d'Allemanha moderna, e elle consagrou quasi tantas vigílias á meditação dos principios metaphisicos, quanto ás suas obras dramaticas.

Só podemos conceber aquella falta até certo ponto: Schiller foi creador na poesia, mas não na philosophia, era discipulo e interprete, e os philosophos preferem antes dirigir-se logo ao mestre. Esta falta he inex-

plícavel quanto a obra philosophica de Schiller intitulada: *A educação esthetica do genero humano*.

Nesta obra, Schiller, não he puramente metaphisico, não se occupa exclusivamente dos problemas que se discutem no santuario, e na escola, estuda as relações que existem entre a arte e a philosophia.

Como poeta e metaphisico ao mesmo tempo, aproveita-se desta elevada posição para procurar a theoria da arte, e dar bases solidas á critica, formulando os principios da philosophia das bellas artes.

Geralmente a arte e a critica não fazem boa liga; he verdade que raras vezes são contemporaneas. A critica apparece quasi sempre nas épocas estereis, e quando o tempo das creações já está passado; he então que ella vem armada do escarpello, disseca as obras dos mestres, e procura descobrir o segredo da vida; trabalho realmente interessante, mas que não restitue á humanidade as forças perdidas, e a boa fé em que viviam.

Algumas vezes, entretanto, debaixo do dominio da satira, ouve-se de quando em quando algumas vozes inspiradas: porém ellas nunca sahem da escola, e se o poeta, perdido nas épocas duvidosas e de raciocinios, vem desgraçadamente sentar-se no tribunal supremo, e quer tambem fazer a sua critica, perde quasi sempre a inspiração e a superioridade; eil-o condemnado a impotencia, como se a sciencia lhe tivesse cortado as azas da imaginação, ou extinguido o fogo que o animava. Ora, por hum desses acasos extraordinarios e raros, era Schiller critico e poeta. Creava todos os annos novas obras primas, estudava philosophicamente a theoria do bello e da arte, e, particularmente em 1795, quando seu nome era já conhecido, mas que ainda não tinha adquirido toda a sua illustração, compoz este livro.

Posto que esta obra de Schiller não tinha outro fim senão explicar a origem e as leis da arte, e a sua influencia legitima sobre a humanidade, não devemos julgar que elle se limitasse escrupulosamente a hum circulo já tão



vasto. São questões graves que não deixam de excitar muitas outras que o nosso poeta não hesita tratar. Existe pois em seu livro huma sciencia da historia e huma sciencia da arte; vê-se claramente que a theoria do bello, da verdade philosophica, e a psychologia particularmente representam nelle grandes papeis: Schiller da-se por discípulo de Kant em quasi todos estes pontos.

Elle applica ás obras da arte e da imaginação, e ao mesmo principio destas obras, a idéa do bello, o methodo transcendente applicado á moral e á ontologia. Seu genio he tão homogêneo, que nada nelle se divide, e o seu esthetico está tão intimamente ligado á sua metaphisica que sem hum não pode a outra existir. Entretanto, quando elle declara que he echo de huma philosophia que aprendeu, torna-se mais dependente do que na realidade he, por isso que tem idéas inteiramente desconhecidas em Kant.

A *educação esthetica do genero humano*, escripta em forma de cartas, he pois obra puramente dogmatica, sem caracter algum de correspondencia.

—  
CANCION.

No salgas tan clara, ¡ oh luna !  
Que en mi pecho entra el dolor,  
No es preciso luz ninguna  
En la senda del amor ;

Lanza tu brillo hechicero  
Donde puedas alegrar  
Presentate al marinero  
Clara y pura en alta mar.

Alli amada me espera ansiosa  
Dentro la mata y la flor,  
Y tu luz es enojosa  
A los secretos de amor ;

Que es hermosa y peregrina  
Ya a la luz del sol lo vi,  
De noche su faz divina  
No necessita de ti.

La luz de sus ojos basta  
Para dar brillo á su faz,  
Que la tuya al fin se gasta,  
La de sus ojos, jamás ;

Escucha benigna el ruego  
Que te lanza mi ansiedad,  
Dejame que vaya ciego  
Por medio la oscuridad.

¡ Al fin te occultas ? ¡ oh luna !  
Escuchaste mi clamor :  
¡ Cielo Santo que fortuna !  
Vamos á morir de amor.

(*Ensaíos poeticos.*)

—  
VARIEDADES.

EFFEITOS DO MATRIMONIO SOBRE A DURAÇÃO  
DA VIDA.

O doutor Casper tem publicado ultimamente em Berlin hum escripto que subministra alguns dados curiosos sobre este objecto. Muito tempo antes dizia-se vagamente que os celibatarios viviam menos que os casados. Hufeland e Deparcieux eram da mesma opinião e Voltaire tinha observado que havia mais suicidios entre os primeiros que entre os ultimos.

Odier foi o primeiro que se dedicou a profundizar esta questão, e achou que para as mulheres casadas a duração meia da vida, á idade de 25 annos, era perto de 36 annos e só de trinta para as solteiras. A 30 annos ha huma differença de 4 annos em favor das casadas ; a 35, de dous annos e assim progressivamente. Em quanto aos homens vemos pelos calculos do Deparcieux e de Amsterdam, que a mortalidade entre os de 30 a 45 annos he de 37 por 100 dos solteiros, e só 18 por 100 dos casados, que por 41 celibatarios que chegam a 90 annos ha 48 casados que alcançam a esta idade. A differença he até mais notavel em huma idade avançada ; á 60 annos não chegam senão 28 celibatarios. As mesmas proporções existem com curta differença a respeito do outro sexo : por exemplo 72 casadas e 58 solteiras chegam á idade de 45 annos. Mr. Casper estabelece como axioma incontestavel que em ambos os sexos o matrimonio favorece a longevidade, e com effeito os algarismos que acabamos de citar apoiam victoriosamente seu acerto.

(*Traduzido por João M. V.*)

ERRATAS.			
PAG.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
4.	40	temos	estamos
»	46	trasatlantica	transatlantica
»	47	à europa	a europa
»	29	distingue	distinguem
»	46	Aquel odio	Aquelle odio
»	»	se chamó	se chamou,
»	48	passó	passou
3.	26	deveu vir	devia vir

# OS MISTERIOS DE FAMILIA.

ROMANCE COMPOSTO POR

UMA SENHORA BRASILEIRA.

*Segunda Parte.*

Convento d... 14 de junho de 1840.

Minha boa amiga. A censura que me fazes he inestimavel: tu só, tu sómente ingenua sabes ainda expressar, com palavras em que a verdade he manifesta, o que o teu coração sente. Oh! como te eu vejo pura e virgem! como de teus labios pende a sinceridade! mas como tambem rapida corres para hum profundo abismo de que se não surge fora sem mão de amigo! e quanto me peza a mim, por ti sómente, não viver junta de ti para evitar-te hum damno... Clarice, pára; reflecte: olha com seriedade este mundo enganador que te fascina: encara esse teu Angelo, não como anjo que atonita vez em teus sonhos, porém como homem que he; Como homem, cujo coração calejado pelo pulsar continuo dos instinctos, differe tanto de ti, virgem de animo inda suspenso á eternidade, virgem de coração tão candido e tão terno, que homem nenhum d'elle he digno e só, como tu bem dizes, merecêra o amor dos anjos. Clarice, minha amiga, bem vêes que retirada voluntariamente a esta clausura meus conselhos não podem ser dictados pelo ciúme; não que ja não amo a ninguem: bem podes conjecturar que minhas palavras são sinceras; julga-me por ti. Clarice não dêes grande attenção a tuas concepções de futura felicidade: não he no mundo que a felicidade se hade buscar, não he no amor mundano. Illusão, sonho he tudo sobre a terra; a gloria, a magestade, as gallas, o prazer, he tudo hum sonho: Clarice, quando amor he men-

tira, qual he o ente ou entidade que tenha de verdade hum só vislumbre?

Mando-te a segunda parte do meu romance, não has de achal-a tão laconica, nem tão precipitadas as scenas: e não te hade ser necessario haver de a ler duas vezes para a comprehender. Entre tanto convêm-te que a medites: se lhe deres tempo a que produza em teu animo todo o effeito se mortalmente não foi o teu coração já ferido por essa paixão que me confessas; se a razão, minha pobre Clarice, ainda não te abandonou de todo a leitura dos mysterios de familia, e a persuasão em que debes ficar de que nós ambos nelles somos comprehendidos devem mitigar, senão curar de todo, o fogo que te devora. Lê, minha amiga, lê, mas não como hum romance vulgar, não como hum escripto destinado a adquirir huma reputação litteraria, e que eu nunca aspirarei e que tenho talvez horror porque essas reputações, sendo os sabios tão poucos, são formados entre os indoutos; lê meu romance como hum livro de experiencia, como hum livro destinado a curar muitos enfermos de vaidade, a descuidar muitos olhos que o turbilhão do mundo tem cegado com a poeira das suas banalidade, a que chama honras, fama, glorias, saber, e merito. Lê, Clarice: o meu romance he o meu coração que expinho dilacerado as irrisões dos homens: tão certa eu fiquei de sua barbaridade; quanto os detesto!

Mas ainda não he tempo de te dar minhas razões: dar-t'as-hei se te vir docil aos meus

conselhos ; ao contrario lastimar-te-hei comigo ; mas não perturbarei o que tu chamas a tua felicidade.

Dizes-me tu que só teu pae aprova a tua união com Angelo, e que tua mãe, agoura mal desta união. Clarice, o coração presago de huma mãe poucas vezes se engana. A minha dando a alma a Deos, prognosticou minha desventura. Hum pae nem sempre sabe consultar o coração de sua filha e raras vezes o conhece. O meu... Por ora basta minha amiga. Ainda não mereceste minhas intimas confidencias, ou merecendo-as, não te vejo disposta a tirar dellas todo o salutar effeito que dar-te podem.

Queres que te diga, minha Clarice, o que penso de teu Angelo? queres receber por ora esta unica confidencia, e, sem ver em que se funda, calcular sómente as consequencias que tem?

Minha innocente amiga : ouve com muita attenção o que tua mãe te diz : ouve-me a mim como se eu fosse ella mesma. — O teu Angelo he hum monstro.

Tu vaes acolher esta minha confidencia, ou denuncia como o riso da incredulidade. Angelo vae por minha accusação parecer-te ainda mais bello ; mas eu t'o repito, Clarice— o teu Angelo he hum monstro— e ai de ti se lhe caes nas garras.

Adeos minha... talvez inimiga, porque ha verdades que não se querem ouvir ; mas como quer que seja, adeos.

*Matilde S. A...*

## 1650.

« Contaste-me a tua historia : ouve agora a minha ; e, sem te horrorisar, sirva-te ella de lição ; mas não me aborreças. Viste Susana tão má, tão desapiiedade : não a amaldições ; não me amaldições tambem.

Nós neste mundo temos cada hum nosso papel que representar ; e esse papel he por si mesmo hum phantasma para o spectador : nada ha nelle que seja real : tudo segue huma

fatalidade : he tudo em nós huma enfermidade horrivel.... horrivel para o que nos vê padecer ; e muitas vezes cheia de voluptuosidade, cheia de dôres, que não se trocam por prazeres.

A natureza humana he sempre hum cahos para o philosopho ; e he sempre hum spectaculo vistoso para os imbecis, que a veem sem reparar nelle, que a gozam sem tál-a provado. »

Havia o quer que fosse na phisionomia do narrador que indicava anormal estado de funcções do corpo e do espirito ; molestia duplicada que affectava ao mesmo tempo o sensorio e os orgãos todos : além disto setenta annos indicavam que não teria de ser longa nem regular a vida deste homem.

Era elle O' Diler ; o magistrado que vimos restituir a Augusto os bens que lhe tinha roubado, e que vamos agora vêr na mesma attitude, e entre a mesma sociedade, que tinha presenciado o seu arrependimento.

Sem deixar-se interromper continuou.

« Ha sómente hum mez : repara bem : ha sómente hum mez que sinto o que seja a vida : e setenta annos conta a minha ; e sua passagem pela terra deixará traços que setecentos annos não podem apagar : e ha sómente hum mez que vivo : porque ha tão pouco tempo que arrojé para longe a carga de meus crimes, e me abrigueis de meus remorsos entre os braços da probidade.... alheia, porque a propria.... »

Augusto se tinha erguido, vendo que mais e mais crescia a exaltação de O' Diler ; e as ultimas palavras deste eram já ditas quando se abraçavam ambos ternamente.

Esta emoção pareceu communicar-se á toda a companhia, que veio á roda da cadeira de O' Diler apinhar-se.

« Oh ! não ! não ! essas provas.... esses documentos.... ficará tudo perdido.... larguem-me.... não me suffoquem.... não me roubem ; que os roubam ; que os perdem.... »

O' Diler se debatia inutilmente para desprender-se dos braços de Augusto e de outras

pessoas que o seguravam, julgando todos que tinha enlouquecido.

Só quando se queixou de que o suffocavam he que a custo conseguiu ficar desembaraçado.

Então respirou largamente por muitas vezes; e mal podendo articular palavra foi seguindo com voz entrecortada.

— « Fatalidade!... eu t'odizia, Augusto... fatalidade... Hum mez ha que todos os teus bens te foram restituídos - hum mez só... ! que fizestes tu delles? de que te aproveitaram?... Ficaste rico, e mal podestes repartir com alguns indigentes algumas pequenas moedas... tinhas acanhamento de ser prodigo com os necessitados, em quanto judicialmente não tomavas posse desses immensos bens... agora que me suppunhas talvez mais enfermo que constricto vieste-me abraçar... fatalidade... eu t'o dizia... esse abraço nos ferio ambos; a ti da miseria e perseguições, a mim de remorsos... a mim de pezares que me hão de atormentar mais do que á minha voz o algoz atormentou já tantos innocentes... oh! viver hum mez sómente... e acabar-se tão cedo esta divina consolação que hum perverso arrependido encontra na consciencia... e nesse limitado tempo ver escapar a prosperidade do centro de huma familia honesta para as mãos de hum malvado... e esse malvado... não poder ao menos indical-o á execração publica... Oh! he muito soffrer... Não he muito... eu tenho feito soffrer muito mais a quem nunca me offendera... Henrique, não foi depois de longos padecimentos que chegaste a ver Leonor digna de ti? Leonor, não foi depois de tantas privanças que encontraste a felicidade? o velho Augusto lamentando a sua Julia, não encontrou tanto allivio nos braços de seu filho?... mas todos vós tinheis puro o coração... ai de mim... todos vós tinheis sido justos... e não consente Deos que minha mão afeita ao crime, uma vez, huma vez só complete huma acção boa. Reprobo... maldito... morrer amaldiçoado... morrer...

Longe o delirio: estas palavras ambiguas ou designando horribeis pensamentos, profundo remorço, e hum segredo tremendo, produziam nos circumstantes huma consternação tal que todos se approximavam para socorrer O'Diler, quando elle erguendo-se quasi sem custo, e, n'huma exaltação que horrorisava, bradou.

— Não vos approximeis... Ninguem metocará que não fique desgraçado.

Todos se afastaram, elle cahio de novo prostrado em sua cadeira e cahio a seus pés huma joven senhora que poderia ter deoito annos, mas que indicava muitos mais pela phisionomia, em nada favorecida pela natureza, e demais ainda alterada por enfermidades ou penas, ou qualquer outra causa.

Conservando-se de joelhos tomou entre as suas as mãos do desgraçado velho, as cobrio de beijos, as regou de lagrimas; pouco depois o braço admiravelmente torneado de hum mancebo, tão lindo quanto pode imaginar-se passou pela cintura desta joven senhora e a suspendeu brandamente: ella não resistio ergueo-se; e com huma resignação inexplicavel seguio machinalmente seu lindo conductor, e desapareceu com elle da sala.

O'Diler entre tanto tinha ficado nesse torpor que segue as grandes emoções, vendo tudo sem nada comprehender, ou demorada a sensação sem della tomar conta o entretenimento.

Os circumstantes todos cada vez se admiravam mais do que presenciavam, e nenhum ousava communicar aos outros seu pensamento.

O'Diler pouco a pouco tornando a si lançava estranho olhar por toda a sala e convidados, até que encarando por alguns instantes para o joven Augusto, surrio-se, com hum sorrir que não pode descrever-se; com aquelle sorrir que hade assomar aos labios de quem á força de experiencia chega a conhecer o que valle o mundo e os homens, e quer dizer o que sente a semelhante respeito, e tem certeza de não ser comprehendido: acenou bran-

damente para que Augusto só se approximassem, e lhe disse com muito custo.

Roubaram-te... quando me abraçavas senti que me furtavam todos os títulos, e documentos que hia dar-te legalizados e que te eram necessarios para haveres a posse legal de teus bens, que por meus tinham.... e quem foi que m'os roubou?

Não t'o direi....

Afastai-vos, Senhores, disse então para os circumstantes, e continuou ao ouvido de Augusto....

Não te o direi; não te posso dizer quem seja agora o ladrão.... já não sou eu.... oh! que antes o fôra: não soffrera tanto.... toma esta chave, e não te esqueçam estas palavras.

— Stington-Hall. —

Soffre.... soffre miserias, perseguições, talvez a morte; mas lega a teus filhos esta chave, e estas palavras....

Tinha feito hum esforço sobrenatural; tinha-se exaltado, e parecia que se lhe partia o coração porque levou ao menos ao peito que apertou com força: compungido então por huma recordação murmurou.

— Aqui mesmo agora a vi prostrada, anjo de bondade, beijar estas mãos, infanticidas, estas mãos que a torceavam....

Mudou de phisionomia, fez-se cada vez mais palido e convulso, e com voz que parecia vir do fundo do peito e reflectir-se outra vez nelle, disse:

Daqui, agora mesmo, a vi arrastada por aquella mão tão linda... tão linda... tão delicada... e tão... Augusto... Augusto... sinto-me morrer, soccorre-me... sê tu quem me feche as minhas palpebras... e não me amaldições... ao menos tu me fiques para orar por mim... tu, que me deves toda a tua desgraça, sê generoso...

Senhor ficae tranquillo respondeu-lhe Augusto, nós eramos pobres: deste-nos avultados bens, que não chegamos a desfrutar; continuaremos a viver tranquillos como dan-tes; o vosso nome nunca vos hade ser odioso e pediremos a Deos que vos perdoe, e se elle

quer dispôr já de vossos dias acompanharemos vossos ultimos instantes...

O'Diler sem dar attenção alguma murmurou.

— Tal pae, tal filho.

Ninguem comprehendeu o que elle queria dizer: elle então como se tivesse sentido violentas dores no coração levou a mão ao peito para o comprimir, e de repente súa phisionomia tomou a expressão do mais vivo prazer, daquelle prazer que se pôde imaginar no coração de hum filho que livra seu pae do patibulo.

Salvação! salvação! toma: toma antes que te roubem: toma este papel... he o teu ultimo refugio: esqueceram-se disto, e elle te basta... morro tranquillo... depositei nas tuas mãos a tua fortuna... que te havia roubado... que te hão de querer extorquir: mas que não podem deixar de restituir-te em fim: constancia... ah meu filho... minha victima... Adelaide... Eugenio... eu morro... nem te amaldição... nem posso abençoar-te... e morro...

Era crescente a anxiedade: era cada vez mais assustador o estado de perturbação e de abatimento em que se via O'Diler... foram chamar seus filhos... nem huma nem outro aparecia... durou esta horrivel scena de agonia por mais de duas horas... ouviram-se, interrompendo o silencio atterrador que reinava, estas palavras mal articuladas.

— Tal pae, tal filho e depois no murmurio, como o que segue fatal desengano longo esperado e temido, estas vozes.

— Morreu, morreu.

Proferidas entre suspiros e gemidos em ficticios ou talvez sinceros.

Deixemos que se passe a luctuosa scena do saimento de O'Diler.

Nem queiramos suppor que as negras nuvens carregadas, que a tempestade medonha suspensa nellas, até que o prestito houvesse ido caminho do jazigo, e desprendendo seus horrorosos estragos durante a procissão funebre, e seguindo-lhes serena tarde e douradas purpuras, raios de hum sol que parecia repousar de hum dia angustiado, sejam signaes de colera de hum Deos implacavel; mas antes tenhamos por fé que a misericordia divina ha tomado em conta o arrependimento desta alma desgarrada, que tarde, mas sempre huma ora, veio recolher-se á casa do Senhor. As grandes desgraças dão coragem ás almas, que mais debeis pareceram,



5.<sup>a</sup> Liberdade e segurança perfeita e perpetua para o commercio mutuo, e para o de cada Estado em paizes remotos.

6.<sup>a</sup> Suppressão total e perfeita dos gastos extraordinarios por mar e terra em tempo de guerra, e diminuição consideravel dos gastos ordinarios em tempo de paz.

7.<sup>a</sup> Progresso sensível da agricultura e da população, das riquezas do Estado e das rendas do principe.

8.<sup>a</sup> Facilidade de todos os estabelecimentos que possam augmentar a gloria e autoridade do soberano, os recursos publicos e da felicidade dos povos.

Assim calculava o bom do abbade Saint-Pièrre, justificando o dito de João Jacques Rousseau: « He preciso confessar que, em todos os seus projectos este homem honrado, via bem o effeito das cousas; porém julgava como uma criança ácerca dos meios de estabelecê-los. » Para cumulo de illusão, o pacificador universal recorreu a historia, crendo achar nella, entre a multidão, alguns complices de sua idéa favorita. Apresentaram-se-lhe logo os de Henrique IV e de Sully. Com effeito, Sully imaginou em 1603 um pacto entre a França, a Inglaterra, e outras grandes potencias do continente, e empreheu duas vezes uma viagem a Londres, afim de promover esta negociação. Porém neste projecto não se tratava da restauração do seculo V. Tratava-se de humilhar a Hespanha, então ameaçadora para a tranquillidade do mundo, e de oppôr-lhe um contrapezo em uma coalisão européa; a mesma politica, de que a nossa época viu uma applicação na alliança dos monarchas europeos contra o imperador Napoleão.

Nestas combinações engenhosas esquecia-se o abbade Saint-Pièrre de uma cousa; que os successos humanos não se produzem somente por calculos e reflexões. A guerra é o fructo das paixões, e é mais facil censurar as paixões, que extinguil-as. Debaixo de uma monarchia o capricho de um rei, debaixo de uma democracia o pundonor e os interesses de um povo, podem occasionar collisões, já ligítimas, já injustas. Temos visto suscitar-se a guerra até no sublime em defesa heroica do territorio, como a de nossa primeira revolução; vimos tomar um character de grandeza que não podia menos admirar, durante aquella epopeya imperial em que nossas aguias correram o mundo. O emprego da força está exposto á graves abusos, porém ás vezes é a unica que resta á justiça.

Os homens que depois de Saint-Pièrre resumiram o seu plano de paz perpetua, não ajuntaram nada aos argumentos nem aos meios desenvolvidos por aquelle escriptor. O sonhador do ultimo seculo é todavia o humanitario mais rematado que tem apparecido. Porém os poetas tem ido mais além. No entanto o philosopho se contentava

com pacificar as nações e exortar-as à concordia, os poetas tem proposto uma reforma ainda mais radical, suprimil-as. O mais illustre de todos, e a quem não devemos combater senão com as considerações devidas ao talento, deixou-se arrastar por esta idéa, quando disse :

Porque se hão de os homens mutuamente  
 Odiar ferozes?  
 Do que servem mortaes essas barreiras  
 Que ao Eterno desgutam?  
 Acaso ha fronteiras  
 Lá nos Ethéreos azulados campos?  
 Por ventura no immenso firmamento  
 Vê-se estacadas, notam-se limites,  
 Muralhas se apercebem?  
 Povos... Nações..., titulos pomposos,  
 Que significam elles?  
 Vaidade e, o que mais é, barbaridade!  
 Quem os passos atalha  
 Ao amor não detem. Rasgai humanos  
 (A natureza clama)  
 As nacionaes bandeiras tão funestas:  
 Tem Patria o egoismo, Patria o odio  
 Não a fraternidade.....

Depois de algumas outras estrophes o poeta completando o seu pensamento acrescenta :

Somente o pensamento  
 Barreiras reconhece,  
 Illustrando-se o mundo  
 Se chega á unidade.  
 E' minha patria onde  
 Das francezas glorias  
 Os aureos raios chegam,  
 E de sua doce lingua  
 Da intelligencia humana  
 Se promulga o codigo.  
 Sou do homem patricio  
 Que pensa e raciocina:  
 Verdade és minha patria.

São sentimentos nobres e cavalherescos, sem duvida; porém será bem medida e sensata a sua expressão? A pretexto de estabelecer um vinculo universal entre os homens, não é de temer que se debilito o instrumento mais perfeito que tem conhecido até hoje a civilisação



e a nacionalidade? Não: diga o poeta o que quizer, a nacionalidade não é barbaridade, antes tem servido para tirar o globo das mãos desta: tem continuado, engrandecendo-o, o papel que representaram a familia, a tribu, a cidade, a casta, a raça; tem reunido o que estava disperso: creou forças aonde só havia fraqueza, e direitos aonde só reinava a violencia. A' medida que se foi estendendo o raio desta solidariedade, vimos despojar-se mais e mais do espirito de egoismo, é certo; porém estendendo-a illimitadamente, expomo-nos a deixar a realidade para correr apoz um sonho, e a sacrificar associações effectivas, poderosas e fecundas, por associações chimericas.

Quando se falla de paz e de guerra é necessario attender ás hiperboles, e não cahir nem na declamação nem no delirio. Sim, passou o tempo dos desafios bellicosos: o desejo de repouso existe hoje em quasi todas as almas. Por uma parte, as nacionalidades não se mostram já tão zelosas, nem tão turbulentas, por outra, o commercio e a industria estendem a sua rede sobre o globo, e tornam mais difficéis os rompimentos, fazendo-os mais temiveis. O espirito de conquista tem deixado os costumes dos povos e os desejos dos soberanos. Principia-se a entrever a fortuna de um estado no correspondente sempre a extensão do seu territorio, e que um desenvolvimento exagerado expie por crueis represalias: tem-se menos confiança na fortuna, e mais na moderação; não se quer nem o papel de opprimido, nem o de oppressor: não se joga tão levianamente com a fortuna e o sangue dos homens. Os pretextos de guerra parecem tambem diminuir: os povos não se resignam já a sustentar os delirios dos reis. As lutas de equilibrio politico e de rivalidade nacional não estão mais em voga, as lutas de principios parecem demasiadamente perigosas. No meio dos desenfrios da cobiça, ha só uma guerra terrivel, a dos interesses. Porém aqui tambem o antidoto está do lado do mal. Logo que a guerra chega a ser um calculo, é quasi impossivel; toda a guerra custa mais do que produz, e os interesses com que se roçam um rompimento estarão sempre além de toda a proporção com os que a guerra se propozha a vingar ou offender.

---

### ***Estado Presente dos Estados Unidos.***

Em Boston e em todo o Messachussets a agricultura e a horticultura são objectos de particular estudo de uma porção de pessoas instruidas! Até nas aldeias se acham estabelecidas varias sociedades para secundar os progressos e as descobertas.

Lowel, a 26 milhas de Boston, é o typo do povo manufactureiro: ha muitas sociedades na Europa que se vangloriam de sua doutrina,

e cuja importancia é inferior á de Lowell. Ha alguns annos que não era mais do que um deserto; porém hoje é um centro de commercio mui animado. Este povo tem fabricas de pannos, de tapetes, de algodão e officinas para a construcção de machinas. A maior parte dos obreiros são moças, que estão para com os moços na razão de 500 por 1,500. O producto dos tecidos de lã é enorme: todos os annos se elaboram mais de 12,000,000 de libras de algodão, fabricando-se além disto uma quantidade consideravel de tecidos de diversos generos.

As companhias que presidem á existencia manufactureira de Lowell tem construido nas visinhanças de suas fabricas, grandes edificios para alojar os obreiros de ambos os sexos; empregados especiaes vigiam os homens e mulheres de idade madura, e cuidam dos moços. Os obreiros de Lowell não vivem debaixo da tutela de suas familias; nascidos a mór parte nos estados da Nova Inglaterra, de arrendatarios de mui pouca fortuna, deixam seus pais e consagram longe delles uma parte de sua mocidade em formarem-se um dote com o seu trabalho e economia. É prohibido aos obreiros de Lowell o fogo e a bebida, e tudo o que pôde ser contrario á ordem e os bons costumes, sob pena de serem expulsos. Em abono da verdade devemos dizer que são mui poucos os que se acham neste caso. Trabalha-se vigorosamente toda a semana, concedendo-se sómente no domingo algumas horas de recreio depois da oração.

As companhias tem estabelecido *caixas economicas*, onde vão os obreiros depositar suas economias, e escolas primarias, em que seus filhos recebem os primeiros elementos da instrueção.

Em todas as partes da União se acham estabelecimentos semelhantes: o trabalho, a ordem e a economia são a base destes pequenos grupos que constituem a Grã Familia Americana. Os resultados deste espirito de associação e desta intelligencia de commercio são immensos. Os estadistas tem intentado reduzil-os a numeros; porém não lhes tem sido possivel levar a effeito seus trabalhos.

Os focos da producção estão tão disseminados na America do Norte, as operações são tão diversas e tão difficeis de registrar, e repugna de tal maneira a administração o misturar-se nos negocios dos particulares, que por muito tempo não pôde ter dados positivos sobre a importancia industrial dos diversos estados da União. Não ha duvida de que é conhecida a somma das importações e exportações; porém este documento, por mais exacto que seja, não demonstra o algarismo da producção indigena. Sem duvida deve ser muito elevada; porque o consummo interior de todas as especies de productos é imenso: vamos dar alguns detalhes.

Já em 1831 contavam-se nos 12 Estados da União, a saber: Vir-

ginia, Maryland, Maine, Vermont, New Hampslure, Massacluset, Comeiclient, Rhode Ssland, New-York, Pensilvania e Delaware, 795 manufacturas de algodão, com um capital de 40,800 libras occupavam 16,600 obreiros varões, 39,000 mulheres, e 4,700 meninas, que punham em movimento 1,217 fusos; 33,500 fabricas de tecidos, que produziam 230,462,000 *fardos* de tecido, em cujo fabrico entravam 77,758,000 libras de algodão. As officinas para a construcção das machinas representavam um capital de 2,400,000 dollars.

Seria difficil avaliar as produções dos tecidos de canamo e de linho; porque a industria domestica fabrica a mór parte. O valor das cordas é de 5,000,000 de dollars, e a exportação d'algodão, cada vez mais em augmento, offerece um grande desenvolvimento no fabrico dos tecidos.

As officinas da marinha apresentam o quadro da actividade mais poderosa. Uma machina de vapor da força de 12 cavallos dá impulso no arsenal de Washinton ás fragoas e forjas.

As tendencias são mui numerosas em New-York. A quantidade de ouro que se consome na união é de 52,000,000 de libras. Now-York, produz mais de 12,000,000, e o valor total dos couros cortidos e promptos para o consumo passa de 50,000,000 de libras. Os principaes cortumes que se empregam em cortar são a *abies canadensis*, o *quercus* e o *epaniskoak*.

A ebanistaria tem uma grande parte no movimento da industria americana. Os armazens de New-York e de Philadelphia estão surtidos de moveis perfeitamente trabalhados. Os vidros e cristaes indigenas são quasi sufficientes para as necessidades do mercado.

Ha mais de um seculo que a Nova Inglaterra fabrica papel. Para favorecer esta industria o governo gravou o papel estrangeiro com direitos muito altos, e franqueou as materias primas. O fabrico de obras de estanho, de cobre e de folha de flandres se tem aperfeiçoado admiravelmente.

As fabricas de conchas, ossos e marfim produzem mais que para o consummo. Entre os objectos de luxo devem mencionar-se as obras de ouro, prata e pedras preciosas. A porcellana é tambem de excellente qualidade.

A pesca da baleia offerece beneficios consideraveis, o sperma se consome na União, e o azeite, assim como as barbas, se exporta para a Europa.

Posto que sejam incompletos os dados que temos offerecido sobre a sempre crescente industria dos Estados Unidos da America do Norte, e sobre o seu immenso desenvolvimento não fica este comtudo menos provado. Todas as forças dos Estados Unidos se concentram para a industria,

ponto unico central. Do mesmo modo que o homem não pensava em outro tempo na Italia mais do que no triumpho da arte, os Estados Unidos consagram exclusivamente o poder que tem recebido de Deos á sua organização material e industrial. Não ha duvida de que esta necessidade de adquirir poderia trazer consigo grandes riscos, porém acham sufficiente contrapezo no estado do paiz.

No seguinte artigo daremos o quadro dos costumes da America Septentrional traçado pela penna de Mr. Everret, costumes que formam naquelle paiz um dos primeiros elementos de sua prosperidade.

---

### ***A educação esthetica do Genero Humano por Schiller.***

(Continuado do n. 36).

« Esta triste destruição que a arte e a sciencia acabavam de operar  
» no interior do homem, tornou-se geral, e foi levada ao seu cumulo  
» pelo novo espirito que animou os governos.

» Não era sem duvida presumivel que a organização simples das  
» primeiras republicas tivesse de seguir a candura dos primeiros cos-  
» tumes, e das primeiras relações sociaes; mas, em vez de elevar-se  
» a uma vida superior, a nova organização não foi mais que um  
» puro mecanismo. A natureza de polypo dos Estados gregos, pela  
» qual cada individuo gozava de uma vida independente, e que podia  
» reunir-se, em caso de necessidade, a um todo compacto, foi substi-  
» tuida por uma maquina complicada, que, pela proximidade das  
» partes numerosas, porém inanimadas, dá á totalidade uma vida me-  
» canica. Foi assim que o Estado e a Igreja, as leis e os costumes  
» se separaram; de uma parte estavam os gozos, de outra o trabalho:  
» aqui, o meio; ali, o fim; de um lado os esforços, de outro as  
» recompensas.

» Perpetuamente addido a um fragmento do todo, nunca se forma  
» o homem senão como fragmento; não escutando senão o ruído  
» monotono da rôda que faz girar continuamente, nunca desenvolve  
» a harmonia do seu ser; e em vez de timbrar a humanidade em sua  
» natureza, torna-se a copia morta de sua profissão, ou de sua sciencia.  
» Porém o fragmento mesmo que liga ainda os membros isolados do  
» corpo social não depende de formas que são o producto da pro-  
» pria actividade destes ultimos; como se podia confiar a livre arbi-  
» trio um mecanismo tão complicado, e que receia, além disso, a luz  
» do dia? Fazem-lhe pois passal-o, com severo escrupulo, por uma  
» formula que prende a liberdade da opinião e do pensamento. A  
» letra morta toma assim o lugar da intelligencia viva; e uma memo-

» ria bem exercida torna-se guia mais certa que o genio e o sentimento.

» Fazendo o Estado do emprego a medida mesma do homem, pediria a um de seus concidadãos a memoria sómente; a outro, a intelligencia dos codigos; a um terceiro, a facilidade mecnica; exigindo aqui só conhecimentos, sem pedir nada ao character; ali, ao contrario, um espirito de ordem e uma conducta regular, permitindo a todas as qualidades a mais profunda ignorancia; e como quer, ao mesmo tempo, que estes talentos e estas qualidades parciais tenham uma intensidade tão grande que concede para isso, de facilidade ao individuo, devemos-nos admirar de ver desprezar as faculdades da alma, e do espirito, para empregar todos os nossos cuidados só a especialidade que se recompensa, e que nos eleva ás honras?

» Sabemos, com effeito, que o genio energico, e de primeira ordem não dá por limites de sua actividade as do espirito; mas o talento medioere gasta, na occupação que lhe cabe em partilha, a somma modica de suas forças; e não é homem vulgar, aquelle que, sem ser nocivo á sua profissão, cultiva além disso, as sciencias e as artes. De outra parte, é raramente boa recommendação para o Estado, quando as forças excedem ao fim que é necessario preencher; não lhe agrada ver a intelligencia do homem de genio impor ao das necessidades, e crear assim uma rivalidade com o seu emprego. O Estado é de tal modo cioso de possuir exclusivamente os seus servidores, que consenteria antes em repartir a posse de seu escravo com Venus Chytherea do que com Venus Urania.

» É assim que se extingue a vida intellectual, para que o Estado possa prolongar a sua miseravel existencia. É assim que elle vive eternamente estranho a seus concidadãos, por que nunca é accessivel ao sentimento. Obrigado a recorrer á classificação, para se dar melhor a conhecer no meio da multiplicidade de seus concidadãos, e não chegando a humanidade a elle senão pelo modo representativo, acaba o governo por perdê-lo inteiramente de vista, confundindo-o com uma simples ficção do entendimento; e o cidadão aceita com indifferença as leis que pouco dizem respeito á sua personalidade. Cansada, em fim, de soffrer um jugo do qual o Estado lhe não pode alliviar, a sociedade positiva, como ha muito tempo o prova a sorte dos Estados da Europa, cahê em um estado moral de tal natureza, que o poder governamental fica sempre sujeito ao odio e á estrategia d'aquelles que tornam indispensavel o emprego deste mesmo poder, ou não é respeitada senão por aquelles que poderiam dispensal-a.

(Continúa.)

# Biographia

## *Do Doutor Gall.*

Este celebre phrenologe nasceu em Tieffenbrum, grão ducado de Baden, no anno de 1758, e falleceu em Paris, em 1828, na idade de 70 annos.

Deixou-nos um resumo de suas primeiras impressões e observações, e nos poz em estado de seguir os progressos de uma doutrina, cujo descobrimento é em si mesmo uma nova prova que podemos ajuntar ás muitas em que se funda. O joven Gall era dotado de grande talento de observações o qual nelle se manifestou desde sua infancia.

Filho de pais escassos de fortuna e carregados de familia, viveu desde muito menino no meio de irmãos, cujo character, talento, inclinação e facultades eram diametralmente oppostos. A inveja, a emulação, a amizade, o odio, o desdem, se desenvolveram reciprocamente em todos os irmãos e foram a origem das relações que se estabeleceram para o diante entre elles e o joven Gall.

Rara vez se equivocam os meninos por preoccupações: tomam geralmente as cousas como ellas são em si. De prompto foi facil a todos elles conhecerem os que eram viciosos ou inclinados á virtude, modestos ou arrogantes, francos ou dissimulados, sinceros ou embusteiros, pacificos ou chimeristas, bons ou máos.

Uns se distinguiam por sua boa letra, outros por seu talento calculador, estes pelo prodigioso de sua memoria, aquelles pelo seu gosto para o desenho, para a historia, a geographia, &c. Uns sobresahiam em suas composições pela elegancia dos periodos, outros tinham sempre um estilo duro e secco; outros manifestavam talentos ou inclinações para cousas que não eram de maneira alguma o objecto de seus estudos, como por exemplo os que desenhavam, e recortavam figuras de papel com muita graça, sem ter noção alguma de desenho nem de pintura. Alguns empregavam todas as suas horas de recreio em cultivar a terra, e outras na caça; estes faziam collecções de conchas, insectos ou plantas; outros criavam passaros, coelhos, pombos, observando seus instinctos e costumes.

Deste modo se differencavam entre si todos os companheiros do joven Gall, por affeições particulares, que se desenvolviam nelles espontaneamente e que eram, por assim dizer, inherentes á sua natureza, sem que nenhuma causa exterior tivesse contribuido a produzir

estas differenças. Observou tambem que todas conservavam o seu character primitivo, á medida que se iam formando: nunca vio que aquelle que em sua mocidade tinha sido travesso e embusteiro, deixasse de sel-o com o tempo.

Os condiscipulos mais temiveis para elle eram aquelles que aprendiam as cousas de còr com tanta facilidade que na occasião dos exames ganhavam os premios a que lhe tinham feito aspirar o merito de suas composições.

Tendo mudado muitas vezes de eschola e de collegio teve sempre a desgraça de encontrar condiscipulos dotados de grande memoria, e observou com grande admiração, que estes ultimos se pareciam por seus grandes e esbugalhados olhos com os primeiros condiscipulos que tantas vezes lhe haviam feito perder os premios por sua extraordinaria retentiva.

Sempre que encontrava novos condiscipulos estava seguro de achar rivacs temiveis a respeito de memoria em aquelles que tinham os olhos esbugalhados. Esta especie de olhos tinha chegado a ser para elle um objecto de terror e de desesperação, porque estava seguro de que aquelles que assim os tinham só lhe eram superiores na capacidade de recitar longas passagens com exactidão, e comtudo, perdia por causa delles as vantagens que deviam procurar-lhes as suas faculdades intellectuaes evidentemente superiores. Em verdade era mui curioso ouvir contar o doutor Gall quantos momentos de tristeza, de tédio, e de amargura lhe fizeram passar na época de seus estudos os jovens a quem a natureza tinha concedido esses olhos esbugalhados que com tão incansavel tenacidade lhe tinham perseguido de collegio em collegio. Sem embargo, estes momentos de amargura foram a base de todas as observações e de todas as meditações em que fundou depois a origem da phrenologia.

Se o joven Gall não fosse tão desgraçado nestas differentes circumstancias, talvez, não tivesse occasião de observar a coincidencia que existe entre a memoria e a forma exterior dos olhos. Pensou que esta coincidencia não devia ser um simples effeito da casualidade, e a força de discorrer sobre isto, chegou a imaginar que, sendo assim que alguns signos exteriores indicavam a existencia da memoria, devia succeder a mesma cousa com as demais faculdades do intendmento. Esta simples observação lançou os alicerces da sciencia de nossa intelligencia, cujos resultados são muito importantes para a educação.

O doutor Gall começou por procurar signos exteriores para a imaginação, o juízo, a percepção e a attenção, porque tal era então a divisão das faculdades da alma; uma multidão de factos extraordinarios submergem-o em breve na mais profunda escuridão. Começava já o joven estudioso a renunciar á sua empreza quando uma nova obser-

vação illustrou-lhe de repente ácerca do caminho que devia seguir. Apresentaram-lhe um dia a uma joven senhora que ao sair de um concerto podia cantar quasi toda a peça que tinha ouvido e que contudo não tinha os olhos esbugalhados. Este facto convenceu ao doutor Gall que havia muitas especies de memorias, e immediatamente renunciou a continuar as suas investigações conforme os systemas e idéas dos philosophos. Fez quanto pôde para esquecer tudo o que tinha aprendido sobre a natureza moral, e conheceu, até a evidencia, que todas as contradicções que tinham-lhe fatigado tão inutilmente, haviam resultado de ter seguido um máo methodo de observação, o qual devia-se abandonar antes de ir mais adiante. Cheio de resolução e de confiança em sua nova determinação de consagrar-se ao estudo da natureza com a sua só inclinação á observar e a meditar, começou a procurar caracteres distinctivos nas faculdades da alma, não taes como se designam nas sciencias, mas sim como apparecem á primeira vista e na linguagem ordinaria da Sociedade.

Examinou successivamente as cabeças dos musicos, dos poetas, dos mechanicos, dos mathematicos, dos pintores, em uma palavra de todos os homens celebres, dotados de um grande talento natural. Buscou igualmente as pessoas que se distinguiam na sociedade por uma inclinação bem determinada; fez uma collecção de craneos modelados em gesso, correspondentes a individuos valentes, cobardes, circumspectos, voluveis, orgulhosos, vãos, altivos, astutos, bons, máos, &c. Visitou as cadêas e pediu que se lhe disgnasse por classes os malfeitores e criminosos.

Ha assassinos que tem uma tendencia tal ao crime que toda a sua vida não é mais do que uma serie de maldades produzidas por uma verdadeira necessidade de obedecer a uma inclinação quasi irresistivel; por fortuna esta classe é pouco numerosa. Outros tem-se feito culpados tanto pela miseria e falta de illustração, como pela influencia de uma organização inclinada ao vicio e não modificada pela educação. Entre estes e aquelles vem-se alguns que tem desenvolvido a maior actividade de astucia, quer para commetter seus crimes, quer para defender-se diante dos juizes; ao passo que outros tem manifestado a maior torpeza em todas estas circumstancias. (Continúa.)

---

### **O Novo Collegio**

DA SOCIEDADE AMANTE DA INSTRUCCÃO.

O dia 4 de outubro de 1846, cuja recordação sempre será grata a corações sensiveis e bemfazejos, e a quem compungem as lagrimas e ge-



midos da innocente e desvallida orphandade, testemunhou o quadro mais tocante e lisongeiro, que por igual motivo tem-se offerecido aos olhos da população desta capital! Destinado á abertura do novo collegio para a educação de meninas orphãs e sem amparo, raiou cheio de vida, risonho e sereno, semelhante aos dias mais amenos da primavera, como que ufanso de haver sido o escolhido para a solemnidade de um acto tão santo e justo!

A sociedade Amante da Instrucção, organizada em 5 de Setembro de 1829, para desempenhar essa nobre missão sobre a terra, sollicita no seu engrandecimento, mais um passo avantajou na rapida carreira de sua prosperidade, creando a nova — Aula de S. Bento — no edificio doado pela corporação Benedictina do Rio de Janeiro, para abrigo de uma classe em tudo digna de commiseração, e que felizmente tem grangeado a protecção de um povo esclarecido. Instituição tão util e grandiosa, não podia deixar de ser solemnizada com toda a pompa; e a actual administração, que não perde de vista os meios de seu melhoramento, solemnizou com a que lhe foi possivel o acto que por si só servirá de perduravel monumento á sua existencia, e de padrão ás gerações vindouras.

De antemão preparado os meios de levar a effeito essa solemnidade, reuniram-se na sala das sessões da Sociedade, todos os membros da administração, socios, alumnas e alumnos das differentes aulas, e as dez orphãs do novo collegio. O presidente, depois de dar vivas á S. M. o Imperador, fez seguir o prestito pelas ruas d'Ajuda, S. José e Direita, até á Igreja do Mosteiro de S. Bento, onde já se achava S. Ex. Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo Capellão Mór Conde de Irajá, que fôra recebido pela corporação Conventual e uma commissão de pessoas gradas do paiz para esse fim convidadas; recebendo outra as dez orphãs, sobre as quaes choveram flores das tribunas. Um concurso numeroso de expectadores existia dentro do edificio da Igreja, inclusive mais de 200 membros da Sociedade Amante da Instrucção. Cerca de cento e tantas alumnas, occupavam á direita tres ordens de assentos: seus trajés era o emblema da virgindade. As aulas tornavam-se distinctas por seus estandartes, entre os quaes sobresahia pelo gosto e riqueza o da novamente creada. Á esquerda ficaram em igual numero de assentos os alumnos da aula de S. Pedro de Alcantara, trajados de branco. Seguiu-se a todo este apparatus o Santo Sacrificio de uma Missa nova, a que assistio S. Ex. Rev.<sup>ma</sup> em Pontifical, depois da qual ministrou o Santo Chrisma ás alumnas, alumnos e mais pessoas que delle necessitavam, terminando toda a cerimonia religiosa com um *Te-Deum* em acção de Graças a Deos por tão grande beneficio feito á Sociedade. Cumpre notar que o zelo e empenho com que se houveram nesta occasião o Sr. D. Abbade e a corporação religiosa do Mos-

teiro de S. Bento, são dignos de todos os elogios: nada faltou da sua parte para corresponder á magnificencia e brilhantismo desse acto.

Acompanhado o prestito até a porta da Igreja com todas as formalidades com que fôra admittido, retirou-se pelas ruas Direita, dos Pescadores, Quitanda e Cadêa, ao novo collegio, d'onde lançaram novas flores sobre as orphãs ao entrar em seu asylo. Na sala do collegio onde existem os retractos de SS. MM. II., o presidente da Sociedade recitou um discurso tão tocante que moveu a sensibilidade de todos os circumstantes, rematando-o com ternas expressões dirigidas ás innocentes orphãs: á este seguiram-se os do director das aulas e do procurador do collegio, concluindo-se o acto com os vivas á S. M. o I. O thesoureiro do collegio, o Sr. Patricio Ricardo Freire offereceu, e foi accepta pelo presidente em nome da sociedade, uma apolice de 1:000,000 com os juros que daquella data em diante se fossem accumulando para dote da orphã do collegio que primeiro casasse, isto, no oratorio do mesmo collegio e no anniversario Natalicio de S. M. a Imperatriz. Baldos de expressões para tecer-lhe os elogios que merece, contentar-nos-emos com dizer que o seu procedimento é uma prova irrefragavel de sua dedicação e amor á classe desvallida e o seu pensamento, muito conforme com o fim de uma tal instituição, que não só deve ter em vista a educação, como preparar um futuro mais prasenteiro a tantas infelizes, que na actualidade só esperam o dote da instrucção. Oxalá que á seu exemplo continuem as offertas e convirjam ao seio da Sociedade Amante da Instrucção tantas capacidades que lhe podem ser util, que brevemente se collocará no apogéo da prosperidade. Desnecessario é narrarmos circumstanciadamente o que diz respeito ao novo collegio, e só diremos que nada falta-lhe para que bem preencha o fim da sua criação, cumprindo notar que esteve franco por tres dias para todas as pessoas decentes que quizessem visital-o; illuminando-se á noite com grande quantidade de luzes que lhe dava mais realce. A elle affluiram muitas familias, que passavam horas esquecidas, contemplando a boa ordem, accio e brilhantismo que patenteava. S. Ex. Rev.<sup>ma</sup> e o Sr. D. Abbade de S. Bento visitaram no dia 5 de manhã o collegio, e consta-nos que ficaram summamente sensibilizados com o quadro que apresentam casas desta ordem; e na noite de 4, o Sr. José Antonio de Valle recitou a poesia que abaixo transcrevemos e que bem mostra a habilidade de seu autor. Terminaremos este artigo pedindo ás pessoas caridosas que concorram com o que estiver á seu alcance para esplendor de tão util associação e amparo da orphandade indigente, que de Deos receberão a recompensa dos beneficios que fizerem.

S. L.

---

Radiante a estrella no horizonte surge

Da Santa Caridade, e os Ceos resôam  
 O cantico dos anjos primoroso ;  
 É mais brilhante a luz que nos circunda,  
 Mais fagueiras as auras brincadôras ;  
 Respiram mais encanto as nossas margens  
 Do placido Janeiro suspiroso,  
 Que as beija sem cessar com meigo affago ;  
 Os nossos montes ledos se enfeitando  
 As graças naturaes se desafiam,  
 E aos valles mandam suspirar dos ventos,  
 E delles co'os aromas se refazem ;  
 Respira tudo encanto e doce enlevo,  
 Tudo harmoniza da existencia os elos.  
 E nossa alma ? Immergente se deleita  
 No fundo mar dos extasis da vida,  
 E sóbe além dos Ceos, e a Eternidade  
 É della, e ella a goza em realidade.  
 Não é mera ficção ! Eu tudo vejo,  
 E idéas tenho do moral sentido.  
 Onde a causa de tudo ? onde ella existe ?  
 Omnipotente Ser ; na mente sua.  
 E deste facto ? A luminosa idéa,  
 Sublime emanção da mente eterna,  
 Que escripta está nas paginas do livro  
 Do Sagrado Evangelho — A Caridade. —  
 Si ha virtude na terra, neste asylo  
 De miserias e dôr, a mais preciosa,  
 Mais pura e sem rival, mais agradavel  
 De Deos á gloria em cantico dos Anjos,  
 E que occupar-nos deve sempre, é esta.  
 Na ampulheta veloz que marca o tempo  
 Já vezes dezesete o extremo bago  
 Deslizado se tem n'um curso inteiro ;  
 E o astro nosso no immedido espaço  
 Carreiras annuaes iguaes tem feito,  
 Desde o dia feliz que a patria nossa  
 Vio alegre surgir entr'as Palmeiras,  
 Das almas fortes a **VONTADE ALTIVA**,  
 Que almos fructos da paz nos promettia,  
 E á santa **ILLUSTRAÇÃO** guiava os passos.  
 Era então mui pequena a fôrma sua,  
 Qual a rasteira planta que viceja

Nas margens do Uruguay sempre açoutada  
 Das azas dos tufões. Foi pouco a pouco  
 Seu caule erguendo que brotava folhas  
 E as lindas flores de brilhantes petalas.  
 Eil-a frondente co'os esparços ramos,  
 Qual arvore crescente das florestas  
 Debaixo do Equadór. E á sombra sua  
 As auras brincam que a miseria espancam,  
 Allivios dando do infeliz ao pranto.  
 Da sabia *Instituição* no breve quadro  
 Quem ha que descobrir não possa agora  
 O sobranceiro dêdo que nos rege  
 Da Eterna Providencia. Eis finalmente  
 O fundo seu : assombro e maravilha !  
 Será isto verdade? eu não me engano?  
 A mais bella porção de todo o encanto,  
 Que nossa alma extasia e á natureza  
 Redobra as graças, não foi dita ainda.  
 Obstaculos sem conta e mil tropêços  
 Jamais podem tolher d'uma alma os vôos,  
 Quando o templo buscar das cultas glorias !  
 Da orphandade os gemidos rebramiam  
 Com écho doloroso em nossos peitos ;  
 E o pranto nos banhava as tenues dextras  
 Na guia do infeliz acostumadas.  
 Nós tentamos então salvar do opprobrio,  
 Do crime e da vergonha inerme entes,  
 Fracas creaturas, respeitavel sexo,  
 Sem arrimo n'um mundo de torpezas.  
 E o factó consummado nos revela  
 Toda a força fiel d'uma vontade :  
 Eis n'estes tectos de lustroso brilho  
 Um pensamento só, mas tão divino  
 Quanto credor da gloria mais excelsa !  
 Só me resta notar findando o canto,  
 De Vasconcellos o illustrado nome,  
 De Brito o zelo, de Patricio os feitos,  
 Fôra longo o cantar si mais quizera  
 Desta historia narrar sublimes factos.  
 Mas com tanto não póde a escassa musa  
 De implumes azas que me anima agora.

*José Antonio do Valle.*

### *Algumas indicações do barometro.*

Algumas pessoas que possuem barometro, e que o consultam para saber que tempo fará, limitam, em geral, suas observações em vêr se o mercurio sóbe ou desce no tubo. Si sóbe, tem-se por certo que fará bom tempo; si ao contrario elle desce, conta-se com o máo tempo. Ha entretanto outros phenomenos que o barometro indica; sem buscarmos dar a explicação das causas physicas que os produzem, julgamos fazer algum serviço á nossos leitores, offerecendo-lhes as indicações principaes e *menos enganosas* que lhes poderão ser diariamente uteis, e servir tambem para dirigir os lavradores em certos trabalhos.

Estando o ápice da columna de mercurio convexa, isto é, sua curvatura dirigida para o ápice do tubo, mostra que o mercurio quer subir, e então deve-se esperar bom tempo; si ao contrario está concava, prova que o mercurio se dispõe a descer, e se deve esperar pelo máo tempo.

Quando ha ao mesmo tempo dois ventos, um perto de terra e outro na região superior da atmosphaera, si o vento mais baixo é norte e o mais elevado é sul, não chove, com quanto possa o barometro estar muito baixo; mas si o vento mais elevado for norte e o mais baixo sul, póde chover ainda que muito alto esteja o barometro.

Quando o mercurio sóbe um pouco, depois de ter estado por algum tempo sem movimento, espera-se bom tempo; se desce, é signal evidente de chuva ou de vento.

Em um dia de grande calor, o abaixamento do mercurio annuncia trovoadas; se desce muito e com rapidez, deve-se temer a vinda de uma tempestade.

Por pouco que o mercurio suba, ou continúe a subir no momento, ou depois de uma tempestade, ou de uma chuva aturada e copiosa, haverá bonança, ou bom tempo.

Toda a variação prompta, rapida e consideravel indica uma mudança de pouca duração; toda a variação lenta e continua assegura a duração da mudança que ella presagia.

Quando o mercurio sóbe á noite, que não de dia, é um signal quasi certo de bom tempo.

Se ao mesmo tempo abaixam sensivelmente tanto o barometro como o thermometro, e mais certo signal de copiosa chuva do que si só o barometro desce.

Pelo contrario, si o barometro e o thermometro sobem juntos é o annuncio mui provavel de um tempo secco e claro.

## CONSIDERAÇÕES

SOBRE A INSTRUÇÃO EM GERAL E O ENSINO DA LITTERATURA NO BRASIL  
EM PARTICULAR.

No seculo em que vivemos, seculo de industria, progresso e saber tem chegado a estender-se a sciencia de um modo tão collossalmente gigantesco que as vezes costuma retroceder desanimada e confusa a mente humana diante de tão immensas dimensões. São por tanto muito differentes os diversos methodos inventados para insinuar-se na intimidade da sciencia, hoje quasi rainha absoluta dos destinos do homem.

Alguns crem alcançar este objecto com saber muitas coisas, outros com conhecer pouco de muitas coisas; alguns são insaciaveis em saber muito de muitas coisas, outros com conhecer pouco de muitas coisas. Nesta, como em outras muitas manifestações do querer humano, não ha duvida de que o methodo mais prudente e talvez o unico verdadeiro seja o evitar os extremos.

Appliquemos esta idéa ao ensino nos collegios e casa paterna, isto é, ao ensino publico e privado e teremos em resultado de que é tão inutil e até perigoso o brilhante conhecimento superficial que consiste em saber pouco de muitas coisas, como o pesado e indigesto que consiste em conhecer muito de muitas coisas. A superficialidade no saber produz o orgulho, o despotismo e a incapacidade. O abstracto e pesado da sciencia, produz o fanatismo, a pedanteria e a esterilidade intellectual.

O saber brilhante e superficial, quasi sempre nascido da ociosidade e cobardia do espirito, pôde achar seu competente lugar nas côrtes caducas e geralmente corrompidas dos reis, porém não na côrte de um nascente imperio Americano, ainda puro e cheio de vigor como é o Brasil.

O saber pedantesco, escolastico e indigesto, resaibo da fantastica e despotica meia idade, pertence exclusivamente aos estados feudaes e despoticos, porém não a generosos e novos estados em que o saber tem de generalisar-se a todos os cidadãos, tem de circular como o sangue no corpo do homem, para não estancar-se e para que thesouro tão precioso leve o alimento por toda a parte sem distincção alguma.

Evitando pois estes dois extremos tão perigosos, acharemos que o verdadeiro ensino nos paizes illustrados deve ser tal que tenda a produzir cidadãos honrados e solidamente instruidos, capazes de serem membros uteis na esfera da actividade que lhes consignarem tarde, ou cedo o estado a que pertencerem.

Conforme este principio, e para conseguir um tal fim, seria necessario, sem contrariar o espirito de liberdade bem entendido, que no Rio de Janeiro se adoptasse um plano geral de estudos, formado por homens capazes de fazel-o e approved pelo governo e as universidades, como o unico que devera seguir-se em todos os estabelecimento litterarios.

Não é sem um sentimento de pesar e de amargura que os homens eminentes d'esta côrte olham para o espirito de exaggeração e de imitação da litteratura moderna romantica que se tem apoderado de uma parte da talentosa mocidade fluminense e dos novos e innumerables collegios que debaixo de mil differentes programmas vão-se multiplicando cada dia.

Um plano como o que insinuamos contribuiria efficazmente a fazer desaparecer das obras de ingenho, em que se hão ensaiado alguns dos nossos jovens, essa tendencia de ridiculo symbolismo, com que o inexperto desejo de imitação as tem magoado tão completamente, o que é tão contrario ás idéas e inspirações que produz o estudo methodico e systemado sobre bases solidas.

Não se pôde deixar de olhar com desgosto essa tendencia de superficialidade que em alguns dos estabelecimentos litterarios, e por consequente da mocidade, tem, quanto à litteratura, manifestado de algum tempo á esta parte, levados pelo espirito de brilhantismo que está em moda para uma parte da sociedade franceza.

Os homens que tem passado seus melhores dias meditando sobre Virgilio e Horacio, (e ha muitos destes no Rio de Janeiro) sobre Cicero e Tacito, pão dos fortes como os chama um eminente escriptor contemporaneo, não pôdem deixar de rejeitar essa poesia que trata as idéas como aquelle imperador Romano que fez afogar a seus concidadãos entre montões de flores; poesia que multiplica ao infinito as descrições triviaes, e ôcas, e debaixo de cuja estranha roupagem, a idéa e o pensamento mesmo do autor conservam um perfeito *incognito*.

Esses homens, verdadeiros litteratos, vem com dôr que jovens dotados de entusiasmo poetico, aspiram subir até os ceos, sem conseguir outra coisa que extraviar-se nas regiões nebulosas do vacuo, onde suas lyras suspensas como outras tantas harpas colianas, e acariciadas ao acaso pelos ventos, suspiram sons armoniosos muitas vezes, porém monotonos e vagos sempre.

Um plano como o que insinuamos, formado por litteratos da classe mais elevada, produziria o effeito de restabelecer na parte extraviada a litteratura precisa e severa, e imprimiria em seus animos esta verdade—que a poesia não é outra cousa senão o entusiasmo da razão; e

que por tanto para ser grande e bella necessita firmar-se em estudos e trabalhos assíduos.—

Com este fim, exporemos nos seguintes artigos as nossas idéas sobre o estudo da litteratura no Brasil.

---

## Biographia

### *Do Doutor Gall.*

(Continuação.)

O Doutor Gall ao formar assim a sua collecção teve muito cuidado de pôr notas sobre os moldes das cabeças destes differentes individuos, todas as circumstancias e accidentes que pôde observar a respeito das acções que podessem indicar a falta ou existencia de certos defeitos ou certas qualidades; fez cathogorias de astutos assassinos, de ladrões astutos, de falsarios astutos, etc., e outras de craneos pertencentes a ladrões e falsarios não astutos, etc.

Algumas vezes levava á sua casa homens de baixa condição, davalhes dinheiro, fazi-as comer e beber em sua presença, fallava-lhes com sua natural amabilidade, e quando tinha ganho a sua confiança os excitava com zombarias a que se dissessem mutuamente os seus defeitos. Resultavam d'aqui scenas summamente graciosas e em extremo interessantes para o nosso autor, porque a linguagem da plebe em semelhantes circumstancias é sempre a expressão da verdade: os homens ignorantes observam pelo geral sem paixão nem preocupações quando se trata do character e inclinações das pessoas com quem habitualmente vivem. Estas observações quasi sempre exactas e ingenhosas constituem a sua instrucção. Quando viam uma boa comida sazoadada com um excellente e abundante vinho, sobretudo quando viam que não podia resultar-lhes nenhum perigo de fallar com franqueza diante de um homem tão indulgente como o doutor se accusavam uns aos outros seus defeitos e revelavam com o mesmo candor as disposições ou os talentos particulares que os distinguiam entre si.

Fez além disso um numero de observações curiosas nas escolas, nos estabelecimentos de educação, nos hospícios dos orphãos, casas de expostos, cadeias, presidios, etc.

As causas criminaes, os interrogatorios judiciaes, as confissões dos assassinos e ladrões, as das mulheres infantecidas, em Allemanha, sobre tudo, onde uma legislação barbara faz inevitaveis estes ultimos crimes em algumas circumstancias; até o espectaculo das terriveis execuções dos réos, foram para elle origem de profundas observações.



Fez innumerables observações a respeito dos suicídios, dos imbecis, dos loucos, e sobretudo das alterações das faculdades do entendimento occasionadas em consequencia do systema nervoso da cabeça. Os museus, os gabinetes anatomicos e de phisiologia, lhe apresentaram novos factos sobre os que já possuía. Examinou a forma das cabeças dos bustos e das estatuas antigas, e comparou as consequencias phrenologicas que seu systema lhe inspirava com o que dizia a historia a respeito das faculdades e caracter dos personagens que representam. Deste modo accumulou para fundar sua doutrina um numero tal de provas como nunca o obteve homem nenhum para estabelecer o seu systema.

No fim de alguns annos de estudo chegou a adquirir tal costume de conhecer as pequenas differenças que existem entre todas as cabeças, e por conseguinte de advinhar, pela simples inspecção, as faculdades e inclinações dos homens, que muitas vezes excitou a maior admiração nos salões e nas reuniões pela singular exactidão de suas divisões.

Achando-se em certa occasião no meio de uma numerosa concurrencia, entrou um homem a quem vira pela primeira vez: versava a conversação sobre seus descobrimentos, e não podia o Doutor Gall convencer a seus ouvintes da possibilidade de adivinhar as inclinações de um homem pela simples inspecção de sua cabeça; « pois bem senhores, diz elle, fitando os olhos no recém-chegado, este cavalheiro vai ajudar-me a convencer a Vms. Nem eu o conheço nem elle a mim: não o tenho visto na minha vida, e comtudo posso dizer-vos qual é a sua paixão dominante: o senhor tem o orgão das collecções e se occupa actualmente de fazer uma. » Ficou suspenso o estrangeiro, e respondeu « que assim era. » Porém não basta isto respondeu o Doutor Gall; podem fazer-se collecções de livros, de antiguidades, de insectos, de mineraes, de plantas, de medalhas, etc.; e posso assegurar a Vms. que a collecção do senhor não se compõe de nenhum dos objectos que acabo de nomear; compõe-se só de quadros.» Inutil seria dizer qual foi a admiração de todos os circumstantes quando declarou o recém-chegado que era exacto tudo o que acabava de dizer o Doutor.

O assombro e a admiração viam-se pintados em todos os semblantes. Gall gozava de seu triumpho, vendo que o enthusiasmo tinha succedido á incredulidade. Pedio então que lhe permittissem acrescentar algumas palavras. « E que diriam os senhores de minha doutrina si fosse capaz de fazer-me conhecer que os quadros aos quaes este cavalheiro é tão affeição-do não representam nem assentos de historia, nem retratos, nem trajes, nem animaes, nem flores, porém paisagens unicamente? » E vio-se que tambem isto era certo. Imagine o leitor a impressão que devia

produzir na assembléa aquella successão de factos que annunciava tanta sciencia e sagacidade. Em outra occasião apresentou-se-lhe dois moços, a quem não conhecia, nem mesmo a seus pais : apenas lhes passou a mão pela cabeça, quando disse estas palavras : « este se parece com seu pae, e este com sua mãe. » Esta dupla similhaça era perfeitamente exacta. Resultados tão extraordinarios e tão faceis de verificar foram para o doutor Gall novas causas de descobrimento e de progressos.

No dia 1.º de janeiro de 1805 recebeu uma carta de seu ancião pai em Tiëfembrunn, na qual acha-se esta phrase : *« é tarde, e a noite se aproxima : e poderei ainda vêr-te, meu filho ? »*

Gall amava seu pai com a maior ternura : havia 25 annos que não o tinha visto, separado sempre d'elle por circumstancias que desnecessario é o referir-se. Esta carta foi para elle uma ordem do céo : tinha tanto extremo em obedecel-o ! Posição social, amigos, doentes, bens da fortuna, tudo abandonou para ir estreitar entre seus braços o autor de seus dias. Augmentava o amor filial do joven philosofo a nobre exaltação que produz o convencimento de ter feito grandes descobertas ; porém o amor de filho não lhe fez esquecer seu amor á sciencia. Gall satisfeito já em ter cumprido com o seu dever não podia abandonar trabalhos que o enchiam de enthusiasmo, e por isso tirou vantagens de sua viagem para dar a conhecer sua doutrina aos sabios do Norte da Allemanha que se propoz visitar. Não se lhe occultavam os infinitos erros, e pretenções contra as quaes teria que lutar, assim não quiz que a exposição de sua doutrina provocasse só discussões vagas e infundadas : levou pois consigo uma parte de sua collecção a fim de conseguir a victoria com a ajuda de provas numerosas e irrecusaveis.

Em toda a parte foi muito bem recebido : os soberanos, os ministros, os artistas, os sabios, todos lhe ajudaram em seus trabalhos, augmentando a sua collecção com cabeças curiosas, e fazendo conhecer factos novos e singulares.

Depois de percorrer quasi toda a Europa se estabeleceu em Paris, onde continuou professando sua doutrina até a época de sua morte.

A phrenologia tal qual resulta dos trabalhos de Gall se funda sobre observações tão numerosas e faceis de verificar, que certamente é pelo menos igual ao dos systemas mui bem demonstrados. Impossivel parece que dentro de poucos annos não sirva de base á educação dos meninos, sobre a qual tem dominado até agora a influencia dos principios mais errados. quantos meninos a quem tem dado a natureza uma excellente organização seguem uma carreira inteiramente opposta ás suas disposições ! De quantos talentos desconhecidos e por conseguinte

não cultivados, de quantas felices inclinações destruídas por uma má educação, de quantos homens tem privado a sociedade o erro e os máos princípios! A quantos jovens desgraçados tem conduzido estes flagellos terríveis ás cadêas, aos presidios, aos cadafalsos, quando uma educação conforme á sua vocação particular teria podido fazer delles uteis e excellentes cidadãos!

---

### *Navegação do Nilo.*

(Continuação).

Herodoto espraia-se bastante sobre a excessiva belleza destes cantos. Ou a tradição se tem totalmente corrompido, ou os antigos apreciavam de um modo differente do nosso.

Quanto á execução, nem o mais pequeno vestigio de arte. Uns homens cantam, e outros repetem com elle o estribilho, batendo com as mãos e á compasso. Ordinariamente, acompanham-se com o daraboucka e uma especie de flauta de cana. O daraboucka, que é uma especie de tambor, collocado debaixo do braço, bate-se com as duas mãos, absolutamente como fazem os negros das Antilhas em seus tambores. Ha pois toda a razão para crer-se que é um instrumento de origem africana. A flauta é composta de dois tubos adaptados um ao outro, dos quaes um, muito comprido, não tem furos, de modo que sustenta uma base continua, em quanto que o outro serve para tocar-se. Este instrumento, mui grosseiro além de ser feito por qualquer, produz um som desagradavel e nasal.

Os marinheiros do Nilo que de resto não fazem o movimento em commum sem cantar para abreviar a fadiga, gostam muito da sua musica, o que de noite executam; mas sua suprema felicidade é poder entre-meiar o café com o cachimbo, que nunca desamparam. No Oriente todo o mundo bebe café, como na Europa se bebe vinho; e certamente, pois que parece que os homens se não podem divertir sem introduzir algum liquido no estomago, mais vale o café do que o vinho. Não produz os terriveis effeitos de todos os nossos licores fermentados e não embrutece áquelles que á elle se entregam com excesso. Não será á esta differença de bebida que se deve attribuir a differença, immediatamente vantajosa aos Musulmanos da classe baixa, que existe entre elles e os Europeos da mesma condicção? Reparemos attentamente na doçura de costumes e de maneiras dos marinheiros do Egypto; nada tem da extrema rudeza dos nossos; vivem entre si familiarmente, nem brigas, nem pancadas, nem injurias. O que mais admira, é a reserva que guardam invariavelmente para com as mulheres que se encontram á cada minuto sobre as margens do Nilo. Imperfeitamente se conheceria os

marinheiros do Nilo, se se não soubesse como elles augmentam um pouco seu mui modico salario; á todas ás cidades principaes que chegam, pedem um *backchis* (molhadura). Chegou isto a tal ponto, que é agora um habito dar-lhes de cada vez, 15, 20 ou 25 piastras, tornando-se reparavel uma liberalidade sobre a qual contam como sobre um direito. Demais, a palavra *backchis* é certamente a mais util da lingua arabe; os meninos a assoletram, crêmol-o, antes das de papai, e mamãi. Não ha paiz algum no mundo onde esteja a mendicidade mais universalmente espalhada que no Egypto. Todos pedem, desde o maior até o mais pequeno.

Completa-se o pessoal por um criado do paiz, que serve ao mesmo tempo de cosinheiro e de *drogman*. Estes homens, são em geral muito intelligentes e sabem sufficientemente o francez para as coisas ordinarias da vida, e nada mais que isto. Formam uma classe á parte na população, os que se distinguem, apezar de seu estado de domesticidade, pelo conhecimento de uma lingua estrangeira e por sua grande fortuna relativa. Ganham 15 talaris (75 francos) por mez, além do dobro que pouco mais ou menos agenciam sobre todas as compras de que são encarregados, ou nas que servem de intermediarios. Muitos dos jovens arabes, que o vice-rei fez vir pomposamente para a Europa, onde dá-lhe a sua presença a reputação de um grande civilizador, abandonados, sem empregos á sua volta para o Egypto, viram-se reduzidos a braçar a condicção de *drogman* para viver!

A viagem do Alto-Egypto se faz hoje com uma extrema facilidade, e as estradas dos mais bem administrados paizes da Europa não são mais seguras.

Quando uma destas embarcações, em calmaria, quer fundear ao anoitecer, fixa uma amarra em terra, perto de uma aldeia, ou no meio dos campos em que se achar, e ha muitos annos que não ha exemplo, de que uma só tenha sido atacada. Devemos fazer esta justiça á Mèhèmet-Ali, que conseguiu pacificar o paiz de um modo admiravel. Tanto os christãos como os musulmanos podem nelle circular com perfeita segurança. É comtudo para lastimar que se tenham empregado, para obter este resultado, meios atrozés; mas assegurando a liberdade de passagem por todo o Egypto, e na parte do deserto que conduz á Syria e á Palestina, tem incontestavelmente bem servido para a approximação, tão desejada, do Oriente ao Occidente.

Ha vinte annos, corria-se risco de vida em tentar a viagem que presentemente fazemos, com a porta do nosso gabinete aberta, sob a guarda de dois marinheiros adormecidos; não se podendo ir visitar as Pyramides, á tres legoas do Cairo, sem uma escolta. Graças á este estado de cousas, o Nilo é muito frequentado: encontram-se ahí dia-

riamente barcos com viajantes que, segundo o uso, trazem arvorado o pavilhão nacional, o que faz immediatamente conhecer a paz; e, sentimos ser forçados a confessar que se veem quatro pavilhões inglezes contra um francez.

Navegando sobre o Nilo, não se é condemnado a conservar-se sempre á bordo; quando faz a barca alguma parada, salta-se á terra, onde se pode visitar as culturas, as cidades e as aldeias, estudar a população e seus costumes, sem ter que receiar senão os latidos dos cães, que são em numero incalculavel. Além disto, os caçadores tem em que se empregar desde manhã até á noite. As margens do Nilo apresentam uma riqueza ornithologica fabulosa; a terra é cuberta de passaros de toda a especie. Offerece tambem o Nilo bellos e numerosos aquaticos, sem contar o pellicano, o rei dos passaros do paiz. Vi matar um que tinha um metro e setenta e dois centimetros da ponta do bico á extremidade da cauda. Era realmente um admiravel animal.

Os que amam ás bellas perspectivas conservam-se voluntariamente na barca e não se cançam de admirar o espectáculo maravilhoso que offerece o Egypto, visto do meio do rio. A paisagem em nada é analoga ás da Europa e da America, e concebe-se que tenha por isso, mais vivamente que nenhuma outra tocado o espirito dos artistas. A natureza do Oriente apresenta linhas immensas que cousa alguma perturba e que se perdem no profundo do horisonte no seio de uma atmosphaera, brilhante de luz. É o mais chocante caracter dos pontos de vista do Nilo; resvalla-se por uma larga toalha de côr parda, que se estende a perder de vista e cujas margens são eminentemente pittorescas. Ha neste quadro uma calma, uma magestade, a que ainda se accrescenta o inexprimivel silencio universal, proprio das vastas solidões, de que a monotomia revela á cada passo as idéas do incomensuravel, e que deixa n'alma uma eterna recordação de nobreza, de grandeza e de belleza.

Tambem não deixa de ser interessante, quando se sobe o Nilo em uma certa época, o observar a mudança encantadora que se opera em suas margens.

Partindo no mez de novembro, depois da innundação, só vê-se campinas aridas, negras e feias; mas é tão milagrosamente rapida a vegetação, que apenas no fim de dezembro, tudo tomou um novo aspecto. Nada de avides, nada de areia; já embellecem a terra os cereaes; e nós temos visto no Alto-Egypto pequenos braços de rio que fazem recordar quasi que a Normandia. As duas margens em doce inclinação acham-se cubertas de suave e fresca verdura, no meio da qual a palmeira, com o seu cimo copado como o de nossas arvores, serve para completar a illusão.

Em geral, tem sido calumniado um pouco o sol do Oriente; nós, ao menos, não temos de que queixar-nos de sua fatigante uniformidade; cobre-se muitas vezes como na Europa, e tivemos até uma vez o prazer de apanhar uma semi-tempestade sobre o Nilo, com torrentes de chuva, durante meia hora, vento furioso e vagas grossas como as do mar. É um prejuizo acreditar-se que nunca chove no Egypto bem que isto seja raro, o termo medio dos dias de chuva observados durante a expedição franceza foi de 15 para 16 todos os annos.

Demais disto, a extrema pureza do ceo, as ondas de colorida luz, com que do ordinario innunda o sol estes paizes, o resplandescente brilho que empresta ás agoas do rio, as cores de uma brilhante violeta que elle espalha por sombrias montanhas ou as torrentes de chammas que imprime de tarde no horisonte, tornam mais penivel ainda a vista das aldeias dos *fellahs*. Os descendentes directos destes antigos Egypcios, que tallavam obeliscos em inteiriços granitos que transportavam e esculpam collossos monolythos, que elevavam, com uma sciencia, ainda não excedida, monumentos gigantescos, que foram enfim uma das luzes da civilisação, caíram na mais caracterisada barbaria, e a differença que ha entre elles e os selvagens, é o imposto de que se os sobrecarrega e abastam sempre sobre sua cabeça, levantado por um desapiedado despota. Nada se pôde imaginar de mais hediondo que suas tócas de lama, porcas, baixas, sem outra abertura mais que uma porta de tres a tres pés e meio, tristemente agglomeradas umas ao lado das outras, enterradas em immundices de toda a casta.

Em nenhuma parte se encontra nestas grosseiras moradas habitadas por uma população reduzida a um verdadeiro illotismo, a menor idéa de um passatempo qualquer, dado á vida. O homem ali se conserva com todas as desvantagens e privações do estado da natureza.

Não se pôde fallar do Nilo sem se fallar dos crocodillos. Os primeiros que se encontram, ao subir, acham-se nos arredores da cidade de Syout, a antiga Lycopolis, hoje capital do Alto-Egypto (setenta legoas do Cairo.) Descem raramente d'ahi; parecem ter necessidade de toda a amplitude do rio, evidentemente mais largo no alto que em baixo. Mesmo nestas paragens, não habitam o Nilo inteiro. Vê-se-os sobre areias de pequenas ilhas onde os anneis flexiveis de sua longa e pesada cauda deixam um profundo sulco.

É ahí que elles depositam seus ovos, porque sabe-se que a natureza por um jogo bisarro, quiz que este animal de 30 a 40 pés de extensão, sahisse de um ovo, da grossura apenas de um de pata.

Os crocodillos conservam-se, nestas ilhas, absolutamente immoveis, com a boca aberta, durante horas inteiras, não parecendo dar fê de coisa alguma.

O crocodillo de resto, valle mais que a sua reputação; não tem a audacia dos *caimans* do Mississipi, e mergulha, logo que o homem se aproxima. Para bem dizer, é só temivel na agoa, e assim mesmo foge logo que se a agita fortemente; finalmente é cobarde; surprehende uma victima imprudente, mas nunca ataca um inimigo em face. No Alto como no Baixo Egypto vimos as mulheres encher seus jarros no Nilo, ou os marinheiros lançar-se no rio sem hesitação, sem nunca acontecer-lhes desastres. Os homens que se entregam á caça dos crocodillos, para os vender aos amadores da historia natural só se occupam de uma coisa; é occultar-se de modo que este animal os não presinta. Para isto, construem, na lama, na ilha, em que o querem esperar uma especie de escondrijo em que se metem e donde atiram quando estão proximos. Jamais um crocodillo appareceria nesse lugar se nelle visse um homem. Faz-lhe a pontaria no ventre, pois que a dureza da sua pelle não é exagerada; resiste realmente a uma balla de fusil.

Encontra-se em algumas aldeias crocodillos preparados pelo preço de 100 a 200 piastras (25 ou 50 francos) e os fellahs teriam muita vantagem se a grossura do animal não tornasse a venda mui difficil.

Vê-se pelo que dissemos que se encontram sobre o Nilo mil objectos de estudos, mil objectos dignos de fixar a attenção do sabio e do curioso. O vento é em geral assaz raro sobre o magnifico rio e quasi sempre ligeiro. Deve-se contar sobre um mez mais que sobre vinte dias para subir as 130 legoas que separam o Cairo das ruínas do Thébas. Mas quanto seria de lastimar o que lastimasse a viagem. Que felizmente, uma vez chegado, esquece-se da lentidão da viagem e da apertada estada a bordo da barca. É preciso ter visto para poder-se imaginar a grandeza, a viril e soberba belleza, a immensidade dos templos, dos palacios, das esculpturas, dos tumulos, do que resta enfim da antiga cidade de cem portas. Nunca a mão de homens elevou mais gigantescas construcções. Não exageramos se dissermos, para dar uma idéa, que o Louvre apenas parece uma joia admiravel, quando o compararmos pelo pensamento ao templo de Karnac.

---

### ***O Veterano e seu neto.***

Estavam assentados em uma pedra aveludada de musgo, e voltados para o poente, um velho soldado do imperio, hoje lavrador, e um menino pensador e de prematura penetração.

O soldado olhava para seu neto com esse ar de leão domesticado que expreita uma caricia.

O neto tinha uma das mãos descansada sobre o bordão do velho, a outra em seu braço immobíl, e a perna escanchada no joelho, de maneira tal que parecia o cavalleiro quando espera por alguem.

O pequeno olhava para o campo, Céu, mar e quanto ao longe se desenrolava à sua vista, e de subito exclamou com esse accento de voz chorosa de menino que quer saber :

— Para que fez Deos o campo, meu bom avô?

— Para que, recruta? respondeu-lhe o veterano sorrindo-se. Tu não sabes que elle nos dá a colheita, que delle, provêm as florestas e se formam as cidades? A terra, criança, é uma caixa de viveres que nos deu o imperador do firmamento para della tirarmos nossa etapa; os bons soldados a conservam e a economisam.

— Estimaria eu mais que só houvessem flores eervas, disse o menino pensador; mas o Céu, meu bom avô, que serventia tem?

— O Céu, camarada, primeiro que tudo nos dá o ar e o dia, isto é, a razão diaria do soldado. Nelle habitam, o sol que nutre a planta, as estrellas que esclarecem a noite, e o commandante do sol e das estrellas. É a tenda do general em chefe, percebes-me tu fedelho? ora quando se lhe dá com os olhos, cumpre logo apresentar armas!

— Ah! disse o rapazinho contrariado, eu suppunha que tinha sido feito só para os passarinhos que cantam e para as nuvens que não param! Mas o mar vôvô que utilidade tem?

— Quanto ao mar, disse o antigo granadeiro das pyramides, melhor fôra que delle se não fallasse, é o amigo dos de uniforme encarnado!... (1) e entretanto, olhando-o com attenção, vemos sua utilidade. Devemos-lhe as chuvas que nos regam o trigo, os adubos que o fazem brotar, o sal que condimenta a terra, e tudo quanto os navios nos importam. Sem o mar, pequeno, as nações seriam comparadas com os vizinhos que não tem portas por onde se communicem; sem o mar não se poderiam ellas communicar, soccorrer, nem se amar.

— E não haveriam as bellas conxinhas? replicou o neto; na verdade Deos fez bem em crear o mar.

— Assim como fez bem em crear tudo o mais, rapaz.

— O que! tudo, vôvô? replicou o traquino com um sorriso maligno.... até mesmo este páu de sarmento?

— Sim, este páu de sarmento mesmo, disse o soldado, porque me serve igualmente de arma e de apoio. Com elle eu apalpo o pantano, afasto o ladrão, tiro a çarça que me impede o caminho e boto à baixo, passando, o fructo que começa de apodrecer.

— E eu faço delle um cavallo de batalha, interrompeu o rapazinho,

(1) Soldados inglezes, aborrecidos da morte dos soldados francezes que pertenciam ao exercito de Napoleão.



que a poderando-se do bordão, de um pulo nelle se escarranchou e largou a fugir por entre as moutas de giestas.

O avô acompanhou-o com os olhos até que sua cabeça castanha desaparecesse na espessura matizada de doiradas flores; então encolheu os hombros e olhou-me sorrindo; mas, a meu pesar, não pude responder a este sorriso, porque quanto eu acabava de vêr e ouvir se me assemelhava a um symbolo. O velho soldado me recordava essa raça de corações simples e de grandes animosidades, nutrida á maneira de Achilles *com o tutano dos leons*, e que, encarando a vida como uma obra, se haviam feito obreiros pacientes e derrotados; entretanto que o menino prematuro e debil representava esta parte de nossa geração nutrida unicamente do mel de tudo extrahido, intelligente sem principio, inhabil á acção e não vendo na creação senão flores, passaros, nuvens, conxas, e os objectos de seus brincos. \*\*\*

### ***Ultimos momentos de Jefferson.***

Thomaz Jefferson, publicista celebre, e um dos melhores e mais virtuosos cidadãos de que se vangloreia a America Inglesa, dizia sempre que o seu maior desejo era morrer no dia 4 de Julho, an niversario do dia (4 de Julho de 1774) em que tinha elle proclamado ao mundo a exaltação de uma grande nação, redigindo a famosa *declaração da independencia*. Foram seus votos cumpridos; no dia 4 de Julho de 1826 este homem respeitavel que por tanto tempo lutara valorosamente com a morte, pareceu recebê-la com alegria e como um beneficio de ha muito implorado. Expirou n'este mesmo dia com 84 annos de idade. Poucas horas antes de morrer escrevia a um moço seu amigo :

« Para vós, será esta carta como endereçada da morada dos mortos. Antes que possaes meditar nos conselhos que vos ella dá, quem a escreveu terá baixado á sepultura. Vosso excellentê pae desejou que vos eu dirigisse algumas linhas que sobre os acontecimentos de vossa vida podessem ter uma salutar influencia; eu não menos interesse tomo a este respeito, pois que tendes o meu nome. Com uma disposição favoravel de vossa parte, poucas palayras serão mais que bastant es. Adorai a Deos, honrai e presai a vossos paes; amai ao próximo como a vós mesmo, e á vossa patria mais do que a vós mesmo. Sêde justo, verdadeiro e nunca murmureis contra a Providencia. Se fiel cumprirdes o que vos aqui recommendo, a carreira humana na qual entraes não será senão o preludio de uma felicidade ineffavel e de uma vida eterna. E se aos mortos é permittido occupar-se ainda das coisas deste mundo, todas as acções de vossa vida estarão cá em cima sob a minha guarda protectora. Adeos. » \*\*\*

## CONSIDERAÇÕES

SOBRE A INSTRUÇÃO EM GERAL E O ENSINO DA LITTERATURA NO BRASIL  
EM PARTICULAR.

### ARTIGO II.

Apenas se pode imaginar que haja litteratura alguma elevada que não esteja fundada na litteratura classica, e por conseguinte todo o estudo da litteratura em geral que não se subordine á litteratura classica, não pôde ser senão phosphorica, superficial e sem verdadeira belleza.

Digam o que quizerem os romanticos, inda não tem apresentado os tempos modernos modelos mais bem acabados na arte litteraria, obras escriptas com maior simplicidade, nem illuminadas com ingenho mais brilhante do que as que offerece essa litteratura latina, em cujo seio o talento se mostra sagaz e serio, ao mesmo passo que atrevido e disciplinado, inspirado pela mais alta poesia e sem abandonar nunca a senda clara e espaçosa do bom senso.

Se do aspecto puramente litterario passamos a examinar o aspecto moral e politico da litteratura latina nada acharemos que não surprehenda pela sabedoria, elevação e generalidade das doutrinas. Horacio é um curso completo de senso commum, sobre cujos passos caminhou Boileau, um curso de diseripção, uma fonte inesgotavel de philosophia pratica, calculada com uma singular sagacidade para dirigir as nossas paixões e nosso gosto sem que nos cause estrago o roçar-nos com os interesses alheios.

Ninguém pôde ler as poesias pastoris de Virgilio sem se sentir atraído pelo magnetico prestigio das virtudes modestas e simples da vida privada: ninguem pôde ler a sua formosa *Eneida*, sem elevar-se até a grandeza ideal do heroismo, e sem sentir que ao mesmo passo que o ouvido se deleita com bellissimos versos, o coração se eleva com virtudes magnanimas e capazes de superar todos os perigos e amarguras em que a desgraça pôde lançar o homem.

Cicero, moralista eminente, erudito investigador e laborioso, philosopho pratico, politico observador e cheio de doutrinas, orador litterato, critico sagaz, é, fazendo uso da expressão de um escriptor moderno, uma especie de *constitucionalista antigo*, um genio da familia de Voltaire e de Benjamin Constant, nascido para espargir idéas e popularisar principios sobre todos os ramos da cultura intellectual, é emfim uma dessas intelligencias parecidas ao *Panorama* que por meio da refratação dão nova vida, prestigios e lustre ás doutrinas abstractas e

metaphysicas da sciencia pura que ao alcance de um joven, obra com muitissimo poder sobre a sua alma; a elegancia pomposa de suas phrases, a dignidade facil e popular de suas idéas, a amenidade de seu discurso, o desenvolvimento verboso e prolixo de suas doutrinas, certo orgulho de pensador inexplicavel, porém adherido claramente á expressão e ao pensamento deste critico e moralista antigo, são qualidades essencialmente proprias para elevar a alma, e para inspirar ao joven que se prepara a ser homem de letras, esse amor proprio, esse orgulho e vaidade do escriptor, que não só dá dignidade pessoal, mas tambem força para superar os obstaculos do estudo, paixão para amar o trabalho e o retiro e essa fibra particular que nos fornece deleites intensos quando na mais completa solidão fazemos ir nossa intelligencia pelo vasto e brilhante mundo das idéas.

Nenhum paiz como o Brasil, cujas instituições são tão liberaes ao mesmo passo que proprias para manter a ordem interior, não tanto por paixão em seus habitantes, como acontece em outros estados da America, mas sim por principios e por interesse, pôde apreciar com mais exactidão o beneficio que a leitura e estudo dos livros de Salustio, de Tacito e de mais historiadores antigos pôdem ter sobre a alma das nossas novas gerações. O amor da liberdade e da ordem levado até ao entusiasmo, a linguagem da força, o vigor da idéa, a penetrante agudeza das observações com que o coração dos homens poderosos se acha analisado nestes livros; o tino sagaz com que se sabe descobrir as paixões e os interesses que nascem das diversas situações sociaes, tudo é nas suas admiraveis obras um motivo precioso de lições proveitosas e capazes de ensinar uma politica eminentemente alta e positiva ao mesmo tempo, uma politica despida dessas declamações com que o charlatanismo demagogico de alguns estados da America, perverte a tantos jovens de paixões nobres e elevadas que a haverem sido bem dirigidos teriam servido poderosa e utilmente a seus paiz.

Bastariam os meritos incontestaveis que acabamos de referir para que a litteratura latina recebesse no Brasil todos os respeitos e considerações que se lhe dão nos paizes mais adiantados na carreira do progresso, como a Inglaterra, a França e a Alemanha. Porém ella tem mil outros, tão grandes e tao innumeraveis que seria ridiculo o empenho de fazer de todos elles uma ennumerção prolixa e completa.

Ha, comtudo, um que não podemos deixar de mencionar. Entre os escriptores eminentes dos tempos modernos, não ha um só que não deva sua alta posição ao manejo, estudo e imitação. Percorrei a lista dos escriptores francezes desde Rabelais Amyot e Montagne, até Corneille, Racine, Voltaire e Villemain; percorrei a lista dos escriptores hespanhoes desde D. Alfonso o *sabio* até Cervantes, desde Cervantes até

Quebedo, desde Quebedo até Melendez, Moralin e Jovellanos; percorrei os escriptores inglezes desde Adisson e Thonson até os redactores do *Edimburg Journal*; e achareis que seus serios estudos de latinidade são a origem real dessa belleza de giros, o *tournares* como diria o francez, que com tanta graça dá á sua frase, essa ropagem diafana e crystallina com que envolve claro e brilhante o pensamento mais subtil e delicado.

J. M. V. e P.

## Biographia.

### *Alberto de Haller.*

Alberto de Haller, illustre como sabio e como poeta, nasceu a 16 de Outubro de 1708, em Berne, onde seu pae era advogado no conselho d'os *Duzentos*. De muito moço deu consideraveis provas de sua vocação ao estudo. Aos nove annos, interpretava o texto grego do Novo Testamento em qualquer pagina que se lhe abria. Com a mesma idade traduzio um vocabulario hebreu, um resumo de grammatica caldêa e tirou varios extractos de obras biographicas de maior merecimento. Bem cedo sua aptidão para as sciencias naturaes manifestou-se com evidencia tal que seus parentes que, a principio, o destinavam para o ministerio da igreja, deram-lhe inteira liberdade de seguir a carreira medica. Matriculado na Universidade de Tubingue em 1723, Haller fez ali rapidos progressos na botanica e na anatomia; mas desgostou-se da vida dos estudantes. Um seu companheiro estando embriagado, matou, á sua vista, uma servente da estalagem; outros obrigaram a um guarda da noite a beber tal quantidade de aguardente, que o pobre homem, por um semelhante excesso, morreu. Estas scenas horriveis fizeram-lhe insupportavel a sociedade de seus condiscipulos. Em 1723, partio para a cidade de Leyds, onde o celebre Boerhaave occupava a cadeira de medicina. Nesta Universidade, os costumes dos estudantes eram inteiramente differentes: Haller encontrou ali o que mais almejara; avezamento ao estudo e costumes pacificos. Em 1727, tomou o gráo de doutor. Empreendeu então uma viagem scientifica pela Europa. Depois de laboriosa residencia em Londres, passou-se a Paris onde estudou ainda sob a direcção de Le Dram, habil anatomico; foi admittido á clinica do hospital da Charidade. De dia observava, e empregava as noites na dissecção dos cadaveres. Estas vigalias desagradaram a um seu visinho, pelo que o foi denunciar á policia; esta circumstancia precipitou a partida de Haller. Em Bâte, estudou as mathematicas e a astronomia leccionadas por Bernouille.

Tentou depois uma longa viagem de exploração, a pé, ás diversas

partes da Suissa. Ajuntou immensa quantidade de plantas e de mineraes, e fez ajustadas e sabias conjecturas sobre a elevação da atmosphera, a direcção e a força dos ventos, o calor nos valles; a maior ou menor abundancia das fontes, as aguas thermaes, &c. N'esta mesma occasião abandonava-se elle á sua admiração pelos sublimes paineis que se desenrolavam á sua vista, e, colhendo suas inspiraçoens compunha seu poema allemão — Os Alpes — que muitos tempos depois deu á estampa. A Suissa era então quasi desconhecida ao resto da Europa: foi isto uma das causas do immenso e rapido exito que teve a obra poetica do sabio mancebo. — Os Alpes — foi traduzido para o francez, inglez, italiano, latim, e, em allemão foram publicadas vinte e duas edições. Haller conseguiu assim, desde o começo de sua mocidade, grande reputação nas letras, a qual, ao depois, amorteceu á vista da celebridade que mereceu na sciencia. Tinha 24 annos quando veio residir em Berne. Praticou abi a medicina, deu lições de anatomia e sustentou publicamente diversas dissertações litterarias e historicas. Recusou-se-lhe o lugar de medico do hospital de Isle, mas deu-se-lhe o de bibliothecario da cidade. Em 1736, Jorge II, que fundara a Universidade de Gœtingue, mandou-lhe propôr a segunda cadeira de medicina, que comprehendia a anatomia, a cirurgia e a botanica. Depois de algumas hesitações, Haller accitou-a. Tinha-se casado, em 1731 com uma Senhora de Berne chamada Marianna Wyss: partio pois com ella e com seus tres filhos. Em Gœtingue foi sua entrada assignalada por um deploravel accidente. Em uma rua descalçada, a sege voltou-se: Marianna Wyss, ferida mortalmente, expirou 15 dias depois. Esta irreparavel desgraça derramou a desesperação na alma de Halle, e lhe fez sentir profundamente a miseria e a instabilidade da vida. Sob estas impressões, começou elle um jornal de pensamentos intimos que só por sua morte foi interrompido. Quando lhe lançou as primeiras linhas, não tinha ainda mais de 28 annos. O exordio desta collecção, de uma morai austera, consagra o pensamento que lh'a inspirara: « Queira o Deos de Misericordia lançar sua benção sobre todas as minhas empresas! Tenho experimentado a maior de todas as desgraças... a morte de Marianna, minha querida mulher... Esta fatalidade dispertou minha consciencia... Aterraram-me as consequencias de uma vida sem religião e esforço-me por me fazer melhor. Até o presente só sentira em mim alguma coisa que se inclinava ao aperfeiçoamento da minha alma; mas era sem verdadeiro amor de Deos, sem emoção, sem horror do peccado, sem tristeza... » 18 mezes depois da morte de sua mulher, Haller perdeu seu primogenito. Este novo golpe fez com que elle desejasse sair de Gœtingue para voltar á sua patria; mas o governo hannovriano empregou, para o conservar, um meio ingenhoso e atractivo.

Soube que um tal Senhor Hubert, a quem Haller se havia intimamente inclinado, se achava em Bâle, fez-lhe vantajosos partidos para o resolver a vir residir em Gœttingue: elle chegou, e esta surpresa, manejada com delicadeza, sensibilizou o coração de Haller. A amizade fortificou seu coração, e, mercê della, o sabio professor occupou ainda por dezeseite annos a cadeira que lhe fôra confiada (1); seus trabalhos scientificos em Gœttingue o collocaram de uma maneira definitiva entre os primeiros sabios da Europa. Fundou nesta cidade um theatro anatomico, um jardim botanico, uma aula de desenho, uma igreja reformada. « Custa a comprehender, diz Cuvier, a rapidez com a qual elle pôde, no meio destes trabalhos e de seu triplicado ensino, dar á luz tantas obras, commentarios, edições de autores com prefacios, dar-se á tantas discussões e polemicas, e ao mesmo tempo colher materiaes para obras mais consideraveis e mais importantes que por elle foram redigidas e publicadas depois de seu retiro. Foi em Gœttingue que Haller deu á estampa seus commentarios sobre as lições de Boerhaave, sua innumeração das plantas da Suissa, suas laminas de anatomia, suas experiencias sobre a sensibilidade, a irritabilidade e sobre o movimento do sangue, não fallando em grande copia de memorias e de dissertações sobre objectos mais particulares. Coube-lhe maior tarefa na ereação da sociedade real de Gœttingue da qual foi nomeado presidente perpetuo, assim como na redacção de um jornal litterario per esta sociedade publicado e que ainda conserva seu antigo esplendor. Assegura-se que Haller inserira nesta folha mais de 500 artigos sobre objectos de todos os generos »

Frederico, o grande, quiz que Haller fosse para Berlin, mas o sabio professor tinha o projecto de voltar para sua patria. Elle deixou Gœttingue depois de ali ter professionado dezeseite annos; em 1745 retirou-se a Berne, onde não obstante sua ausencia, fora nomeado membro do concelho soberano. Seus compatriotas confiaram-lhe depois a direcção das salinas de Bexé. Durante esta commissão habitou elle o castello de Roche, e continuou suas pesquisas botanicas nas montanhas do cantão de Vaud. Foi Haller quem simplicou os trabalhos das salinas e que as tornou menos dispendiosas; fez seccar os mangues, promovendo nelles consideraveis plantações; por onde quer que passava deixava preciosos melhoramentos.

Servio muitos lugares importantes na magistratura. Um moço sollicitando-lhe um emprego, respondeu ás questões de Haller que era baldio de sciencia, mas que esperava supprir os conhecimentos que lhe faltavam pelo seu bom senso. » Tomai sentido no que dizeis, moço, disse

(1) Vid. o excellente livro consagrado á memoria de Haller: por Madame \*\*\* Paris, Belay, 1836, 1 vol.

Haller; sobre cem homens sabios acha-se apenas um que tenha bom senso: é de todas as qualidades a mais rara e a mais preciosa.»

Sua beneficencia era igual ao seu desinteresse. Um dia escreveu elle a um conde italiano, ao qual havia inutilmente pedido, em uma primeira carta, alguns soccorros em favor de um estrangeiro: « Vós tendes o titulo de *conde*, equivalente ao de *lord*, e vos admiraes que um amigo pobre se valha de vossas liberalidades; lembrai-vos que é mui gloriosa a origem desta palavra, e que significava antigamente em angulo-saxonio, — *um homem que dá pão aos outros*; allusão feita á caridade e á hospitalidade dos nobres.

Foi depois de sua assistencia em Berne que Haller publicou sua grande historia das plantas da Suissa, comprehendendo 2,486 plantas, descriptas com clareza e exactidão. Para este trabalho foi ajudado pelos guardas dos bosques, e caçadores de camellos, aos quaes lhes encarregou a colheita das plantas durante suas excursões pelas montanhas.

Foi tambem em Berne que Haller mandou imprimir sua grande physiologia, a mais celebre de suas obras, e suas *Bibliothecas* de anatomia, de medicina e de cirurgia.

Por este mesmo tempo, mandou o rei da Prussia propor a Haller o lugar de chanceller da Universidade de Halle, que estava vago pela morte do celebre Wolf. O conde Orloff veio-lhe offerecer da parte da imperatriz Catharina, a presidencia da Academia de Saint-Petersbourg. O rei de Inglaterra Jorge III, escreveu-lhe, em 1764, pedindo-lhe com instancia que voltasse para Gœtingue. Foi então que o Senado de Berne lavrou um decreto em virtude do qual ficava Halle em sujeição perpetua para o serviço da patria. — Nesta occasião escreveu Haller a seu amigo o celebre doutor Lissot; « Suas Excellencias, em numero de 137 resolveram unanimemente conservar-me em seu serviço, em consequencia de uma representação feita ao senado pelo concelho secreto. Deram-me tambem a pensão de 1,000 libras. Não espanta a somma que é pouco proporcionada, mas chama a attenção a novidade do facto. Eis-me pois estabelecido em minha patria; esta pequena somma servirá de fazer-me passar mais commodamente o resto dos meus dias, e mais feliz seria eu ainda se os negocios publicos me não roubassem tão grande numero de horas.»

A actividade de Haller era tal que tendo um dia fracturado o braço direito, poz-se a escrever com a mão esquerda, antes de ter chegado o cirurgião para pensar-lhe o braço. Já bem adiantado em annos deu uma queda, cuja gravidade lhe fez temer o enfraquecimento de sua memoria, para disto se assegurar, escreveu de prompto os nomes de todos os rios que desaguam no Oceano, e não ficou satisfeito senão depois de ter cabal certeza de se não haver esquecido de nenhum.

Lembre-mos tambem que Haller é o autor de muitos artigos importantes, consignados no supplemento da Encyclopedia, que escreveu diferentes obras de imaginação, e entre ellas dois romances historicos.

Bonstetten escreveu sobre este homem celebre algumas paginas interessantes. « Nada mais bello, diz elle, do que seu olhar penetrante e ao mesmo tempo sensivel. O genio brilhava em seus formosos olhos. Era de todos os homens que eu tenho conhecido o mais espirituoso e o mais amavel; seu extremo saber tinha a graça do improviso. Elle estava continuamente em sua vasta bibliotheca, onde era quasi sempre encontrado só e escrevendo; um dia que o fui visitar, tive com elle uma conversa acerca do livre arbitrio. Não deixando de me fallar, continuou a escrever. Trouxeram-lhe folhas inglezas; começou de lê-las sem suspender a escripta, nem a conversação. Fiquei tão admirado que, quando elle concluiu sua gazeta, tomei-a, e pedi-lhe a permissão de o interrogar sobre o conteudo de alguns artigos; elle tinha tudo de memoria. A derradeira mulher de Haller era uma sabia allemã; nem ella, nem seu marido, que tinha oito filhos, sendo dois do primeiro matrimonio, se embaraçavam com a educação ostensivel de sua numerosa familia, e, todavia, a pesar deste deseuído, foram todos distinguidos por seu espirito, sua amabilidade, ou por sua memoria; affirma-se que cada um delles recebera uma das qualidades caracteristicas de seu pai, o certo é que se fizeram todos notaveis por uma grande originalidade. De volta de minha viagem fui vê-lo; era pelo outono ao anoitecer. Encontrei-o só e escrevendo. Perguntou-me que livros tinha eu trazido de Inglaterra, eu os nomeei. Quando delle me despedi, pediu-me que lh'os mandasse. Eu lhe enviei logo dois volumes; mas d'ahi á pouco me vieram com uma açafate, pedindo-se-me que a enchesse: era ávido de ler. Vi Haller pela ultima vez no mez de agosto de 1777, anno em que elle morreu. O sentimento do proximo desaparecimento deste metéoro, o desgosto de vêr morrer este grande homem davam á tarde que junto delle passei o caracter de um magico pôr do sol em um deserto. »

Uma passagem tirada de Vicq d'Azyr completa este retrato: « Haller dormia em sua bibliotheca, e, algumas vezes persistia muitos mezes sem della sahir; ali comia, e quando acontecia, ás horas da comida, ir sua familia fazer-lhe companhia, era quando elle se acreditava por possuidor de tudo o que ha de mais caro neste mundo. Sua devoção ao estudo tinha não só influido sobre seu caracter, como tambem sobre tudo que o rodeava; sua casa tinha-se tornado o santuario das sciencias. Seus discipulos, sob sua direcção trabalhavam em sua bibliotheca e em seu amphitheatro; seus filhos, a mesma Sra. de Haller, que tinha



aprendido o desenho e a pintura para lhe ser útil; seus amigos e seus concidadãos tomavam por um dever o contribuir para seus trabalhos. Esta impulsão se havia communicado de uns para outros; elle só reasumia tudo, era para tudo e a tudo animava. »

Um viajante sueco, Bjornstahls, fallando de Haller diz: Tão difficil seria conhecer-se o que elle ignorava como o que elle sabia. Eu o achei tão versado nos conhecimentos que lhe suppunha serem extranhos, como nos ramos de que fora professor. Conhecia tão perfeitamente a historia da Persia e da China, como a dos reinos do Norte. Propuz-lhe diversas questões, cujas resoluções tinha por difficéis, mas a todas me respondeu com tanta promptidão que largei mão de procurar o fundo de sua sciencia. Conhecia todos os autores e oradores suecos: nossa politica lhe era familiar.... Não tinha em sua bibliotheca dictionario algum das linguas modernas, entretanto elle as sabia perfeitamente; vindo assim a ser elle mesmo um dictionario vivo: sua memoria tinha alguma cousa de inaudita, sua razão e sua penetração inacreditaveis, mas seu coração era excellente.

Haller nasceu com pouca fortuna, e bem mediocre foi a que legou a seus filhos. Sua bibliotheca esgotou-lhe grandes sommas; tinha 25,000 volumes quando elle morreu, os quaes depois de estarem nas Universidades da Lombardia, foram enriquecer a Bibliotheca real de Paris.

Alguns mezes antes de morrer, Haller mandou chamar um padre moço, Wittenbach, para, a seu lado, o entreter com pensamentos religiosos; Wittenbach perturbado lhe disse: — Como a tanto me atrever, eu, tão moço, diante do grande Haller!... — Supponde que ten-des presente uma pobre velhinha, e orai comigo como farieis com ella. Só a oração me pode fazer bem.

Morreu Haller ladeado de sua familia, a 12 de dezembro de 1777.

---

### *As chuvas de sapos.*

Ha um vasto curso de estudos interessantes a que os sabios chamaram por muito tempo prejuizos populares. Quasi sempre estes pretendidos prejuizos, quando são examinados com attenção, se encontra nelles um fundo de verdade incontestavel. Se conhece este dito de um homem celebre que fallando da autoridade a mais capaz em materia politica, dizia em presença de uma alta essembléa, que elle conhecia alguém com mais espirito que Voltaire, com mais espirito que Rosseau, com mais espirito que aquella essembléa mesma, e que este alguém era todo o mundo. Poder-se-ia dizer do mesmo modo que ha alguém que é me-

lhor observador que Buffon, e que Cuvier, melhor observador que todos os sabios, e todos os academicos, e que este alguem é tambem todo o mundo. E na verdade não ha observador que tenha melhor vista, melhores ouvidos, melhor tacto, melhor memoria. Sem duvida esta excellencia das observações feita por todo o mundo applica-se simplesmente sobre os phenomenos tomados em si e exteriormente, e não sobre as theorias que as explicam. É ordinariamente neste lugar que o maravilhoso ou absurdo entrevem, e que o sabio está em seu direito atirando para longe o funesto systema com a qualificação de prejuizo; mas o sabio, se elle é sabio, não deve lançar tão longe, que não possa retomar as observações, que tem servido de fundamento, e as examinar com vagar e attenção. Quanto mais geralmente é acreditada a crença, mais consideração merece. A verdade se occulta debaixo de envoltos; e como a moral nas fabulas, ella repousa debaixo dos ornatos, de que o texto é composto.

Se fosse necessario citar exemplos, não seria difficil encontrar-se muitos. Se os sabios ensinam o vulgo, o vulgo por sua vez lhe dá mais de uma boa lição. As chuvas de pedras, tantas vezes confirmadas pelos camponezes, que foram observadores dellas no campo, e tantas vezes rejeitadas pelos physicos, que as trataram de chimericas, não tomaram lugar nos factos da sciencia senão depois que M. Biot delegado pela academia, fez a historia official de um phenomeno deste genero, que se tinha produzido em Normandia. Sabe-se que M. Arago tomou á sua conta a causa dos jardineiros contra a lua avermelhada, que segundo um velho adagio queima as novas plantas: elle fez ver o que havia de verdadeiro nesta affirmção, e deu a particular razão disto. Não ha prejuizo quando se observa, mas sim muitas vezes quando se quer explicar sem ser dotado de luz sufficiente.

As chuvas de sapos foram por muito tempo collocada na mesma cathogoria, que as de pedra. Como a sciencia não estava em estado de dar a razão do phenomeno, ella o negava. Infallivel maneira de manter o seu privilegio de competencia universal. Em vão milhares de testemunhas affirmavam terem visto estes animaes cahirem da atmosphaera, e bater-lhes no rosto e nos chapeos: estas testemunhas não tinham missão de observar, e parecia que suas palavras não podiam ter algum valor authentic. Mas enfim o clamor tornou-se tão grande que não foi possivel suffocal-o, ou recusar ouvil-o. O prejuizo das chuvas de sapos quasi que recebeu absolvição; não se ousa mais negar a cousa, mas resta esclarecer as circumstancias e estudal-a com maior cuidado e detalhe. Parece mui difficil, que os ovos possam ser transportados á atmosphaera, e ahí se desenvolverem, além disto podia produzir-se chuvas d'ovos, e é o que não se tem verificado. M.

Ampere, que encarava como incontestavel o phenomeno á vista da crença de tantas testemunhas, propôz á sociedade das sciencias naturaes uma explicação que parece muito plausivel, e observações dignas de attenção, nas quaes se encontram testemunhos de pessoas que habitam o campo e não deixam nada a duvidar. Este sabio notou, e o que todos os viajantes poderam tambem observar, que em uma época determinada, isto é, quando os sapos e rans perdem suas caudas, estes animaes tem necessidade de abandonar o lugar de seu nascimento, e com effeito se põem a saltar pelo campo de uma maneira vagabunda, e em grandes massas. Neste estado seria muito possivel que um destes tufões violentos, que ordinariamente accompanham os temporaes levasse na sua passagem uma certa quantidade destes fracos e leves animaes, para os lançar depois em outro lugar mais ou menos affastado. Ter-se-ia tambem uma explicação mui simples de um phenomeno, que é de natureza propria a embarçar os Zoologistas, a respeito da qual tem-se imaginado uma multidão de hypotheses mui difficéis de admittir-se. Para resolver a questão e dar plena razão a aquelles que se tem feito os sustentantes, bastaria ser levado por um feliz accaso a observar o effeito de um tufão violento em um lugar descoberto, sobre uma destas partes cheias de sapos viajantes. Seria ainda uma destas cousas maravilhosas, cuja explicação tornar-se-ia mui natural, e mui simples.

M. Roulin em um tratado cheio de erudição, e muito interessante sobre a singularidade da historia dos sapos, tem longamente insistido sobre isto, e reunido uma multidão de testemunhas curiosas que o põem fóra de duvida. A antiguidade, a meia idade, e os tempos modernos apresentam igualmente: mas como o faz ver Roulin, é prudente toda a reserva porque nada ha mais facil do que se enganar sobre uma tal observação. Vendo apparecer uma multidão de pequenos sapos na occasião da chuva, e em um lugar, onde dantes não havia um só, somos induzidos a concluir que chegaram ao mesmo tempo, em que vieram as chuvas; entretanto póde não ser assim, e a chuva tel-os feito sahir dos buracos, e escondrijos, em que se tinham refugiado evitando a secura. E' por tanto inteiramente necessario para provar a realidade do facto, ver estes animaes cahirem directamente da atmosphaera.

Uma discussão que se suscitou a este respeito no decurso destes ultimos annos na academia das sciencias, deu origem a grande numero de depoimentos de testemunhas oculares, que até então não tinham nisso interesse, e conservavam para si as suas observações. É notavel vêr em todos os casos estas chuvas de sapos acompanhadas de tempestades mui violentas.

« Uma trovoadá dirigia-se para a pequena cidade de Ham, diz um

observador, e eu estudava a marcha ameaçadora, quando de repente a chuva cahio por torrentes. Vi logo a praça da cidade coberta de pequenos sapos. Admirado de sua apparição, extendi a mão e senti o choque de muitos destes animaes. O pateo da casa estava igualmente cheio, eu os via cabir sobre um telhado de ardozia, e saltar sobre a calçada; todos fugiam pelos regos d'agua que se tinham formado e eram levados para fóra da cidade. Meia hora depois a praça estava desembaraçada, excepto de alguns mais ronzeiros, que pareciam pezados na sua queda. « Em Jacey, no mez de Junho de 1833, diz outro, uma trovoada nos surpreendeu, e eu vi cahir do céu sapos; aparei alguns no meu guarda chuva; o solo estava coberto de uma prodigiosa quantidade destes sapos mui pequenos que saltavam. As gotas d'agua, que cahiam ao mesmo tempo não eram mais abundantes, do que os sapos. »—« Em 1821 em uma aldeia do departamento de Meusa uma trovoada violenta tendo rebentado de noute, achou-se no dia seguinte a rua coberta de sapos e rans: nada de semelhante tinha acontecido nas aldêas visinhas: mas um castello da visinhança, cujos fossos continham abundancia destes animaes, foram durante a noite inteiramente esgotados por um turbilhão, e este facto parece ser a explicação natural do que se tinha observado nas ruas da Aldeia.

Se os animaes são tambem levados ás regiões superiores da atmosphera pelos furacões, este accidente deve ser commum a outros animaes que não só aos sapos e rans; e com effeito cita-se tambem chuvas de peixes. No estio de 1820 os estudantes do seminario de Nantes estando a passear viram com admiração depois de uma trovoada, durante a qual elles se tinham abrigado, a superficie do campo, coberta em uma estenção de quatrocentos passos, de uma multidão de peixes de pollegada pouco mais ou menos, que saltavam sobre a erva: de certo não se pôde dizer, assim como acerca dos sapos, que estes animaes vieram ahí por si mesmos. Na India, sobre as praias do Gange vio-se em 1834 um phenomeno analogo, mas em uma maior escalla, porque os peixes cabidos no solo em um espaço de duas geiras, em consequencia de um furacão, pesavam uma libra. Na Escossia, em Kinross-Shire, cahio uma chuva de arenques. Emfim conta-se que na America meridional chovêra sanguexugas.

Eis ahí bastantes factos para convencer os incredulos e obrigar a aquelles que não quizerem acreditar a conservarem-se ao menos em guarda, e estarem promptos para na occasião melhor observarem.

### ***A verdadeira gloria.***

« A gloria, segundo o sentir de um grande philosopho, e politico, é um sentimento, que eleva a nossa alma, e nos engrandece aos olhos

dos homens illustres, e dos sabios. Esta idéa acha-se identificada, ou indivisivelmente unida ás idéas de uma difficuldade vencida, de uma utilidade conseguida, ou augmento de felicidade para o universo ou para a patria. »

« Eu attrahira, diz o mesmo autor, uma bem merecida e justa indignação se dissesse, que todo aquelle genio, que se distinguio pela invenção de uma arma mortifera, tinha tido a gloria de haver inventado. A gloria segundo as idéas que della tenho formado, não é a recompensa dos progressos, ainda os maiores, em materias de sciencia. Inventai um novo calculo, componde um Poema sublime, excedei Cicero, ou Demosthenes em eloquencia, Thucydides, ou Tacito na Historia, conceder-vos-ei celebridade, mas não gloria. Ella igualmente não se obtem pela excellencia do talento nas artes. Supponho, que extrahisteis de um pedaço de marmore a estatua do Gladiador, ou do Apollo de Belvedere; que o painel da transfiguração foi obra do vosso pincel; ou que o vosso canto natural, melodioso e expressivo vos tem collocado a par de Pergolezzi; gozareis sim de uma grande reputação, mas não de gloria. Ainda digo mais, igualai Vauban na arte de fortificar as praças; Turenna ou Condé na de commandar exercitos; ganhai batalhas, conquistai provincia, todas estas acções, são famosas, e por ellas o vosso nome será transmittido á mais remota posteridade; mas estas ainda não são aquellas para as quaes está, unica e tão somente a gloria reservada. Um individuo pode muitas vezes aspirar á fama, e á immortalidade; mas somente circumstancias raras, e uma feliz estrella, é que podem conduzir-o á gloria. »

« A gloria pertence a Deos no Céu, e sobre a terra é o premio da virtude: não do genio, nem do talento; mas sim da virtude util, grande, bemfazeja, e heroica. É o premio do Monarcha, que durante um reinado procelloso se occupou de fazer a felicidade dos seus subditos, e ditosamente a pôde concluir; é o premio do cidadão, que sacrifica a sua vida pela salvação da patria, é o premio do povo que antes preferio morrer livre, do que viver escravo. »

---

### *A amizade.*

Se dous homens se unem bem, as necessidades de ambos não são maiores a qualquer respeito, que as de um só, e suas forças são muito mais superiores ás de dous homens separados. A união ainda faz mais: quando ella é perfeita, satisfaz os desejos, diminue as faltas, previne os votos da imaginação, e enche de todos os bens; é um asylo sempre franco e uma fortuna inteiramente constante.

S. L.

## A JOBSIADE,

### *Poema heroi-comico allemão.*

Existe na Allemanha, entre uma chusma de artigos, jornaes, noticias diversas, dissertações scientificas e romances, cujo fim é descrever a vida, costumes e caracteres dos estudantes da universidade, tres obras que explicitamente pintam estes singulares costumes; e vem a ser: um poema heroi-comico de Zacharias, que narra as empresas destes valentões das universidades germanicas a que dá-se o nome de *Renommist*; um romance prosaico, denominado o *Estudante*, o qual nos apresenta mui circumstanciadamente uma pintura, já triste, já veridica, das differentes classes dos universitarios; finalmente outro poema heroi-comico por titulo a *Jobsiade*.

Pouco se imprimio do *Renommist* de Zacharias, publicado no fim do ultimo seculo; ao passo que tiram-se innumeradas edições da *Jobsiade*, e não existe uma só familia flamenga a quem não tenha divertido.

É uma obra puramente agradável e espirital, que sob uma forma simples, encobre vestigios de bom *humor*, repentinos comicos á maneira de Holberg, e que, por entre seu estylo umas vezes trivial, outras grotesco, offerece aos pais de familia e aos estudantes uma judiciosa moralidade.

O poema compõe-se de duas partes, e é escripto em strophes regulares de quatro versos.

O autor começa sua epopéa pelo nascimento de seu heróe. Conta que alguns admiraveis presagios presidiram a este ditoso acontecimento.

O pai de Job é um digno cidadão de uma pequena cidade de Souabe que tem o importante titulo de conselheiro; sua mãe é uma boa e casta mulher que forma para seu filho unico os mais doces sonhos maternas. Apenas o menino vio a luz do dia, foi logo cercado das bisbilhoteiras da cidade, que todas já observam a intelligente expressão de sua physionomia e lhe agouram o mais brilhante porvir. Uma dellas diz que um tal menino distinguir-se-ia necessariamente na universidade, e occuparia algum dia um rico emprego nos presbyterios de Souabe. Os bons pais acolhem alegremente este lisongeiro horoscopo, e desde então resolvem mandar seu filho para as melhores escolas onde deve, segundo indubitaveis predicções, adquirir uma rara celebridade.

Nada diremos relativamente á infancia e aos primeiros annos esco-

lasticos de Job, em que o futuro herdeiro do conselheiro não se distingue senão por duas particularidades mui salientes: uma completa repugnancia para o trabalho, e um ardor não menos declarado para todas as distracções pouco licitas. Mas sua preguiça é tida por seus caros pais, como um amavel desmaselo, e as más peças que prega a seus professores ou a seus camaradas parecem-lhes outras tantas engenhosas travessuras. No entanto o rapazito chega aos seus dezoito annos; força é finalmente lançal-o na gloriosa carreira que deve seguir, julgam conveniente interrogar o pedagogo relativamente ás disposições deste menino privilegiado. O pedagogo, receiando desgostar o senhor conselheiro, declara francamente que Job não tem a minima disposição. Seus pais declaram por sua vez que o pedagogo é um tolo, e para consultar chamam uma cigana, que, depois de attentamente ter observado a mão de Job, medido a direcção e o comprimento das linhas que nella se desenham, annuncia que dia virá em que este menino por sua palavra dominará toda a cidade. Não resta mais duvida, o mestre de escola é um ignorante: a cigana confirmou o primeiro horoscopo de Job, e este vai partir para a universidade. Preparam-lhe uma mala de príncipe; seu pai abraça-o banhado em lagrimas: sua mae apertando-o contra seu coração, lhe introduz na mão uma bolça bastante recheada.

Job aparta-se com o coração commovido por tantas bondades. Na primeira estalagem em que pousa, cahe nas garras de um jogador que lhe chucha mui honradamente o presente materno. Na diligencia, deixa uma rapariga, a mais bella que é possível, roubar seu relógio.

Chega finalmente sem outro occidente á universidade, e matricula-se no curso de theologia. Ha ali rapazes que passam uma vida sóbria, regular, e laboriosa, outros ao contrario, não cuidam senão em alegremente dispender dinheiro, andar a cavallo, de carruagem, trenó, e passar as noites nos botequins. Os primeiros tem uma physionomia fria, austera, que espanta o timido Job; os segundos, ao contrario, são de um natural encantador, e Job não hesita um instante unir-se com elles. Como é um rapaz habil e resolute, bem depressa excedeu aquelles que a principio havia considerado como seus mestres; em pouco tempo ninguem o iguala na suprema arte de pôr a taverna em movimento, insultar seus professores, e divertir-se com seus credores. De dia, vêm-o á frente de uma brilhante cavalgada; á noite, encontram-o sentado em uma sala enfumaçada, em frente de uma soberba collecção de bilhas de cerveja. Todavia não se deslembra que tem de cumprir uma obrigação scientifica, e habitua-se, como a um dever, a assistir, pelo menos uma vez todas as seis semanas, a alguns cursos dogmaticos. Tres annos assim se passaram; Job escreve amiudadas

vezes à sua familia. Conta-lhe em longas e enganadoras cartas sua applicação ao estudo, seu progresso e sua necessidade de dinheiro. O poeta refere-nos uma d'essas cartas.

« Meus carissimos pais, eu vos escrevo para participar-vos que preciso de dinheiro; tende a bondade de mandar-me um modico auxilio, vinte ou trinta ducados. Casa, comida, roupa, fogo, luz, tudo neste paiz é tão caro que não sei mais como haver-me. Mandai-me pois trinta ducados. Não fazeis idéa do exorbitante preço dos livros e das lições dos professores. Ah! se possuísse sómente meus trinta ducados!

« Cada dia estudo com incrível ardor. Rogo-vos que quanto antes me remettais os trinta ducados. Apesar da mais severa economia, muito despendo em sapatos, roupa, papel, tinta, pennas, de que tudo preciso. Mandai-me pois os ducados. Prometto-vos que empregarei bem esse dinheiro. Ao passo que os outros estudantes gastam o tempo em passear e beber, fecho-me em meu quarto, tendo meus livros por companhia. Meus condiscipulos, a quem exaspera o meu assiduo trabalho, dizem, fallando de mim: — Vêde o pedante; estuda como se já fosse padre. Mas pouco caso faço de suas criticas e epigrammas. Mandai-me os trinta ducados. Passo dez horas por dia frequentando cursos, e ainda muitas outras trabalhando só. Meus professores estão muito satisfeitos comigo, e sómente me aconselham que modere meu ardor para com o estudo da philosophia e da theologia. Meus amados pais, não me está bem talvez, d'est'arte elogiar-me, posso porém affiançar-vos que de todos os alumnos sou o mais estudioso. Ha occasiões em que, á força de ler e meditar, parece-me que minha cabeça se despedaça por estar tão cheia. A proposito, não vos esqueçais dos trinta ducados. Espero poder bem depressa subir ao pulpito, e pregar um bello sermão; exercito-me amiudadas vezes nesta nobre missão.

« Não vos esqueçais dos ducados. Em breve tempo gozareis da educação de vosso filho. Força é ainda dizer-vos que as minhas lições particulares custam-me vinte thalers. Adicionai esta pequena quantia aos trinta ducados. Preciso tambem de uma nova sobre-casaca, que não posso comprar por menos de doze thalers; de um par de botas, de umas calças, de um chambre e de alguma outra roupa. Tudo isto custar-me-á seguramente quatro luises de ouro. Finalmente, cahi doente por muito estudar; agora, acho-me restabelecido, porém o medico exige desoito florins, e o boticario vinte e tres. Mandai-me ainda estes quarenta e um florins. Devo tambem dar alguma coisa á enfermeira; acho que sete florins não é muito. Além disto, mandai-me pelo menos oito florins para as geleas e xaropes que me receitaram. Bem desejára receber dinheiro por todos os correios; por isso que sou um homem regulado, e não quero ter dividas. Tive a desgraça de quando ia para a universidade cahir da escada,



e deslocar uma perna. Ficai tranquilos; estou agora de todo restabelecido, devo porém pagar doze thalers ao cirurgião. Entretanto tenho o peito fatigado: os medicos, vendo quanto o trabalho me tem debilitado, ordenam-me que beba de tempos a tempos algumas bellas garrafas de vinho de Borgonha. É uma despeza de duas pistolas. Para concluir, meus amados pais, accrescentarei que devo aqui e acolá cerca de trinta a quarenta florins. Mandai-me ainda esta pequena quantia, e se fôr possível que a ella addicioneis, para algumas outras despezas eventuaes, uma duzia de luises de ouro, tal presente ser-me-ia por demais agradável. »

A carta termina por um longo *post-scriptum* em que Job conta que um incognito acaba de roubar-lhe uma preciosa economia de quatorze corôas. Porém promette dar a seus amados pais o gosto de prendel-o.

A resposta do pai é um exemplo de sermão paterno, mui sincero, credulo e indulgente. Analysa paragrapho por paragrapho toda a carta de seu filho, e demonstra-lhe, com brandura, que este artigo de despeza parece muito exagerado, aquelle um pouco equivoco. Toda essa carta foi por nós traduzida. Quantos pobres pais de familia assim encaram como veridicas as ridiculas fabulas que lhes contam seus filhos, e, mostrando tudo aquillo que acham exagerado, cedem loucamente ás suas reclamações que cegam sua ternura! Eil-a.

« Meu muito amado filho, recebi a carta que me endereçaste. Com alegria soube que te portas com dignidade; não fico porém satisfeito por me pedires ainda dinheiro.

« Não ha inda tres mezes que recebeste cento e cincoenta thalers (cerca de 500 fr.) Em verdade, não sei como supprir a tantas despezas. Sou feliz por saber que não só estudas com zelo, como tambem que te comportas optimamente, sinto porém que ainda me peças trinta ducados.

« Parece-me, meu filho, perdoa-me esta observação, que passando-se economicamente na univervdade, não é mister tantos escudos. Verdade é que debes comprar livros, pagar o tributo de teus cursos; mas á vista de taes sommas, força é que possuas bastantes livros, e assistas a muitas lições.

« É igualmente difficil de acreditar que casa, lavadeira, luz, e fogo custem tão caro, e julgo que com alguns cobres pode-se ter muitos lapis, tinta, e papel. Vejo tambem com prazer que evitas as más companhias, ficas só em teu quarto, trabalhas com excessivo ardor, e não bebes senão chá. Mas de que modo, não bebendo tu senão chá, inda precisas de trinta ducados? Se teus collegas chamam-te sovina deixa-os fallar, que te importas? Supponho portanto que o que gasta tanto como tu não pode ser tachado de sovina.

« Conserva o caprixiu estudioso que te anima, afim de inutilmente não gastares tanto tempo e dinheiro. Não é porém necessario que te esforces demasiadamente, nem ames tanto o saber, por isso que os mais afamados sabios não são, pelo menos a maior parte, senão semi-tolos.

« A noticia que me dás de que algum dia subirás ao pulpito, por demais alegrou-me. Prepara-te para dignamente cumprir semelhante missão. Mas, de todas essas contestações escolasticas sobre que me fallas, nenhum bem te póde resultar.

« Para que essas lições particulares, se as tens por espaço de dez horas por dia na universidade? Comprebendo tanto menos sua necessidade, quanto duvido que custem vinte thalers. Porém de muito boa vontade acceito esta parte do orçamento, porque não choro o dinheiro que emprego em teus estudos, inda que fosse tres vezes mais consideravel.

« Uma vez que me participas que tua sobre-casaca está estragada, deves mandar fazer outra; porém, custando dose thalers, força é que seja de um panno superfino. Aquelle que se dedica ao estado ecclesiastico não deve usar de vestidos tão affectados, e um de panuo ordinario ser-te-hia mui conveniente.

« Pedes-me ainda quatro luises para um chambre, sapatos, e chapéo; mas que farás então dos trinta ducados?

« Soube com pezar que havias estado doente. Fizeste mal em recorrer á medicina: porque tenho por muitas vezes observado que na mocidade o vigor da natureza obra mais efficaçmente do que o melhor remedio, e os teus custaram-te extremamente caros. É preciso que o medico e o boticario da universidade não sejam christãos.

« Pelo que diz respeito á enfermeira que chamaste podias muito bem dar-lhe um florin em vez de sete, e ao confeiteiro, parece-me que dependendo um thaler em sua casa, terias obrado com prudencia: porque de que servem, quando se está doente, todas essas limonadas e compotas? Antes tomar agua de sevada que não é tão cara.

« É de lastimar que tenhas levado uma queda, e muito te custasse a reparar tal accidente. Teu cirurgião pede-te 12 thalers: por semelhante quantia o de nossa cidade encana braços e pernas. Porém, graças ao céo, teu braço está perfeitamente curado. É bom que tenha um braço dextro e habil para gesticular conforme a eloquencia, aquelle que um dia deve orar do pulpito.

Queixas-te de teu máo estado; em verdade é triste cousa; porém padeço tambem do mesmo mal. Por sem duvida isto provém das longas sessões do conselho. Mas para que bebes vinho de Bourgogne aromatisado? Um copito de aguardente faria mais effeito.

« Pedes-me ainda trinta e quatro florins para pagamento de algu-

mas dividas. Mas em nome do céo ! donde provém taes dividas? Accaso não tens já tudo notado, tudo addicionado? e quarenta florins não é bagatella. Dizes finalmente que dar-te-ias por muito satisfeito se tives-  
ses uma duzia de pistolas para outras despesas; todavia creio que os trinta ducados ser-te-ão mui sufficientes. Contas-me que fostes roubado e que para consolação mandáras prender o ladrão. Isso não é sentimento christão. O velhaco pôde ainda emendar-se. Demais, aqui para nós, a justiça actual não é tão perspicaz e severa, e já senão enforcam todos os ladrões, ao menos pelo que vemos em nossa querida cidade-sinha, onde grandes patifes vivem mui livremente.

« Se queres guardar teu dinheiro, trata de ser mais prudente. Quanto a mim fecho tudo o que possuo com um vigoroso ferrolho e velo dia e noite.

« Para fazer-te a vontade, mando-te tudo quanto me pedes. Mas attende-me: os negocios marcham muito mal, e é com grande trabalho que faço tantas despesas.

« O commercio vai mal, minhas funções de conselheiro nada me dão, e bem modicas são as minhas vendas. Já me tarda o não teres ainda acabado teus estudos: se elles tiverem de durar por mais tempo, por certo não poderei supprir ás tuas despesas.

« Folgamos por aqui ter brevemente, um sabio como tu, e tua mãe só cuida em teu futuro estabelecimento.

« Bem desejaria dar-te noticias de nosso paiz; tudo porém vai como de costume. Levanto-me cedo, e vou muitas vezes ao conselho. Temos ideado bellos planos afim de dar á nossa cidade o mais encantador aspecto. Tua mãe soffreu uma dôr de dentes; tua irmã Gertrudes está desposada.

« Nosso pastor está sempre doente; começa-se a temer seu estado. Se este excellentes homem morrer, poderás talvez substituil-o. Todos os nossos visinhos, teus irmãos e irmãs muito se recommendam. Estimam saber que te portas bem, e almejam tua proxima volta.

« Teu affectuoso pai,

JOB, SENADOR, *pro tempore*.

P. S. Tuas cartas causam-me grande prazer, mas, por obsequio, poupa-me os peditorios de dinheiro.

(*Continúa.*)

---

### ***Theoria da respiração vegetal.***

Todos os seres organisados, assim como os anorganicos, milltam sob o estandarte commum das leis physico-chimicas.

Os vegetaes como os animaes necessitam para poderem viver de res-

pirar ; de maneira que o viver considerado debaixo deste ponto de vista é synonymo de respirar, e sendo a materia que sustenta esta funcção fornecida pela atmosphera, a sua composição se alteraria, se por ventura não houvesse compensação. Ora a chimica tem demonstrado que a atmosphera é sempre homogenia ; logo esta compensação existe. Como se faz porém esta compensação ? É ainda a chimica que nos ensina que as alterações produzidas na atmosphera pela respiração animal, são reparadas pela vegetal. Assim ao passo que os animaes absorvem na atmosphera o oxigeno, e o convertem com os elementos phlogisticos (hydrogeno e carbono) de que se acha sobre-carregado o sangue, em protoxido de hydrogeno e acido carbonico, os vegetaes cedem estes productos apropriando-se os combustiveis (hydrogeno e carbono) e expellindo o restante da combustão (oxigeno.)

Mas quaes as causas da redução dos productos da respiração animal pela dos vegetaes ? Conforme o modo de racionar — *post hoc : ergo propter hoc* — nada mais facil do que achal-a na sua coincidencia com a presença das leis, da globulina, e da seiva ; mas quanto a nós para que um phenomeno possa ser considerado causa de outro, não basta provar-se a sua coincidencia, é necessario tambem mostrar-se o como, e o porque.

Eis o que nos propomos.

Conforme a theoria de Sthal que fazia da combustibilidade (propriedade) um corpo (phlogistico) que se desprendia no momento da combustão, para que um corpo combusto se reduzisse era necessario, que elle ganhasse o que havia perdido pela combustão ; o que se conseguia aquecendo-o com um combustivel que por seu turno perdia o seu phlogistico. Esta theoria que explicava todos os factos até então conhecidos, e que satisfazia por consequencia as necessidades da sciencia, teve de ceder o seu lugar a outra ; porque novos factos (que são a pedra de toque das theorias) se descobriram, os quaes não eram comprehendidos no seu dominio, taes como a redução dos oxidos da 5.<sup>a</sup> classe só pelo calorico. A theoria de Sthal pois foi substituida pela de Lavoisier, o qual demonstrou que a combustão, consiste na combinação do oxigeno com os combustiveis, e que a causa da ignição está no augmento de densidade, e na diminuição da capacidade para o calorico do corpo resultante da combinação. Berselius confrontando esta theoria com os factos, achou que a combustão em verdade consiste na combinação do oxigeno com os combustiveis ; porém que as causas da ignição indicadas por Lavoisier são accidentaes ; porquanto, casos ha de combustão, em que em vez de condensação, ha rarefacção do oxigeno, e em vez de mudança de capacidade para o calorico para menos, ha para mais.

Conforme este celebre chimico a combinação é devida á neutralisação das polaridades electricas, e que por consequencia a causa da ignição chimica é a mesma que a da ignição electrica. Em consequencia para que um corpo combusto se reduza é necessario que se lhe restitua a sua polaridade electrica, o que se obtem pela influencia da luz, calorico, electricidade, ou de outros corpos ponderaveis, que neutralisem melhor a sua polaridade, ou pela acção combinada d'estes meios.

Pela dispersão dos raios coloridos da luz, isto é: pela formação do espectro solar, nota-se, que uns raios são reductores, e outros combinadores; no que a luz apresenta uma analogia notavel com o galvanismo.

A redução dos productos da respiração animal pela dos vegetaes só tem lugar na presença da luz, da globulina, e da seiva, e nas partes verdes.

As côres são devidas á decomposição da luz, e suas diversas graduações á reflexão de uns raios coloridos, e á absorção de outros pelo corpo decomponente. Ora nos vegetaes a côr verde é devida a globulina, logo é ella que decompõe a luz; e como a côr verde é formada pelos raios combinadores, segue-se que os reductores são absorvidos.

Dos principios acima expendidos segue-se que é a globulina que occasiona a redução dos productos da respiração animal absorvendo os raios reductores, cuja acção, combinada com a da seiva constitue a causa efficiente.

A. G. Chaves.

## AS ESTAÇÕES DO ANNO.

### ODE 1.<sup>a</sup>

#### *A Primavera.*

##### STROPHE 1.<sup>a</sup>

Já tuas lindas tranças vecejantes  
 Se esmaltam de mimosas lindas flores,  
 Primavera engraçada, a mais formosa  
 Das Estações, que um Deos criou benigno.  
 Já dos montes não sôa despenhada  
 Com ruidoso motim medonha enchente  
 O gado e seu pastor mergindo em susto.

##### ANTISTROPHE 1.<sup>a</sup>

As procellas horrisonas findaram,  
 E do fulgor sulphureo o estallo horrendo,

Com que echi-sono o monte se dimove  
Do trovão, abalado longi-troante.  
Já das covas não tira, ou de atoleiros  
Com suores, seu gado, com fadiga  
Em lagrimas, pastor desfeito, em iras.

## EPODO 1.º

Tu, linda primavera coroando  
De mimosas grinaldas rósea fronte ;  
De delicadas flores  
Revestida, revôas magos campos ;  
Nas mãos as avesinhas,  
Sem gaiola em prisão detens sujeitas ;  
Zefiro te acompanha, e a côma touca,  
Flora te dá seu braço, e amor te segue.

## STROPHE 2.ª

Dos ribeiros à margem doces, puros  
Do crystallino arroio murmurante,  
Ou despenhada fonte, que da rocha  
Alcantilada brota em duras pedras,  
Tu sentada, brincando co'as conchinhas,  
Do sabio és meditada, que analysa  
Em ti altos mysterios e prodigios !

## ANTISTROPHE 2.ª

De uma bonina pèga, e transportado  
De assombro pasma ! cheira, vê, repara,  
No que vio cuida um sonho ; a cheirar volve ;  
E ao ceo levanta os olhos já banhados  
De lagrimas suaves, que lhe inspiram  
Desejo de se unir ao Ser Supremo  
Em terra a flor deixando desfolhada.

## EPODO 2.º

Oh ! que extasi divino n'alma entorna  
Tu, meditação, oh ! campo ameno !  
Fujam longe os cuidados  
De vãs riquezas, de apparatus loucos,  
Em que se a vida estraga,  
Perde a saude, augmenta o vicio e matam.  
Como a vida campestre é aprazivel !  
Ouro, e prata em valor sobrepujando ;

## STROPHE 3.ª

Ali, as avesinhas descuidadas  
Voando, e revoando estão continuo ;

Com que graça seus brincos hi se mostram !  
 Lá um rapaz traquinas se apressura  
 Os laços apertando, em que cahindo,  
 Não vale á innocente, a debil força,  
 Por da rede escapar, salvando a vida.

ANTISTROPHE 3.<sup>a</sup>

De gaiolas munidos chegam logo  
 Outros correndo com fadiga insana ;  
 Com tristeza á avesinha, com lamentos,  
 Da liberdade chora os dons perdidos ;  
 Outro inhumano a força os olhos tira  
 Do alegre campo a um cantor formoso.  
 Que seu mal suavisa em doces prantos.

EPODO 3.<sup>a</sup>

Das ovelhas balantes, dos cordeiros  
 Que as mãis seguem, rebanho vasto e pingue  
 Nas campinas relvosas.

Como encantam, c'os saltos das cabrinhas

Nos penhascos minh'alma

Oh ! doce Primavera, como enlevam  
 Teus encantos, que excedem dos monarchas  
 Soberbos as delicias, os prazeres !

STROPHE 4.<sup>a</sup>

Oh ! variegada Primavera linda  
 Que visitas o mundo, que jazia  
 Do torvo Inverno em sombras envolvido,  
 Que repartes formosa pelos campos  
 Aos homens dadivosa os dons celestes,  
 Que de ouro os dias reviver nos prados  
 Encantadora fazes tão ditosos.

ANTISTROPHE 4.<sup>a</sup>

Ah ! deixa-me que frua os teus perfumes  
 Da meninice os dias recordando,  
 Dias, que sem cuidado vi no mundo  
 Em teus campos colhendo lindas flores ;  
 Na delicada mão as avesinhas  
 A meu rosto chegando imberbe ainda ;  
 Recordação suave, onde me sobes.

EPODO 4.<sup>a</sup>

Deixa-me teus perfumes goze lêdo  
 Do socego no gremio descansando  
 Em quanto a curta vida

Esse Author me concede de meus dias  
 Pizando as Alcatifas  
 De flores recamadas preciosas  
 E entre a papoula, ou rosa ou jasmim alvo  
 Sepulcho me permite aos frios restos.

### *Influencia das mulheres sobre a conversação.*

Nas sociedades animadas pela conversação das mulheres; todos os interesses se collocam, por assim dizer, entre todas as frioleiras; a razão a mais solida, a imaginação a mais activa para ahi conduzem seus tributos; as almas mais sensiveis ahi derramam suas effusões, os espiritos os mais refinados ahi trazem sua delicadeza; ahi todas as pessoas se prestam ás condições, que a conversação impõe; as materias as mais abstractas se apresentam debaixo de formas sensiveis e animadas, as mais complicadas, com simplicidade, as mais graves e serias, com uma certa familiaridade, as mais seccas e as mais frias com amenidade e doçura, as mais espinhosas com dextreza e finura, todas reduzidas á mais simples expressão, todas ricas de substancia, e sobretudo despidas de pedantismo e doutrina.

« Tudo isso é necessario entre um povo, em que os costumes admittiram as mulheres na sociedade em perfeita paridade com os homens. Admittidas a partilhar o prazer da conversação, estavam por isso mesmo a disputar o seu imperio, e não deviam ficar atraz desta vocação; e o imperio da conversação, que devia lhe assegurar um mais extenso, contribuiu mesmo a estender o dominio da conversação. Ella tem abraçado em França todos os conhecimentos humanos; e tem debaixo de suas leis as sciencias e os sabios, e nas occasiões em que estes não pôdem ter mulheres por seus interlocutores, quizeram tel-as por testemunhas de suas discussões.

As mulheres vivendo separadas dos homens, tem sua conversação sem duvida; é para estas conversações que se inventaram as palavras, parolla, tagarellice, chocalhice. Os homens formando sociedade separadas das sociedades femininas tem tambem sua conversação; são geralmente dissertações philosophicas entre os allemães, discussões politicas, economicas e commerciaes entre os inglezes. O charuto, o cachimbo, a cerveja, o chá, o vinho combinam suas excitações, e seus fumos com o fraco movimento dos espiritos, e das imaginações. A conversação franceza commum ás duas metades da Sociedade, excitada, moderada, medida pelas mulheres, é por si só uma conversação nacional, social; é, se assim se pode dizer, a conversação humana, pois que tudo entra nella, e todos nella tomam parte.»

Esta interessante citação vem de uma memoria de M. Røederer so-



bre a historia da sociedade polida em França: impressa a dez annos em poucos exemplares e que não foi exposta a venda. Por muito imperfeita que seja, esta obra está em uma excellente direcção. Não encerra infelizmente, senão um periodo do desenvolvimento de nossos costumes nacionaes, porque não segue esta grande questão como em 1600 a 1683, mas como é o periodo o mais decisivo a este respeito fica com um interesse geral. Tanto mais que em um tempo em que esta flor da politica, cultivada com tanto cuidado, e predilecção por nossos paes, considerada com tanta admiração e differença pelas nações estrangeiras, o prazer, a honra, em uma palavra o typo característico da França parece abandonada e como ameaçada de se abater pelo esquecimento das boas tradições da sociedade, e invasão dos costumes estrangeiros, tudo a que pôde contribuir a nos arrancar um dos principios essenciaes dos attractivos d'outr'ora, torna-se um serviço de primeira ordem, o de alguma maneira uma revocação ás leis da patria. Não é senão pela polidez que a sociedade familiar adquire todos os seus attractivos, não é senão pela polidez, por conseguinte que os homens podem manifestar todas as cousas honestas do bem ou do prazer de que são dotados uns a respeito dos outros. Assim pode-se dizer que o seu culto está essencialmente ligado á felicidade e prosperidade das nações, não menos do que ao aperfeiçoamento moral dos dois sexos. Objecto algum é mais digno da attenção dos homens serios e bem intencionados, particularmente em uma época em que a sociedade tende a se reconstruir sobre novas bases, e em que lhe importa tanto nada desprezar, quanto ao menos na base. É o que vem muito a proposito a tentativa feita por M. Rœderer para despertar lembranças pouco ou mal conhecidas, e que por não referir-se á politica senão por fios mui delicados e meios perdidos, por isto não pertencem menos ás paginas mais valiosas da historia.

---

O baptisado de S. A. I. a Princeza recém-nascida, D. Isabel-Christina-Leopoldina-Augusta-Michaela-Gabriela-Raphaela-Gonzaga, teve lugar no dia 15 de novembro de 1846. Foram padrinhos SS. MM. o rei de Portugal e a rainha viuva de Napoles. SS. MM. II. e toda a côrte assistiram á este acto.

O contentamento que se divisava nos semblantes de todos os expectadores é uma prova não equivocada do quanto se regozijam com o augmento da Familia Imperial, e que compartilham a alegria de SS. MM., por verem em seu seio mais um caro penhor da prosperidade de sua prole, e felicidade futura do Brasil.

Os brasileiros a quem tanto interessam a conservação e engrandecimento da dynastia imperial, á cuja sombra se abriga a par, a ordem, a sua segurança enfim, é sempre com prazer que tem occasião de levar aos pés do Throno de seu adorado Monarcha, o testemunho de seus sinceros sentimentos.

A estrella que presidio ao nascimento de S. A., a acompanhe nos longos annos de sua existencia; seja o pbarol que illumine a estrada que tiver de percorrer, para gloria sua, e de seu paiz.

Taes são os ardentes votos que fazemos ao céo por S. A. e pela prosperidade de sua Familia.

S. L.

## A JOBSTADE.

### Poema heroi-comico allemão.

(Continuação.)

Job chega ao termo de seu curso universitario. Pede o diploma do costume a seu professor, este lhe dá um escripto em grego e latim, duas linguas difficéis de que quasi nada pesca o alegre estudante. Persuadido de que o certificado que lhe dão é a prova mais irrefragavel de seus estudos, põe-se a caminho, e chega á porta da casa paterna, a cavallo, com grandes botas, uma vestia de caçador e uma espada á cinta. Já tem ideado uma historia tocante para explicar a extravagancia e exiguidade de sua bagagem. Está claro que um astuto ladrão roubou-lhe seu rico fato, bolça, numerosa collecção de livros, e até alguns manuscriptos, excepto um que com cuidado traz em seu seio: é a copia de um sermão composto por um de seus collegas; e que em caminho é repetido por Job com doce esperanza.

De feito no domingo seguinte, sobe ao pulpito da igreja de sua pequena cidade, e recita o tal sermão com uma voz tão vibrante e pathetica, que todo o auditorio ficou profundamente commovido; é um enternecimento geral e uma extraordinaria admiração. O pai, que a principio, notara com dolorosa inquietação o ar cavalheiresco de seu filho, e seu modo lesto de esvasiar uma garrafa fica estupefacto por tal eloquencia, e ordena uma grande festa em sua casa, para celebrar a volta deste filho admiravel.

O pastor da cidade está gravemente enfermo, e já se pensa que o joven pregador pôde mui bem substituil-o. Trata-se sómente de fazel-o passar por um solemne exame perante a commissão ecclesiastica do districto. Eis o que atormenta a consciencia de Job; que não dá a conhecer sua justa inquietação, e decide-se a comparecer afoutamente ante meia duzia de rethoricos armados de erudictas citações e carregados de textos espantosos.

Passa-se uma scena comica, porém composta quasi toda de equívocos de palavras allemães, de que nos é impossivel dar conhecimento aos nossos leitores. Todavia tentaremos explicar alguns.

Começam primeiramente pela leitura do certificado de Job, ah! é um papel que faz corar o pobre candidato, e causa grande tristeza a todos os seus parentes; segue-se depois o exame. O inspector, que conserva-se com a cabeça alçada, e argúe laconicamente, pergunta-lhe: — O que é um bispo? A palavra *bischoff*, que, em flamengo, significa bispo, designa tambem uma bebida quente muito usada nos pai-

zes germanicos. O desgraçado Job não hesita interpretal-a por este segundo modo, e responde.—bischoff uma bebida muito agradável, composta de vinho tinto, assucar, e summo de limão. Perguntam-lhe depois quem era S. Agostinho, ao que responde:—Não conheço outro Agostinho senão o bedel da universidade, que muitas vezes chamou-me á presença do reitor. Outro examinador o interroga relativamente á natureza dos anjos, e Job, depois de por um instante ter reflectido, declara que conhece um só anjo vestido de azul, que servia de distinctivo a uma optima hospedaria. Analogamente responde sobre a palavra *manichéens*, empregada pelos estudantes para designar seus credores.

Á vista de tão ridiculo exame, não pôde haver a menor esperança: Job é evidentemente tido por homem mal procedido, e um ignorante consummado. A commissão retira-se lançando-lhe um olhar de desdem; e seu pai, tão cruelmente enganado em suas mais caras esperanças, morre de desgosto.

Job, incapaz de preencher as dignas funcções de prelado, procura outro emprego. Propõe-se-lhe o de professor em casa de um abastado gentilhomem. Mas por um estipendio annual de oito florins, força é que leccione a seu discipulo physica, geographia, historia, mathematicas, linguas antigas e modernas, philosophia, dança, musica, esgrima e equitação. É muito para o desgraçado Job; vê-se obrigado a renunciar o honroso cargo de professor, e a acceitar o de criado grave em casa de um velho celibatario.

Os capitulos seguintes tem tanta analogia com alguns da historia de Gil-Braz que sem escrupulo algum abstemo-nos de analysal-os. O estudante, despedido do seu primeiro emprego, e depois de um outro, chega finalmente a ser mestre de escola em uma aldêa. Desgraçadamente, concebe a fatal idéa de introduzir algumas reformas em seu imperio pedagogico. Altera o regimen ordinario dos castigos, e, além disto abole o antigo alphabeto e compõe um novo. Os pacificos habitantes da aldêa, revoltados por tamanha audacia, agarram-o em uma noite e o expellem da parochia.

Job volta, após uma longa serie de tempestuosas peripecias, á sua pequena cidade, ahi casa-se, e alcança o lugar de preegoeiro nocturno. Desta vez não ha mais encomios a tributar-lhe; ninguem tem ainda executado tão bem este importante lugar, nem tão pouco pronunciado com voz tão clara e sonora as prudentes recommendações adicionadas pelos preegoeiros nocturnos de Allemanha, ao annuncio de cada hora. Porém a inexoravel parca vem cortar o fio de seus dias no meio de seu triumpho, e os mais notaveis habitantes da cidade tem como um dever, acompanhar seu ataúde até o cemiterio.

De repente, oh! surpresa extrema! o ataúde largado à borda da cova move-se, e delle partem gemidos queixosos. A maior parte dos circumstantes foge espavorida. Uns apregoam o milagre, e os espiritos mais fortes affirmam ser uma estupenda feitiçaria. E todavia não era nem uma nem outra coisa: era o desventurado Job, que despertando de um profundo lethargo, e achando-se muito opprimido em seu caixão de pinho, exforçava-se para sahir. Os mais intrepidos arriscaram-se finalmente a arrancar os pregos de sua prisão, e o tiraram por demais pallido, magro, mas mui satisfeito por tornar a ver a luz. A morte não o havia ainda ceifado, e estavam-lhe reservados altos destinos. Logo que tornou a si, soube extraordinarias novidades. Primeiramente sua esposa que o julgava verdadeiramente sepultado morrera de dôr ao saber que elle havia ressuscitado.

Job, que era dotado de um character mui philosophico, não julgou-se obrigado a prantejar aquella que tão pouco o havia pranteado. Mas outro acontecimento prejudicou terrivelmente sua posição: em quanto repousava envolto em sua mortalha, haviam dado ao coveiro seu lugar de pregoeiro nocturno.

Job o reclamava com toda a vivacidade de um homem cujo unico crime era ter passado dois dias por morto; o coveiro igualmente o reclama com a mesma energia, e além disto o pagamento da cova que abrija inutilmente. Disto resultou um grande processo que subio à presença dos magistrados da cidade; advogados pro, e contra, excellentes razões em que os defensores das duas partes, fazem admiravel ostentação de subtilidade e erudição.

Finalmente os magistrados decidiram esta seria contenda por meio de um julgamento digno da sabedoria de Salomão. Declaram que os dois litigantes preencheram alternativamente as funcções de pregoeiro nocturno. Isto importa a Job não só meia folga e meio trabalho, como tambem a metade do ordenado, sendo este já tão mesquinho!

Após tantas provas e soffrimentos a providencia vòta finalmente em seu auxilio. O fidalgo da aldêa em que estabelecera sua escola, e a quem illustrou publicando seu novo alphabeto, veio procural-o, e propõe-lhe guiar, na qualidade de aio, seu filho na universidade. Com uma inexplicavel alegria, Job acceita esta inesperada fortuna. Não é mais esse Job estonteado, preguiçoso, inimigo de seus deveres: é um homem illuminado pela desgraça, amadurecido pela experiencia, que com amargo sentimento reconhece as faltas que commetteu, e com ardor procura reparal-as.

Guia seu pupillo com toda a autoridade conferida por uma nobre resolução. Com terno cuidado acompanha-o à universidade, vigia-o em seus estudos, e mesmo estuda para reaver o tempo perdido.

Graças a seus animosos esforços, á sua morigerada conducta, chega a fazer um honroso exame e angariar o reconhecimento do pae de seu pupillo, que, afim de recompensal-o pelos serviços prestados ao joven estudante, obtem-lhe um optimo lugar de pastor. Desde então, a existencia de Job passa-se digna e felizmente, sem temor nem perturbação alguma. Amado e venerado por seus comparochianos, estimado por seus superiores, procura pouco a pouco riscar de sua idéa as faltas commettidas em sua juventude. Consola sua mãe das afflicções que lhe causara; faz voltar a abastança ao seio de sua familia empobrecida, e tem a dita de esposar sua irmã com seu joven discipulo.

A morte vem de novo batter á sua porta, desta vez porêem com todas as veras. Mas elle já se havia preparado por meio de boas acções, e actualmente repousa gozando do ultimo somno com o socego de uma consciencia tranquilla, e alegria de uma alma purificada, que em torno de si vê prosperar os entes queridos que por suas virtudes protagera, e crescer as sementes que plantara.

---

### ***Educação de uma menina cega, surda, muda e privada do olfacto.***

Eu não sei, diz um litterato que ha pouco visitou os Estados-Unidos da America, se todos terão como eu o character commum que offerece a physionomia das crianças cegas; mas o certo é que todas as vezes que tive occasião de vêr reunidas um certo numero d'estas pobres creanças, me tenho penetrado da expressão de serenidade e de franqueza que em seu rosto reina. Seus pensamentos todos, todas as suas emoções nelle vem se reflectir como em claro espelho. Uma leve expressão de inquietação, semelhante á que se deve pintar em nossas feições quando apalpamos na obscuridade, é a unica nuvem que d'elle nunca desaparece inteiramente.

Fazia eu, talvez pela vigesima vez, esta observação, examinando os meninos cegos do instituto de Massachusetts, em Boston. Admirava-me de encontrar n'estes seres tão desgraçados, rostos alegres e satisfeitos, e de achar nelles geralmente, uma facilidade de humor bem raro mesmo nas circumstancias ordinarias da vida. Uma menina sobretudo fixou minha attenção: ella era cega, surda, muda, privada do olfacto, e em parte, do paladar. Gentil menina, possuindo todas as faculdades humanas, e não tendo para as manifestar senão um unico sentido, o tacto; estava diante de mim como encerrada em uma cella de marmore, impenetravel á luz e aos sons. Sua pobre mãosinha alva parecia só sair das trevas par uma fenda desta fria prisão, para chamar a seu socorro

alguma creatura caridosa, e advertir-lhe que ali existia uma alma immortal para despertar.

Mas muito antes de eu ter visto esta cara menina, lhe tinham vindo socorros, e, pouco a pouco, do seio d'esse abysmo de miserias, onde ella parecia destinada a ficar sepultada, sahira uma docil, sensivel e reconhecida creatura.

Ne momento em que eu observava, sua physionomia estava já radiante de intelligencia e de felicidade. Seu vestuario, simples, mas acciado, tinha sido arranjado e justo a seu corpo por ella mesma. Uma costura que havia começado estava á seu lado. Ella estava assentada, e occupada em escrever o seu jornal. Terminado este trabalho, entrou em conversação muito animada com a senhora que perto della estava.

Como as outras pensionistas d'esta casa, ella tinha os olhos bandados com uma fita verde; e eu notei a seus pés uma boneca por ella vestida, e á qual pozera tambem nos olhos uma fita semelhante á sua.

Sua historia foi escripta pelo homem a quem ella deve sua existencia moral. Darei aqui alguns fragmentos de sua tocante narração, bem pezaroso de não a poder dar toda inteira.

« Laura Bridgeman nasceu em Hanovre, no New-Hampshire, a 21 de dezembro de 1829. Diz-se que era uma linda menina de olhos azues e brilhantes e cheia toda de animação. Entretanto até a idade de 18 mezes, foi tão fraca e tão doentia que seus pais quasi que desesperaram de a educar. Mas nesta época os progressos da molestia pararam, os symptomas perigosos desapareceram successivamente, e aos 20 mezes ella estava perfeitamente boa.

« Suas faculdades intellectuaes, que tinham sido embaraçadas em seu desenvolvimento, tomaram então um vôo rapido, e por espaço de 4 mezes que teve saude, mostrou, ao que parecia, um grão notavel de intelligencia.

« De repente recaio; ao cabo de cinco semanas veio-lhe uma inflammção de olhos e de ouvidos que teve consequencias taes que a pobre menina perdeu para sempre a vista e nunca mais pôde ouvir. Durante cinco mezes esteve de cama e em um quarto escuro. Só depois de um anno é que ella pôde andar sem apoio, e depois de dous annos é que conseguiu estar todo o dia fóra da cama. Foi então que se conheceu nella quasi inteiramente destruido o sentido do olfacto, e que pela mesma razão, o do gosto se achava tambem bastante enfraquecido.

« Aos quatro annos somente é que a saude de Laura pareceu restabelecida, e que ella se achou em estado de apprender alguma cousa da vida e do mundo. Mas que situação era a sua nesta época! Por toda

a parte sò tinha o silencio e a obscuridade do tum uló! Pae, mãe, irmãos e irmãs, não são para ella senão formas ma teriaes que resistem ao seu tocar, e que não differem dos moveis da casa senão pelo calor e pelo movimento.

« Mas Deos tinha depositada neste pequeno e infeliz corpo uma alma immortal, um a intelligencia que não devia ser extinguida nem obscurecida, e que bem depressa começou a manifestar-se pelo unico recurso que lhe restava de communicação para com o mundo exterior.

« Logo que Laura pode andar, tratou de explorar o quarto, e depois successivamente toda a casa. Applicou-se a conhecer a forma, o peso e a temperatura de todos os objectos em que conseguia tocar. Em casa, acompanhava constantemente sua mãe, procurava, apalpando suas mãos e seus braços, saber em que ella se occupava, e exforçava-se por imital-a repetindo suas acções. Dest' arte, aprendeu a fazer meias e a cozer soffrivelmente.

N'esta época, tive eu a fortuna de ouvir fallar desta menina, e para logo, querendo vel-a, fui a Hanover. Achei-a bem proporcionada, a cabeça era um pouco grande, sem duvida, mas de uma bella conformação. Era excellente o seu estado de saude. Seus paes facilmente se resolveram trazel-a a Boston, e no dia 4 de Outubro da 1837, elles m'a apresentaram em meu Instituto. »

Ao principio pareceu que esta mudança de lugar assás a perturbara, e por isso passaram-se quinze dias primeiro que se po desse dar começo á sua instrucção, isto é ensaiar os meios de fazer-lhe conhecer os signaes arbitrarios com o soccorro dos quaes elle podesse um dia communicar seus pensamentos.

Eis em que consistio o primeiro ensaio. Preparou-se um certo numero de objectos, que lhe eram bem conhecidos, taes e omo chaves, facas, colheres, garfos, e se adoptou a cada um dos objectos uma chapa que lhe designava o nome em letrassalientes, e bastante grandes para serem facilmente distinguidas pelo tacto.

A menina não levou muito tempo sem se aperceber que, com quanto a forma geral de todas as chapas fosse sempre a mesma, seu relevo era algumas vezes differente, ella reconheceu um pouco mais tarde que sempre que se lhe apresentava muitos objectos semelhantes, muitas chaves, por exemplos, grandes ou pequenas, as chapas que lhe eram adoptadas tinham todas exactamente o mesmo relevo. Chegou a conhecer o genero de relevo que correspondia a cada natureza de objecto, reconheceu-se isto, porque quando se lhe apresentava uma chapa em que o tacto lhe fazia distinguir a reunião dos caracteres CHAVE, ella a pôz sobre uma chave, e não sobre uma faca ou colher.

Chegada a este ponto, se poz á sua disposição um certo numero de chapas semelhantes ás que se lhe tinha já ensinado a conhecer, e se lhe pediu que as pozesse sobre os objectos correspondentes. Quando isto conseguiu, a pessoa que a assistia n'este exercicio a animava por um signal de satisfação que é tão natural, que não ha um menino que não o comprehenda logo, e é amimar-lhe o rosto. Finalmente por sua propria vontade exercia por si mesma um exercicio no qual sua sagacidade era patenteada.

No fim de algum tempo em lugar de chapas deu-lhe letras de chapas deu-se-lhe letras destacadas, mas collocadas umas ao lado das outras, de modo a forma uma das palavras que já ella conhecia, taes como — *livro, chave, garfo, etc.*, depois se misturou todas estas letras e se lhe fez comprehender por signaes que lhe competia arranjar-as para formar por sua vez a mesma combinação *livro, chave ou garfo*, e ella obteve fazel-o.

Entretanto até então não havia de sua parte senão actos, por assim dizer, puramente mechanicos; parecia evidente que o unico desejo de ser approvada a tinha feito imitar tudo immediatamente, pois tendo repetido de memoria todos os movimentos de seu mestre nada nella annunciava ter comprehendido o sentido. O successo obtido com a pobre menina era quasi da mesma ordem que os que se obtem da educação dada a certos cães.

Emfim o momento chega em que um primeiro vislumbre penetra no seu espirito, logo a sua cabeça começa a trabalhar, entrevio que havia ahí para ella um meio de representar todas as coisas que a occupam e as communicar aos outros; immediatamente seu rosto se illumina com um raio desta intelligencia que só pertence á creatura humana. Já não é um ser inferior que imita servilmente, é uma intelligencia immortal que comprehende com ardor um novo meio de união com outras intelligencias. — Eu poderia dar quasi ao certo o momento em que esta immensa revolução nella se operou. Desde então vi que o grande obstaculo estava vencido, e que meios simples e directos, juntos a muita perseverança, seriam d'ora em diante sufficientes.

Por algum tempo se continuou a exercital-a a formar com as letras em relevo os nomes de todos os objectos que ella conhecia. Quando formava uma palavra, via-se que ella a lia com um verdadeiro prazer. Decorridas algumas semanas seu vocabulario tornou-se muito extenso. Tratou-se então de se lhe ensinar a formar as letras por meio do alphabeto manual; ella não achou difficuldade alguma. Sua intelligencia era de um poderoso soccorro para seu mestre e seus progressos foram rapidos.

Hoje quando seu mestre lhe apresenta um novo objecto, elle lh'o deixa examinar e ensaiar os meios de ter uma idéa de seu uso. Ensi-



na-lhe depois como esta palavra se escreve, formando com os dedos signaes de cada letra de que elle se compõe. A menina segura sua mão e segue com o tacto seus dedos a proporção que as letras são formadas; nestes momentos, ella tem a cabeça inclinada como uma pessoa que escuta attentamente; seus labios estão entre-abertos, ella parece apenas respirar, sua physionomia a principio inquieta se desenvolve gradualmente em um sorriso a medida que ella comprehende a lição. Então levanta seus dedinhos e soletra a palavra, repetindo por sua vez os signaes do alphabeto manual; depois toma os caracteres, arranja as letras, e emfim, como para provar que acertou ajunta a palavra que acaba de formar ao objecto que lhe servio de estudo. (*Continua.*)

## GEOGRAPHIA POLITICA

### *Uma vista d'olhos sobre a America.*

Já fizemos ver na *Sentinella da Monarchia* de 18 de Novembro de 1844 que não se deve a *Colombo* o descobrimento do Novo-Continente. A natureza distinguio a America (uma das mais mimosas partes da immensa herança do 1.º homem) das outras ¼ partes do mundo, tanto pela sua configuração, como por sua posição geographica: ella deu-lhe a metade do antigo-continente, tocando quasi os polos terrestres; banho-a com os maiores oceanos, os quaes com facilidade se communicam em differentes lugares por meio de seus alimentarios; ornou-a com as Serranias mais extensas e elevadas; regou-a com numerosos rios e mais caudalosos que se conhecem, os quaes atravessando seus campos extensissimos, são os perennes mananciaes da mais productiva fertilidade e navegação fluvial, a qual tanto facilita o commercio entre os differentes paizes mediterraneos (independente da abertura de canaes e construcção de caminhos de ferro,) como facilita a communicação dos 2 maiores oceanos, particularidade esta que a natureza regou ás outras partes do mundo: (um olhar attento sobre o Mappa-Mundi nos convence desta verdade): além disto sua superficie (sufficientemente explorada) abunda de tudo quanto de mais rico ha nos reinos animal e vegetal; nas suas entranhas depositou o creador os thesouros mais preciosos do reino mineral; como sejam differentes especies de diamantes, ouro e prata em maior abundancia do que em outra qualquer parte da terra conhecida, e por isso pôde-se dizer que as regiões da America são a patria destes preciosos metaes: distinguio os seus bem fadados habitantes dos outros povos que habitam o hemispherio trans-Atlantico pelo seu amor á *liberdade*; á estas conveniencias se reúnem outras que fazem d'America ainda uma das mais felizes plagas,

ou a mais feliz parte da terra; a salubridade do clima, suas instituições liberaes, a fertilidade de seu solo, a menos custosa aquisição de meios á uma honesta subsistencia, etc, são outros tantos impulsos á sua população, commercio e civilisação que de dia em dia se augmenta prodigiosamente, parecendo mesmo que o continente-Americano predestinado fôra pela providencia divina para nelle regurgitarem as riquezas, e reverdecer viçosa a *vivificadora arvore da liberdade*. Consequentemente a America pelas suas circumstancias locaes deve-se contemplar como a primeira e pela sua posição politica é cousiderada como a 2.<sup>a</sup> parte da terra; e não levará muitos seculos que não seja conhecida como a 1.<sup>a</sup> pela sua importancia politica e commercial. Por todos estes motivos, muito nos devemos ufanar de termos nascido Americanos! Mil graças pois devemos render ao creador por tão grande beneficio.

F. Nunes de Sousa. (Continúa.)

### **Diario de uma noiva.**

5 de Outubro. Eugenio é muito amavel. Estes oitos dias de casado, sua doçura, sua condescendencia, asseguram a felicidade de meu futura. Quanto a minha vida é leve? Minha confiança n'elle é sem limites. Sim, a verdadeira ventura, está no mixto do amor com a amizade, segurança, e teruura. Nada pode haver de melhor gosto.

12 de Outubro. Ainda uma semana de felicidade e de solidão. Que vida deliciosa se eu não tivesse a enxaqueca! Espero o meu Eugenio que caça desde as seis horas da manhã... Ah! é elle.

15 de Outubro. É amavel Eugenio, é sempre o mais amavel dos maridos. Não pôde haver outro mais terno, mais attencioso, mais previsto. Vê-se raras vezes no espelho. É uma ligeira fatuidade; os homens julgam ter tudo em si; o que não é um defeito individual.

16 de Outubro. Dormia antigamente com a cabeça descoberta. Este bonné preto não lhe fica bem.

17 de Outubro. Eugenio sabe reprehender algumas vezes. Eu o desacostumarei.

18 de Outubro. No leito, bocêja e não me dá resposta.

20 de Outubro. Eu amo-o... Elle vai-se.

21 de Outubro. Eu choro, elle volta.

22 de Outubro. Nós estamos arrufados, mas inteiramente. Veremos se firmará sua tyrannia.

2 de Dezembro. O monstro!... Está em Paris.

Deixou-me. Eu sou a mais desgraçada das mulheres... Não o tornarei a ver... Uma boa separação.

5 de Dezembro. Eu o conheço agora. É um espirito commum, com

muita presumpção; a alma de um vendavel, e o coração de um fatuo; quanto ao mais é meu marido.

10 de Dezembro. Tornou a vir com meu priminho. A boa hora!

11 de Dezembro. Reconciliou-se. Passeia no rio, e o priminho. Habita o lado esquerdo do castello; está arranjado.

15 de Dezembro. Eugenio caça sempre.

16 de Dezembro. Começa a fazer-me noiva...

### *Sonho de Marco Aurelio.*

Quiz meditar sobre a dôr; a noite estava avançada; a necessidade do somno enfraquecia as minhas palpebras; lutei algum tempo; cedi por fim, e cahi em lethargia; porém neste intervallo pareceu-me ter um sonho. Pareceu-me que vi dentro de um portico uma multidão de homens juntos; elles tinham todos alguma coisa de augusto e de grande.

Supposto nunca tivesse vivido com elles, nem por isso suas feições me eram estranhas; como que recordava de ter contemplado estatuas em Roma. Estava a ponto de os examinar a todos, quando uma voz terrivel e forte retinio debaixo do portico: Mortaes aprendei a soffrer! No mesmo instante vi que se accenderam chammas diante de um delles, (1) e elle poz a mão sobre a fogueira. Trouxeram veneno a outro; (2) bebeu, e fez uma libação aos Deoses. O terceiro (3) estava em pé defronte de uma estatua, que representava a liberdade; tinha em uma das mãos um livro e na outra uma espada cuja ponta ella examinava com cuidado. A alguma distancia divisei um homem todo ensanguentado; porém mais tranquillo e sereno que seus algozes; dirigi-me a elle e exclamei: És tu? Regulo? Não podendo encarar o espectáculo de seus males affastei o rosto para encobrir as minhas lagrimas. Um momento depois vi Fabricio no seio da pobreza; Scipião morrendo no exilio; Epiteto escrevendo em ferros; Séneca, e Fráséas escoando-se em sangue; mas sem que a serenidade natural se lhes visse perturbada. Cercado de tantos illustres infelices chorei; e elles estranharam-me o pranto. Um delles, era Catão, approximou-se de mim e disse-me; » Não chores sobre nós; imita-nos, e aprende a vencer a dôr! » Pareceu-me nesse momento que elle ia cravar no seio o ferro, que sustentava na mão; quiz sustel-o, estremecei, e acordei. Reflectindo sobre o sonho conheci que os males nao tinham o direito de abalar-me, resolvi ser homem, soffrer, e praticar o bem.

(1) Mucio Scevola.

(2) Socrates.

(3) Catão.

### ***A perna quebrada.***

Um homem, conhecido por suas relações com todos os sabios dos dois hemispherios recebeu de um porto d'America uma carta concedida nestes termos. » Cheguei enfim aqui depois de uma viagem feliz; a qual não offereceu acontecimento notavel, apenas o seguinte pôde merecer a vossa attenção.

« Um grumete cahio da ponta do mastro sobre a coberta, e quebrou uma perna, e attando-lh'a fortemente com uma carta, um instante depois pode elle fazer uso d'ella como antes do accidente. » Esta carta, levada a Academia de cirurgia, fez dar aos demonios toda a classe cirurgica. Elles lamentavam a inferioridade de seus talentos á vista do praticante obscuro, que tão subitamente curou uma perna quebrada. Um delles então compoz uma obra muito comprida e muito energica, onde explicava da maneira mais peremptoria os procedimentos cirurgicos pelos quaes podia operar-se uma cura tão pasmosa.

Este curioso livro ia ser dado ao prelo, quando segunda carta chega d'America e foi apresentada á Academia: ali se lia esta phrase: « Meu amigo, eu julgo ter omittido uma pequena circumstancia em a narração do successo que ultimamente vos dei parte; a perna que o grumete em questão tinha quebrado, era de pão. »

---

### ***Heroismo de um mandarin.***

Havia, dizem, antigamente um concelho composto de doze mandarins, encarregado d'escrever dia por dia a historia dos imperadores durante a vida de cada um delles. Este concelho reunia-se todos os dias, e na casa da reunião havia em grande cofre chapeado de ferro com uma abertura pela qual se introduzia as memorias que deviam servir á historia daquelle reinado.

Prescrevia a lei que não fosse o cofre aberto senão depois da morte do imperador. Entretanto, ha coisa de 150 annos, houve um imperador que quiz saber o como era considerado n'essas memoria, e, em má hora o digamos, era um pessimo principe: um homem de bem não lhe passaria pela idéa semelhante coisa. Por sua ordem abre-se o sagrado cofre, e elle se irrita de vêr a viva pintura da injustiça de sua administração. Furioso, manda vir á sua presença o chefe do concelho, e depois de extranhar sua temeridade, ordena que se lhe corte a cabeça. As memorias do seguinte dia mencionam esta atrocidade; o novo presidente soffre a sorte de seu predecessor, e o terceiro é igualmente sacrificado.

Quando chegou á vez de ser o quarto chefe trazido á presença do imperador vinha elle acompanhado de um escravo carregado de seu sarcophago, e com ar firme e socegado, fallou n'estes termos ao animal feroz, prestes ao devorar. « Bem vez que não temo a morte, pois que com minha cabeça vos trago tambem seu esquile. Debalde esperas fazer calar a verdade, ficará sempre quem a teu pesar falle. Ordena a minha morte, quero antes morrer do que viver escravo de um principe que resolvido tem descartar-se de todos os homens honrados do seu imperio. »

Diz-se que compenetrado da intrepidez deste mandarim o imperador o despedio accumulado de presentes, e que sem mais querer dar fé do que se mettia no cofre, obrou de maneira tal que ao fiel historiador não lhe coube senão boas acções para registar.

---

### *Estatistica conjugat.*

Um curioso observador fez a seguinte lista do estado dos casamentos na Inglaterra, e ha quem affirme a sua exactidão em muitos outros paizes.

Mulheres que fugiram a seus maridos. . . . .	1,362
Maridos que deixaram suas mulheres por as não poderem aturar. . . . .	2,361
Casados que se separaram de commum acordo. . . . .	4,120
Casados que vivem em guerra continua dentro da mesma casa. . . . .	19,023
Casados que se aborrecem, porém que o occultam por de- cencia ou por politica. . . . .	162,320
Casados indifferentes entre si. . . . .	510,132
Casados que o mundo reputa felizes, porém que não é isto o que elles sentem. . . . .	1,102
Casados felizes se os compararem com outros mais des- graçados. . . . .	135
Casados verdadeiramente felizes. . . . .	9

---

### *Utilidade da religião.*

Quando a religião somente se considerasse como um dos laços mais fortes da sociedade, e um dos motivos mais poderosos para inclinar a afeição ao cumprimento dos deveres justos, parece devia ser muito respeitavel, independente do amor, e do reconhecimento, que pede a Divindade. Infelizmente a superstição a abate, a degenera, e produz as maiores desgraças, abusando do seu maior bem. A historia nos subministra innumeraveis exemplos da superstição; sobre os quaes não se pode insistir demasiadamente, pretendendo-se curar os homens de uma especie de enfermidade contagiosa, de que quasi todos são victimas.

***Educação de uma menina cega, surda, muda e privada do olfacto.***

(Continuação.)

« Seis mezes depois que Laura Bridgman deixou a casa paterna, veio sua mãe ao Instituto, e chegou ás horas do recreio. Laura brincava então com as outras meninas, e sua mãe não querendo para logo interromper seus brincos chegando-se para ella conservou-se por alguns minutos contemplando-a com os olhos rasos de lagrimas. Entretanto, em uma carreira que dera a menina esbarrou-se com ella, e reconhecendo-a por estranha na casa, começou logo a apalpar-lhe as mãos; examinou seu vestuario, e procurou descobrir se a conhecia. Nada tendo colhido de sua primeira pesquisa, afastou-se de sua mãe como de uma pessoa que lhe era estranha. A pobre mulher não pôde conter sua dôr pela consideração de não ser reconhecida de sua filha. Para ver se podia despertar sua reminiscencia, deu-lhe um collar de que ella se servia ordinariamente antes de vir para Boston, Laura logo o reconheceu com muita alegria, atou-o ao pescoço, e procurou-me diligente para me dizer que ella sabia bem que essas perolas vinham da casa de seus pais.

« Animada por este pequeno successo, sua mãe procurou então caricial-a: mas Laura a desdenhou, preferindo antes, se ir reunir ás suas companheiras. Emfim, foi-lhe dado outro objecto vindo do casa paterna, e logo ella começou a manifestar um pouco de preocupação; examinou a estrangeira com mais attenção, e me fez comprehender que advinhava que esta pessoa vinha de Hanover. Então sem mais repugnancia accceitou suas caricias; porém ao mais leve signal de suas companheiras ainda della se afastava como de uma pessoa que lhe era inteiramente indifferente. A tristeza da pobre mãe era cruel: com quanto ella sentisse a possibilidade de não ser reconhecida, e estivesse ha muito preparada para soffrer tanto, a realidade porém estava alem de suas forças.

« Entretanto, um instante depois, ella toma ainda em seus braços sua filha: então uma idéa vaga parece atravessar o espirito de Laura; sua physionomia começa a exprimir duvida, a pessoa que tão ternamente a aperta não lhe pôde ser estranha; ella a apalpa com cuidado, e uma viva expressão de interesse anima suas feições; seu rosto torna-se mui pallido, depois bastante corado; ella não tem ainda penetrado todo o segredo, o que ella aperta agita-a profundamente. Neste momento de anxiedade tão penivel, sua mãe a estreita mais em si e a abraça com effusão. A verdade toda foi então conhecida de Laura, todo o sen-

timento de desconfiança desaparece de sua physionomia, e é com uma expressão de alegria excessiva que ella se reclina sobre o seio de sua mãe e se abandona ás suas mais ternas caricias.

« A partir deste momento, ella não cuidou mais no collar; os brincquedos que se lhe offereciam eram rejeitados; suas pequenas companheiras, por quem, momentos antes, deixava com prazer aquella que ella tinha por uma pessoa estranha, procuravam em vão agora tiral-a de sua mãe. Entretanto o habito de uma obediencia immediata a todas as minhas vontades a fez ceder ainda, logo que, por um signal que lhe era familiar a convidei a seguir-me; mas nesta occasião sua submissão pareceu custar-lhe extremamente. Ella se veio unir a mim com temor, e sua physionomia denunciava uma grande inquietação interiormente. D'ahi a alguns instantes, eu a reconduzi á sua mãe, e ella se lhe alirou aos braços com todas as demonstrações da mais excessiva alegria.

« No momento da despedida, Laura acompanhou sua mãe até a porta, conservando-se em todo este tempo tão perto della quanto lhe era possível. Chegada ao lumiar da porta, ella estendeu a mão para saber quem tinha ao pé de si: reconhecendo a directora da casa a quem tinha muita afeição apertou-a com uma mão em quanto a outra cerrava convulsivamente a de sua mãe. Este momento de dolorosa hesitação durou pouco; ella deixou cair a mão materna, voltou-se de todo para a directora, e apoiou-se a ella soluçando.—A pobre mãe partio então, e a menina, tornando a entrar no circulo ordinario de suas occupações, em breve recuperou sua costumada serenidade.

« Sem idéa alguma do brilhantismo do mundo exterior, inacessivel ao encanto dos sons, ao delicado dos perfumes ella parece contudo feliz, extraordinaria creança! feliz e alegre como um passaro! O emprego de suas faculdades, a acquisição de uma idéa nova lhe dá um prazer indisivel. Nunca se a encontra melancolica ou triste; ama os jogos apaixonadamente, e quando nelles toma parte sua voz clara domina a de todas as suas companheiras.

« Quando está só, sabe sempre distrair-se por meio de alguma occupação: uma costura, por exemplo, pode captivar sua attenção no espaço de horas inteiras. Si não se lhe dá genero algum de trabalho, ella o imagina e entretém-se a contar com os dedos ou em soletrar as palavras que mais de proximo aprendera. Neste estudo solitario, parece raciocinar, reflectir e ainda discutir. Quando sua mão direita soletra mal uma palavra, é logo por ella punida com a mão esquerda, ao contrario se se tem dirigido bem na combinação das letras, bate-se uma pancadinha na cabeça, como para se testemunhar seu contentamento. Algumas vezes deixa-se enganar de proposito, e então o castigo que faz á sua mão inhabil é acompanhado de um sorriso.

« Quando Laura anda, leva os braços estendidos, e reconhece todas as pessoas que encontra em sua passagem, o que testemunha fazendo a cada uma um signal particular. Se acha no caminho uma menina de sua idade, se mais que muito é uma das suas amigas predilectas, vê-se que ella se sorri de prazer, seus braços e os de sua companheira se entrelaçam, suas mãos se apertam, e de prompto se estabelece uma conversação animada; ellas trocam alegrias, pezares, beijos e adeoses, como as meninas que possuem o uso de todos os seus sentidos.

« Tem-se observado que ella escolhe sempre para amigas as companheiras que possuem mais intelligencia, e que lhe é evidentemente desagradavel ter relações com intelligencias limitadas, a menos porêem que se lhe não dê autoridade sobre ellas e o poder de fazel-as doceis instrumentos de suas fantasias.

« Gosta muito que as outras meninas sejam cuidadas e cariciadas pelos mestres que ella estima, mas é preciso que o não levem a excesso, senão desperta-se-lhe o ciume. Quer sempre ter sua parte, quando não seja a do leão, ao menos a do mais velho. Quando ella julga não havel-a obtido, diz: *Paciencia! minha mãe me amará.*

« Só pelo prazer da imitação, ella faz coisas que lhe não podem evidentemente ter sentido algum. Assim tem sido vista assentada durante meia hora com um livro aberto diante dos olhos, e mechendo com os beiços como tinha notado que faziam as pessoas que liam.

« Um dia fantasiou que sua boneca estava doente; fingio dar-lhe um remedio, depois a metheu na cama com grandes precauções, e applicou-lhe uma garrafa d'agua quente aos pés. Estava encantada com seu divertimento e ria ás garralhadas. Quando entrei em seu quarto instou-me para que eu viesse tomar o pulso á sua doente, e a prescripção que fiz de se lhe applicar um vesicatorio entre as espaduas, causou-lhe um tal arrebatamento que deu um grito quasi de alegria.

« Ella é muito expansiva com as pessoas que ama. Se está assentada trabalhando perto de uma das suas amigas interrompe-se a cada passo para abraçal-a e fazer-lhe mil afagos sensiveis pela sua expressão de sinceridade.

« Não está socegada senão quando se acha sozinha, quando presente a existencia de alguém, não descança em quanto lhe não trava da mão, e não começa com ella uma conversação. »

Tudo quanto se acaba de ler é extrahido do um relatorio feito pelo Dr. Howe, director do Instituto dos Cegos em Boston, um anno depois de haver para elle entrado Laura Bridgman. Julgamos que o nome do bemfeitor desta pobre menina não deve ser indifferente aos que lerem sua historia. No que se segue, é M. Dickens que continua a fallar.

Folhieei o jornal de Laura; sua redacção era meu clara, e as expres-



sões de que se ella serve comprehendem-se facilmente sem ser mister explicação. Suas letras são bem formadas, suas linhas bem ordenadas e sua escripturação é perfeitamente lisivel. Testemunhando eu o desejo de a vêr escrever, a senhora que estava com ella disse-lhe que assignasse o seu nome duas ou tres vezes em uma folha de papel. Em quanto ella escrevia, notei que sua mão esquerda seguia sempre a direita em que tinha a penna. Sem estar riscado, ella escrevia direito e com facilidade.

O tacto tornou-se nella tão exquisito que a fazia reconhecer depois de um grande intervallo de tempo uma pessoa que ella a tivesse já conhecido uma vez. Foi o que aconteceu com um amigo meu que me acompanhava, e que era já della conhecido. Tiham-se passado mais de quatro mezes depois de sua ultima visita, e entretanto, logo que elle poisou sua mão na de Laura, ella exprimio seu nome sobre a palma da mão de sua directora. Eu quiz por minha vez pegar-lhe na mão, mas ella me repellio como repelle a todo o homem que lhe é extranho. Conservou, ao contrario, com muito prazer a mão de minha mulher, e a beijou, depois examinou todo o seu vestuario com uma curiosidade e um interesse de creança.

Antes de ver Laura, eu tinha visitado outra sala onde se divertiam em diferentes jogos mui animados um grande numero de rapazes cegos. Á nossa entrada nesta sala, o mestre que nos acompanhava tinha sido ruidosamente saudado por todos os meninos, e todos bradavam quasi simultaneamente :

« Reparai em mim Sr. Hart! eu vos rogo, Sr. Hart, olhai para mim ! » manifestando assim o desejo mui singular em sua condição de fazer ver suas façanhas. Notei entre elles um rapazinho de physionomia risonha, que um pouco afastado dos outros, se divertia com um exercicio gymnastico dos braços e do peito, e parecia ter grande prazer, quando atirando com os braços para traz acontecia-lhe ir bater em um dos seus camaradas. Este menino era surdo, mudo e cego como Laura Bridgman.

Olivier Caswel teve o pleno uso de todos os seus sentidos até a idade de tres annos e meio. Nesta época teve elle a febre escarlatina, e no fim de quatro semanas estava surdo : algumas semanas depois cego ; seis mezes depois mudo. Esta ultima fatalidade pareceu-lhe ser particularmente sensivel ; muitas vezes passava elle a mão pelos beiços das pessoas que fallavam e a trazia aos seus com inquietação, como para se assegurar se elles estavam em bom estado.

« Apenas entrou no estabelecimento, diz o Dr. Howe, testemunhou seu desejo de apprender pela extrema attenção com que apalpou tudo

que o rodeava tendo demais que em Laura faltava, o olfacto, delle se servia também para distinguir os objectos.

« Eu comecei por ensinar-lhe immediatamente a linguagem dos dedos, sem o fazer passar por diversos grãos preliminares habitualmente em uso. Tomei muitos objectos de nomes curtos, taes como chave, vaso, etc. Appliquei sua mão sobre um delles, a chave por exemplo, depois apoiando meus dedos sobre os seus, fui formando cada uma das letras de que se compunha a palavra chave. O espirito e as mãos de Olivier seguiam com excessiva attenção todos os movimentos de minha mão. Depois de ter eu repetido por muitas vezes a mesma operação, procurou elle imitar-me. Laura servia-me de auxiliar nesta primeira lição, e o interesse por ella empregado n'isto ia até a agitação. Estas duas creanças apresentavam um espectáculo singular: as feições de Laura estavam coradas e cheias de inquietação, seus dedos entrelaçados nos nossos os tocavam bastante para poder seguir todos os nossos movimentos, mas com tanta ligeireza que os não perturbava. Olivier era todo attenção, a cabeça um pouco inclinada e o rosto levantado; com uma das mãos seguia todos os movimentos de meus dedos, e com a outra estendida procurava repetil-os. Nestes momentos pintava-se sobre sua physionomia um sentimento de inquietação, ao qual succedia um pequeno sorriso se presentia que podia conseguir imitar-me, e emfim uma risada de contentamento no momento em que era advertido por uma pancadinha na cobeça, meu signal de approvação habitual, que elle o havia conseguido. Laura saltava de alegria, e era de dentro do coração que lhe dava uma boa pancadinha nas costas para lhe provar sua satisfação.

« Apprendeu logo a formar as letras das palavras vaso, chave, etc; e como sempre que elle acabava uma palavra, eu lhe fazia tocar o objecto, percebeu emfim a relação que eu desejava que elle estabelecesse entre o nome e a cousa; e por si mesmo, quando eu acabava de exprimir um nome procurava elle o objecto de que se fazia ali menção.

Então tendo depositado sobre uma mesa todos os objectos que nos tinham servido de estudo, afastei-me a alguma distancia com as duas creanças. Peguei dos dedes de Olivier, e lhe fiz formar as letras da palavra chave; Laura seguia todos os movimentos. Logo que elle acabou, Laura foi-lhe buscar uma chave. Nosso discipulo pareceu divertir-se muito com este exercicio, e tornou-se cada vez mais attento. Fiz-lhe depois formar as letras da palavra pão, palavra nova para elle; Laura correu a buscar-lhe um pedaço de pão. Elle o sentio, levou-o á boca e levantou-o á cabeça com um ar de muito entendido, pareceu reflectir um momento, depois deu grandes gargalhadas, como querendo dizer: oh! sim, reconheço até que ponto se pôde assim chegar.

« Eu vi claramente que elle tinha capacidade e desejo de apprender ; e o entreguei ás mãos de um instituidor intelligente, não duvidando da rapidez de seus progressos. Minhas esperanças foram, com effeito, plenamente justificadas. »

### ***O sabio contra sua vontade.***

Quando eu descia a rua larga de Salamanca abalroei-me com toda a força em um cavalheiro, que vinha-me de face a face, e com o rosto inclinado para baixo, indo eu com o rosto voltado, olhando para um lado e um pouco para traz. O choque foi violento; o cavalheiro levantou a cabeça, e eu voltei a minha. Julgar da minha surpresa quando reconheci a physionomia do meu excellento collega Dom Luiz Cabrère, a quem não via a mais de dous annos. Observei logo que Dom Luiz, que era magro quando eu o conheci, tinha-se tornado corpulento, e lhe apertando cordialmente a mão ia cumprimental-o sobre esta agradável disposição de sua pessoa, *suave incrementum*, como diziamos na Universidade, quando encontrei o seu olhar, que fez logo expirar minhas felicitações nos meus labios. E me encheu de uma admiração misturada de afflicção. Os seus olhos estavam cheios de um morno languor, e tinham perdido todo o brilho, toda a sua vivacidade; sua pupilla, parecia ter-se singularmente empallidecido, e de azul que era tomou uma côr amortecida comparavel com a das violetas cosidas no leite.

Ambos ficamos immoyses olhando-nos reciprocamente; enfim eu lhe disse mui tristemente:— Meu caro bacharel, estivestes doente? Ah! respondeu, prouvera a Deos que ainda o estivesse, e que o martello de todos os diabos retinisse ainda no meu cerebro!—Nesse meio tempo traçou-me o braço, e se poz a descer a rua comigo, abaixando de novo a cabeça. Eu conservava-me callado por descripção, não atrevendo-me a questional-o mais e esperando que elle quizesse explicar-me o enigma de suas primeiras palavras. E' Dom Luiz mesmo quem eu trago pelo braço? perguntava-me eu a mim mesmo; Dom Luiz o mais ousado cavalheiro, o mais divertido tocador de guitarra da Universidade, Dom Luiz o forte caçador, Dom Luiz o bello jogador, Dom Luiz enfim que um mui pequeno grão de loucura tornara amavel mesmo por suas credorias. e que queria uma occasião bater-se comigo, por que eu recusava acreditar em almas do outro mundo e em feitiços, de que elle nunca pensava pôr em duvida a existencia, posto que elle quanto ao essencial embaraçava-se com isso tanto, como os Turcos, que estão na Turquia.

Dom Luiz percebeu finalmente que eu meditava, e me disse brusca-

mente:—Lembras-te do que se nos contava na Universidade deste Atheniense, que ia todos os dias sentar-se no amphitheatro deserto, e ali se imaginava assistir a representação das mais bellas comedias do mundo? Sim, respondi-lhe eu, e se a memoria me não falha, os seus amigos fizeram tanto, que o curaram da sua quimera, de que elle lamentava amargamente lembrando-se com saudades das bellas imaginações de seu cerebro enfermo.—Ah! miseraveis! diz Dom Luiz. E como eu olhava com um augmento de surpresa:—Escuta-me, diz-me elle: eu creio que amaste Dom Luiz: e tendes de o lastimar.

« Eu sentia desde muito tempo as mais horriveis dores de cabeça que se possa imaginar: parecia-me que as paredes do meu cerebro eram batidas por golpes continuados de invisiveis martellos, entretanto que dentro do meu cerebro havia uma algazarra digna de satanaz mesmo e os soffrimentos eram tão vivos, que os meus olhos inchados pareciam querer saltar das suas orbitas, e os meus cabellos se arrepiavam na cabeça. Havia na casa onde eu morava, um homem reputado por sabio; não se fallava d'elle, senão mysteriosamente, pois passava por se dedicar ás sciencias occultas, muitas vezes se percebia no seu gabinete trabalho de extranhas detonações, que felizmente o grande inquizidor não ouvia. A boa mulher que me tratava, vendo que eu soffria uma enfermidade horrivel, e que os seus benzimentos repetidos não me apressavam a cura, sem nada me dizer, correu a procurar o homem da magica negra, e me trouxe sem perder tempo. O personagem aproximou-se de meu leito, e me tomou o pulso, nem me animei a retirar a mão, e posto que elle estivesse vestido com tal redicularia, que não annunciava nada de bom, eu o tomei por um medico, e lhe disse que sentia minha cabeça quasi a se partir. Sobre o que elle rio-se de um modo extranho, e murmurou algumas palavras em uma lingua, que eu não entendia. Depois mandou a velha buscar uma grande bacia cheia de agoa tepida: o que se cumpriu. Então me dice elle que era necessario assentar-me nessa bacia, e eu o obedeci maquinalmente, não sabendo ainda o que elle queria de mim, e esperando sempre que me alliviasse da violencia do meu mal. Apenas assentei-me, como me era recommendado me fez metter a cabeça em um alambique de vidro cujo tubo mergulha pela extremidade na agoa da bacia, entretanto que uma abertura era praticada na parte superior acima da minha cabeça. Quando o magico me dispoz desta sorte, lançou na agoa não sei que droga mysteriosa, que elle misturou com a ponta do dedo, com não sei que palavras arabes ou hebraicas, que de certo vinham do inferno, derramando no quarto um cheiro activo de enxofre, como a velha me contou depois.

« Entretanto senti immediatamente um maravilhoso allivio, nas minhas penas, me parecia que todos os demonios, que faziam algazarra no meu cerebro fugiam um após outro, o ruido, que me abalava com tanta força a cabeça, ia-se diminuindo, e os meus olhos desenfiamando-se. Eu me julgava radicalmente curado, quando percebi sahir pela extremidade inferior do tubo uma multidão de ratos de todas as cores, que vinham cahir no fundo da minha bacia, como se tivessem sido expellidos por uma grande força, eram todos tão grandes e tão gordos, tinham um ar tão valeroso, e pareciam além disto tão miseraveis pela sua subita immersão, que eu não podia me impedir de os lastimar de todo o meu coração. Levantei os olhos para perguntar ao meu empirico, donde tinham vindo estes pobres afogados que desprendia o tubo do alambique; mas então julgai da minha surpresa, e do meu horror mesmo: a abertura superior deste vaso, em que eu tinha a cabeça encerrada, dava incessantemente passagem a todas as sortes de pequenas figuras, e imagens, que pareciam assim sahir do meu cerebro; ellas saltavam todas com uma tal vivacidade, que se diriam alladas, e como eram aparentemente mais leves que o ar, se elevavam sempre mais alto, até que eu as perdesse de vista. Este singular espetaculo, que me causava a principio surpresa e receio, me pareceu logo o mais curioso, e o mais encantador, que eu tivesse visto na minha vida, e não tratava mais de desviar minhas vistas. Parecia-me que todas estas pequenas imagens aéreas eram para mim velhos conhecimentos, e que eu tinha de todo o meu coração de muito tempo estas figurinhas, que eu via na minha grande dôr fugirem do meu cerebro. Ah! ellas voavam, voavam sem volta, e iam a discripção do vento procurar sem duvida alguma cabeça melhor que a minha, para ali escolherem seu domicilio. O que era justamente esse enxame fugitivo, eu não poderia vol-o dizer verdadeiramente: violas, espadas, leques, girandolas de fogo, vasos ricamente lavrados, dedaes, pennas de penachos, mulheres de olhos pretos ou asues, de physionomia aborrecida ou melancolica, que sei eu emfim? tudo o que agrada a nossos olhos. — Entretanto o homem de magla tinha em sua mão uma sorte de vaso transparente, no qual me parecia vêr agitar-se e debatter-se um pequeno animal singular, que se lançava continuamente contra as paredes de sua prisão como se a quizesse quebrar, mas toda a sua colera era inutil. O infiel, que tinha na sua mão o vaso, olhava attentamente para o pequeno presoneiro, e esta occupação parecia alegral-o tanto, que elle ria-se as gargalhadas de todo o seu coração, e repetia jocosamente. *Animula blandula vagula*, (pequena alma galhofeira marafona). Depois que examinou bastante o objecto de sua hilaridade, me tirou o alambique, e applicou-me a abertura do vaso que elle segurava á minha orelha esquerda, eu senti

como que uma pequena cocega infinitamente doce e agradável, e me pareceu que se me restituia uma perna ou um braço, que se me tivesse amputado. Esperei mesmo que o alchimista fizesse entrar no meu cerebro tudo o que elle fizera sahir, mas esta esperança foi frustrada; as pequenas imagens tinham desaparecido no ar, e os pobres ratos se tinham afogado na bacia. Levanta-te, me diz o feiticeiro, e vai em paz, d'ora em diante não terás mais dores de cabeça. No entretanto elle começou a rir-se, como tinha já feito, e sahio. Eu me levantei, e senti com espanto um grande vacuo no meu cerebro, que me fazia o effeito de uma vasta sala sem mobilia. Depois deste tempo eu fiquei mais sabio, porém o mais desgraçado dos homens, e eu sinto cada dia minhas caras asneiras, que me conservavam em alegria, as quaes tinham voado. »

Dizendo isto, Dom Luiz tinha os olhos mui cheios de lagrimas; e me deixou antes que lhe podesse dirigir a menor palavra de consolação, e que eu tivesse voltado da profunda stupefacção, em que a sua historia me tinha mergulhado. — Depois eu soube que elle estava um pouco consolado da perda de seus vicios, e que quasi habituado a calma da sagedoria, tinha entrado em um convento.

---

### *Projectos de monumento*

PARA A PRAÇA DA BASTILHA, DEPOIS DE 1789.

Immediatamente á tomada da Bastilha, e quando sua destruição foi ordenada, o pedreiro livre Palloy, posto á testa desta demolição, escolheu nas ruinas de tão grande obra as 83 melhores fiadas de pedras, para exactamente organizar outros tantos modelos de todo o edificio. A cada um dos 83 departamentos da França enviou um dos ditos modelos, com a seguinte inscripção: « *Modelo da Bastilha tomada e demolida em 14 de Julho de 1789, pelos cidadãos de Paris, dirigido ao departamento de..... pelo patriota Palloy.* »

O modelo enviado ao departamento do Sena ainda é conservado na casa da camara de Paris.

Estando desentulhado e livre o terreno da Bastilha, a assembléa nacional, ordenou pela lei de 27 de junho de 1792, a formação de uma praça em seu lugar.

A 3 de dezembro de 1803, o primeiro consul Bonaparte assignou o decreto que mandava executar o plano proposto pelo ministro Chaptal, que dava direcção ao canal de Ourcq, o formava uma grande praça, aformoseada de chafarizes e plantações, reunindo o baluarte de Santo Antonio ao de Bourdon, &c.

O arco triumphal, hoje levantado na entrada de Etoile, devia primeiramente ser construido, segundo as ordens de Napoleão, na praça da Bastilha; mas, por observações da Academia das Bellas Artes, e convicção da má escolha da localidade, o imperador mudou de resolução.

A 2 de dezembro de 1808, quarto anniversario da coroação do imperador Napoleão, M. Grettel, ministro do interior, lançou na praça da Bastilha, sob o plano de M. Célerier, architecto distincto, a primeira pedra para a construcção de um chafariz em memoria do triumpho ali alcançado.

O imperial decreto de 9 de feveiro de 1810, mandou que se empregasse na construcção deste monumento todo o bronze dos canhões apresionados aos Hespanhoes. Grande parte dos ornamentos deviam ser dourados.

Pelo fallecimento de M. Célerier, M. Alavoine, seu inspector, succedeu-lhe na direcção dos trabalhos; sendo segundo o seu desenho que se adoptou para monumento da praça da Bastilha o modelo de um elephante. Este modelo era feito de madeira, chapeado de ferro, e coberto de gesso, sendo preparado, quanto á esculptura, pelo statuario M. Bridan. A maquina hydraulica destinada a abastecer d'agoa o chafariz, seria collocada no cimo da torre que o elephante sustenta em seu costado; servindo-lhe de communicação a escadaria feita em uma de suas pernas.

O elephante de gesso que ainda existe n'aquella praça tem 50 pés de comprimento e 45 de altura, inclusive a torre.

Depois de 1814, a execução deste modelo tem sido continuada e interrompida por diversas vezes. M. Alavoine successivamente tem feito 14 projectos de chafarizes, para cujas decorações se não servio mais do elephante. Até julho de 1830, nenhuma resolução se havia tomado, mas não tardou a determinar-se que se levantasse um monumento em memoria da revolução de 1789 e dos acontecimentos de 1830.

A 27 de julho de 1831, o rei lançou a primeira pedra deste monumento, que, determinado pelo ministro dos trabalhos publicos, segundo os planos de M. Alavoine, consiste em uma columna sobremontada da estatua do genio da liberdade, tendo na mão uma toxa para allumiár o mundo. M. Dumont, joven statuario, foi o encarregado do modelo desta figura.

A columna projectada terá 12 pés de diametro e 140 de altura, sem a estatua, 13 pés mais do que a columna d'Austerlitz: será de bronze fundido, ouca, e da grossura menor que poder ser.

Os quatro cantos do pedestal serão rematados por quatro gallos.

Sobre o fuste da columna do lado do norte, collocar-se-ão em le-

tras grandes e douradas os nomes das victimas de 14 de julho de 1789, e do lado do sul, os das victimas das tres batalhas de julho de 1830.

As longas bazes de pedra, bacias e pedestaes de marmore que devem receber esta columna, estão em parte acabados; o apparatus que tem de a collocar em seu lugar está prompto, de sorte que se pode esperar que brevemente se conclua.

Na intenção de levar a effeito este projecto, trata-se do alinhamento para a proxima execução da grande rua de Luiz Philippe, projectada por Napoleão, principiando em linha recta do Louvre à Bastilha, continuando d'ahi até os limites da França.

A columna nacional achar-se-a collocada no centro da vasta praça.

## AS QUATRO ESTAÇÕES.

### ODE 2.ª

#### *Ao Estio.*

##### STROPHE 1.º

Como de espigas lucidas vezes Ceres  
Coroadas, gentil, por virgens bellas  
Pelos campos tirada em aureo coche,  
Agricolas cuidadosos invitando,  
Porque as searas louras, rude a fouce  
Sem demora lançando, os gratos fructos  
Teus em celleiros abundantes guarde!

##### ANTISTROPHE 1.º

Como lindas Choreas, magas Nymphas,  
Ao pallido clarão da Irmã de Phebo,  
Que os campos argentando, claros rios,  
Perspectiva á natura grata ostenta!  
Ora Amores descantam, ora ás nuvens  
D'Agricultura sobem os louvores,  
Respondendo-lhe echi-sonos os montes!

##### EPODO 1.º

Vens clara Diva, e a seara loura  
Por ti se eleva; a natureza toda  
De suores coberta,  
Nos braços te recebe  
E te conduz entre carinhos doces,  
Ao campo, onde lourejam altas messes.

##### STROPHE 2.º

D'aqui afadigado vem Coleno,



Que aos novillos o jugo, do trabalho  
 Tirou cansados ; na cabana humilde  
 Assidua a lavradora o niveo leite  
 Na porcellana ordenha, onde abobóra  
 Grato de Ceres fructo, que ao consorte  
 Apresenta risonha entre caricias.

## ANTISTROPHE 2.º

Da meza em torno os filhos ternos comem,  
 Reverentes, humildes, em silencio ;  
 Ao dono os olhos volve exposto galgo ;  
 Não cessa de miar gato importuno,  
 Tomando agreste flauta, o pastor canta  
 Em melodioso accento doces hymnos,  
 Que do céo nas adobadas retumbam.

## EPODO 2.º

Da porta ao lado um manso arroyo corre  
 Puro, e suave, ao somno convidando,  
     O agricultor cansado,  
     Que não em aureo leito,  
 Mas de trigo na fresca palha os laços  
 Membros repousa, tépidos da calma.

## STROPHE 3.º

Calmosos dias, quando ardendo Apollo  
 O mundo abrasa, á fonte com bilhinhas  
 Esbeltas moças correm ; magas dançam,  
 Cantos entoam, de prazer exultam,  
 De riso a fonte chora cristallina !

## ANTISTROPHE 3.º

Como na humilde choça os doces fructos  
 Saboream o gosto, a calma apagam !  
 O cheiroso melão, e a côr de sangue,  
 De assucar melancia, o roxo cacho,  
 C'o doce figo, da choupana á sombra,  
 Como são agradaveis, deleitosos !

## EPODO 3.º

Da idade d'ouro retratados vejo  
 No campo então os dias mais ditosos !  
     Quem fruil-os podera !  
     Quem as delicias tuas  
 Das arvores contando ás verdes folhas  
 Em ti vivera ameno, e doce campo !

***Naufragio dos filhos de Henrique I,***

REI DE INGLATERRA, EM 1120, PERTO DE BERFLEUR.

Henrique I, rei de Inglaterra, achava-se, em novembro de 1120, em seu ducado de Normandia. Após uma longa e obstinada guerra tinha feito a paz com o rei da França, Luiz o Grande. O casamento contractado por Guilherme, seu filho primogenito, e herdeiro de sua corôa, com a filha de Foulques, conde d'Anjou, acabava de accrescentar mais uma provincia ás suas possessões do continente. Satisfeita a ambição deste rei, e victorioso de seus inimigos, se via senhor da Inglaterra e de parte da França; sua fortuna parecia não poder chegar mais alto. Depois de uma ausencia de 4 annos, elle voltava triumphante a sua cidade de Londres.

Dirigindo-se, com sua familia e a côrte, ao porto de Berfleur em Normandia, uma frota achou equipada para seu transporte. Em quanto porém esperavam sobre a praia, approximou-se do rei um marinheiro, de nome Thomaz, que, apresentando-lhe um marco d'ouro, lhe disse:

« Estevão, meu pai, servio ao de V. M. durante toda a sua vida; foi elle quem transportou ás praias de Inglaterra o bom duque Guilherme, quando, com o adjutorio de Deos, emprehendeu a sua conquista: em recompensa do que supplico-vos identica graça. Para o serviço de V. M. tenho um navio novamente construido e denominado — *Nova Branca*; — bem equipado e manobrado por 50 remadores habeis. »

« Já escolhi o meu transporte, respondeu-lhe o rei, e não mudarei de resolução; mas, para mostrar-te a consideração em que tomo o teu pedido, confio á tua guarda meus filhos Guilherme e Ricardo, e minha filha Adelaide, a quem amo como a mim mesmo, com os quaes conduzirás grande parte de minha côrte e o meu thesouro. »

O navio que conduzia o rei partio primeiro, perto da noite, com vento sul, e arribou no dia seguinte pela manhã em Northampton.

A *Nova Branca* ainda demorou muito a sua viagem; seus marinheiros transportados de alegria rodeavam os jovens principes: muitas medidas de vinho foram distribuidas pela tripulação antes da partida, e a noite já era chegada, e as dansas e os cantos jubilosos ainda duravam sobre a praia.

Emfim largam-se as velas. Além de Guilherme e Ricardo, filhos do rei, e sua joven irmã Adelaide, iam nesse navio 18 senhoras, filhas e esposas de homens nobres, muitos bispos e sabios prelados, 140 barões e cavalleiros, a flor dos exercitos da Inglaterra e Nor-

mandia, mais ou menos illustres por seus annos de combates; fazendo ao todo 300 passageiros.

Todavia os mais previdentes e mais sabios, d'entre elles, desembarcaram ainda á tempo, hesitando confiar suas vidas a marinheiros embriagados, que, diz o velho chronista, apoderavam-se do lugar em que abalroavam com as medidas de vinho e os cofres do thesouro real que atravancavam o convés.

Ao primeiro signal da partida a equipagem, occupando seus postos, principia a manobrar com ardor, e a *Nova Branca* faz-se de vela no meio de aclamações; mas, no momento de entrar no baixio de Catte, hoje Gatteville, os remadores, estimulados pela embriaguez do vinho, e julgando offendida a sua honra por terem ficado áquem do navio do rei, empenharam todas as suas forças para alcançal-o, e dão por bombordo com o navio sobre um rochedo que o mar encobria, e que julgou-se ser o denominado *Guillebæuf*, cuja cabeça roliça e branca começa a apparecer em meia maré.

Um grito de afflicção deram ao mesmo tempo todos os passageiros, que foi ouvido da praia, porque o mar estava sereno e socegado; mas nenhum soccorro se lhes prestou pela nenhuma suspeita da causa.

Diz-se que no meio da confusão e das trevas, Thomaz, o desgraçado piloto, procurou, entre todos, o filho mais velho do rei: e embarcando-o em uma chalupa, a fez voar [debaixo de seus remos; mas, ao grito da joven Adelaide, sua irmã, Guilherme quiz voltar para recebê-la, e a debil barca, approximando-se do navio meio submerso, soçobrou ao peso dos naufragos que á ella se agarraram.

O principe Guilherme que contava 18 annos de idade, ha pouco havia esposado Mathilde, a herdeira d'Anjou, que apenas tinha 14. Viuva antes de haver deixado a sua infancia, a joven rainha comprehendeu toda a desgraça de seu destino, e cheia de tristeza, acabou a vida em um convento.

Tudo tinha desaparecido neste naufragio, a excepção de dois homens, um joven cavalleiro, filho de Geoffroy d'Aigle, e um carniceiro de Rouen, de nome Berold.

Ambos se haviam agarrado fortemente á ponta de uma verga, quando Thomaz, o piloto, tornou a apparecer depois de ter sido submergido, e recobrando suas forças e uso das faculdades intellectuaes, levantou a cabeça ácima das agoas, e não vendo mais do que estes dois homens, exclamou:—O que é feito do filho do rei?—Desappareceu como os outros, responderam.—Maldição sobre mim, disse o piloto, e de novo se submergiu em um abysmo.

O tempo estava calmo e o mar sereno, a lua esclarecia uma das noites de Novembro longa e friz, e os dois naufragos conservavam-se

no lugar de sua salvação. Muitas vezes sem duvida se tinham encomendado á Deos e a seu santo patrono. Lançando suas avidas vistas sobre a superficie do mar, tentavam por meio de gritos e signaes de perigo, chamar em seu soccorro os pescadores da costa.

Duas existencias bem diversas eram as que estes dois companheiros de infortunios disputavam ás ondas; mas nesta reconciliação fortaita e comunidade de perigos, ambos se ajudavam animando-se por palavras affectuosas.

Emfim o mais nobre, mais delicado sem duvida, sentio que as forças lhe faltavam; suas mãos enregeladas pelo frio e vencidas de cançadas, desprenderam-se da verga que apertavam; e abandonado ás vagas, rogava a Deos, dizem as chronicas, pela salvação de seu companheiro.

O carniceiro Berold foi o unico que escapou a este naufragio, seus membros mais robustos melhor poderam supportar o frio da noite; sendo pela manhã salvo por uma barca de pescadores. Foi o mais obscuro e miseravel dos trezentos passageiros da *Nova Branca*, cujo traje consistia em uma pelle de carneiro, e a quem tinham recebido a bordo por caridade, o que narrou este acontecimento aos chronicistas da época.

Na manhã do dia seguinte ao desta terrivel noite, em quanto o mar lançava á costa de Berfleur, os cadaveres dos naufragos, o rei Henrique, depois de uma feliz viagem, esperava na opposta praia a chegada do outro navio. Todo o dia passou-se em inquietação; e a funesta noticia do naufragio se espalhou á noite, mas ninguem ousou encarregar-se de a levar ao rei. Todos os que tinham nelle perdido amigos ou parentes reconcentravam sua dor, receiando patenteal-a a Henrique. Encarregaram emfim dessa missão a uma criança, que, precipitando-se aos pés do rei, transmittio-lh'a desfeito em lagrimas.

O rei, possuido de dôr, cahio desmaiado, e durante muitos dias suas lagrimas não cessaram de correr; elle chamava constantemente por seus filhos, ou relatava as proesas de todos os bravos que com elles tinham naufragado.

Desde este dia, dizem os historiadores, jámais se lhe vio o sorriso nos labios.

---

### ***Os passaros prophetas na poesia popular.***

Pelos escritos hieroglyficos dos Egypcios, sabe-se que a haste quebrada do *lotus* e uma pomba ao tomar o vôo eram o symbolo da separação d'alma do corpo, causada pela morte. Muitos annos depois, na oc-

casião em que o christianismo tornou-se symbolico, a pomba reapareceu nos templos, e cedeu sua forma a um dos mais reverenciados dogmas christãos.

O genio mistico e campestre da stirpe germanica parece haver-se comprazido com este symbolo, que representava, sob as mais irrisorias figuras do mundo material, os mais abstractos misterios da religião e do amor. Encontra-se a cada passo nas collecções das antigas poesias populares ou sabias, essas interessantes personificações de que particularmente se occupa a musa dos minessienger.

Por conseguinte força é confessar que as mais das vezes estes passaros, na poesia popular propriamente dita, mais animada e ao mesmo tempo dramatica, figuram já como symbolos, já como actores. Nas canções populares da Suecia, Dinamarca, ilhas de Ferve, elles presidem o futuro, levam mensagens, annunciam ou previnem desgraças. Quando uma rapariga tem de morrer, sua sorte lhe é revelada de antemão por uma maneira mysteriosa. Ella acha no ramo de uma arvore, ou no calix de uma rosa uma alva pomba entoando canticos ao menino Jesus, e em sua linguagem participa-lhe que para o fim do anno subirá ao céu uma rapariga. Será pois como disseram, no poema scandinavio dos Nifflungs, forma e redacção primitiva da epopéa allemã, que devemos procurar a origem de taes relações mysteriosas entre o homem e o passaro? No começo do poema, o heroe Sigur, após ter bebido o sangue do dragão Fafuir, fica admirado de entender a linguagem volatil que o previnem não confiar-se no anão Reghin. Mais adiante, é o canto das andorinhas quem lhe revela a existencia da rapariga, natural do paiz dos Francos, adormecida no cume de uma montanha em um castello circundado por uma muralha de fogo.

A critica litteraria por vezes esquece que tanto na poesia como na mente ha cousas de que o homem não tem necessidade de servir-se, pois que as acha naturalmente em si mesmo; e o que parece fazer d'aqui desaparecer toda a idéa de imitação, vem a ser que o factio por nós citado acha-se com pequenas modificações nas poesias de paizes e povos sempre estranhos entre si, nas da Inglaterra, por exemplo, e da Grecia moderna. O que caracteriza o canto dos passaros gregos, é um sentimento de uma mui viva sympathia para com o povo proscripto no meio do qual passam a vida. São elles que lastimam a morte do Kelephte, que trazem aos Parganiotas a noticia da derrota dos Soulis, e aos Klephtes da Thessalia a da victoria de Nicotraxis. Porém sua principal funcção é descrever essas guerras e combates infinitos, cuja memoria o patriotismo grego tanto interesse tinha em eternisar. São os chantres ordinarios dessas proezas incognitas de Kelephte, que só tinham por testemunhas as imagens celestes, as cadeias do Olympo e do

Pindo e por vezes o passaro mudo que empoleirado em algum ramo de longe os observava. A formula de taes descripções é quasi sempre a mesma. Tres passaros pousaram nas grimpas de S. Elias: um observa Janina, outro Souli, e o terceiro, o menor, lastima-se. . . . Segue-se depois a descripção da batalha, descripção espantosa, admiravel, que para sempre ficará gravada na memoria de todos; porque o passaro que a descreve falla, não como um passaro, nem como todos os passaros, mas empregando a linguagem humana.

A Inglaterra, com seu solo humido e umbroso, com sua tenra verdura da primavera e do estio, assemelha-se ao paiz natal de todos os passaros que povoam nossos bosques e animam nossas campinas do Norte, não brilhando na cantoria, é verdade, na figura, e na plumagem, porém interessantes, parladores, domesticos pelo habito de familiaridade com o homem. Traz-se á lembrança o affecto inteiramente particular com que um chefe de piratas scandinavios, Knutt le Dur (Hard-Knutt), se havia apaixonado de um passarinho da especie da alveloa, mui conhecido na Inglaterra, e que conservou o nome de knot em memoria da amizade do Dinamarquez. As chronicas saxonnias parecem vivamente pungidas desta especie de familiaridade, por muitas vezes alludem á estes pequenos passaros que, nos dias invernosos, quando os chefes estão á mesa, quando a sala está bastante aquecida, chove, cahe neve e venta da parte de fóra, atravessam a sala com rapido vôo, entrando por uma janella e sahiudo por outra. A ave rei ou o regulo, é o thema de algumas destas mais engraçadas tradicções. Este hospede fiel de nossas sarças, este commensal de nossas choupanas, em certos cantões da França chamado a ave do bom Deos, e cujo ninho é respeitado como o da andorinha, é na Inglaterra objecto de um agrado ainda mais notavel. Ha alguns annos corria o boato em Ayr-Shire e Galloway, sobre maravilhosas legendas relativas á viagem do pequeno passaro. Vê-se da praia as ilhotas de Big-Scaur e d'Ailsay com seus picos de Calsates, coroados de ruinas feudaes, donde, segundo a tradicção, o passaro segue para as terras beira-mar da Escossia, e os filhos do Lothian ainda hoje repetem o testamento da pequena ave: « A ave rei está em seu leito de dôr, ella soffre, e muito se lamenta.

Os passaros que as mais das vezes figuram como actores nas ballatas escossezas, são ora passaros parladores, como o papagaio, o corvo, a gralha, ora mudos a quem um poder superior empresta momentaneamente voz e linguagem. Da mesma sorte que os passaros das ballatas scandinavias e dos cantos neogregos, adivinham o futuro, dão conselhos, e annunciam desgraças.

Como elles, encarregam-se algumas vezes de mensagens, levam bilhetes debaixo das azas; representam algumas vezes um papel mui

analogo ao do côro da tragedia grega. Sua voz é calma, fria, impassivel; desviam do crime quando se o premedita, censuram-o depois de perpetrado, denunciam quando fica ignorado: é o remorso personificado, um symbolo da voz forte e severa da consciencia; uma reclamação da natureza impassivel que se revolta com a idéa do crime, e acha por instincto intelligencia para comprehendel-a e voz para suplantá-lo.

« Não mancheis vosso vestido verde no sangue do bom conde Ricardo, » diz o papagaio a uma rapariga que havia embebedado o conde, e o queria assassinar.

« Que fizestes do conde Ricardo, vós, que ereis por elle amado? » disse-lhe ainda, na occasião em que, para desviar as suspeitas, ella arrojou o cadaver mesmo de botas e esporas nas aguas da Clyde; finalmente quando o corpo foi achado, o crime provado, e procuram o autor, o passaro é quem o denuncia. Para que tantas palavras? diz elle, foi aquella a quem elle amava, tirou-lhe a vida e lançou-o no insondavel abysmo... »

Depois a justiça humana principia sua obra, o supplicio termina, e o instincto popular fica satisfeito.

Todavia algumas vezes o sentimento de moralidade transforma-se em amarga ironia, em profunda e desesperada afflicção. A Inglaterra é o unico paiz do mundo em que com mais facilidade passa-se do culto á profanação da virtude. É muitas vezes na boca dos passaros que costumam pôr impassiveis e amargos epigrammas. São expressos com uma crueza e estro sobremodo notaveis no dialogo seguinte que traduzimos.

« Dois corvos estavam empoleirados em uma arvore. Ouvi um dizer ao outro:

— Onde jantaremos hoje?

— Por detraz desta moita de relva, respondeu o segundo.

Vi o cadaver ainda fresco de um cavalleiro; ninguem sabe que elle lá está senão seu falcão, seu cão e sua amante. Seu cão foi á caça; seu falcão persegue os passarinhos; e sua amante esposou a outrem.

« Podemos pois jantar bem e á vontade. Empoleirar-vos-eis no branquejado osso de seu pescoço; e eu arrancar-lhe-ei os azulados olhos, e tomaremos um anel de seus louros cabellos para nosso ninho se elle tornar-se muito rijo. »

E o canto finalizou com esta seca e triste observação:

« Bastantes pessoas simularam choral—o neste mundo; mas ninguem o procurará, e o vento espalhará para sempre seus esbranquiçados ossos.

*A barca d'amor.*

## SONHO POETICO.

Tinha passado a extensão da noite nestas inquietações importunas, que a necessidade de amar, e o ardor do sangue causam na minha idade. O amor, que velava comigo, me tinha roubado o somno, e eu me revolvia inutilmente no meu leito, para o chamar, quando enfim adormeci, no momento em que a Aurora deixava o leito de Tilhão. Os sonhos da manhã, menos confusos que os da noite, parecem participar mais ou menos da claridade do dia, que se approxima; eis aqui o que me agitou até ao instante do meu despertamento.

Eu passeava á borda do mar entre duas jovens muito amáveis. Misophila, de quem eu era amante, e a quem se dirigiam todas as minhas ternuras, só me concedia rigores; Philomisa, ao contrario, para quem eu era insensível, me demonstrava a mais terna inclinação.

Nós nos divertimos por algum tempo em apanhar seixinhos de diferentes côres; o mar unido como um lago, estava em todo o seu maior socego. Apercebi uma barca presa, a alguns passos de nós, á praia: convido as duas jovens a subir a ella comigo, para darmos uma volta terra, terra. Philomisa saltou sem hesitar, a outra fez bastante resistencia; mas por não ficar só subio tambem.

Desato a corda da barca: lanço mão de um remo, e eis-nos todos a vogar.

Eu apenas costeava a praia, temendo apartar-me della; porque o meu designio, neste passeio, era possuir tranquillamente Misophila, contemplal-a á minha vontade, fartar-me de suas vistas, sem que pudesse subtrahir-se ás minhas; mas eu perdia todas as doçuras que prodigava á ingrata, sendo recompensadas por sua companhia.

As duas jovens pozeram-se a cantar; e eu estava embriagado do prazer que a amavel Misophila me inspirava, inda contra sua vontade; isto não foi de longa duração; o céu se cobre de repente de nuvens espessas, negras e tenebrosas; um trovão espantoso, entre relampagos, rebenta sobre nossas cabeças; todos os ventos ao mesmo tempo se desenfream; as ondas sublevadas se accumulam; experimentamos todos os horrores da mais violenta tempestade. Bem depressa meus companheiros de fortuna, que, aos primeiros clarões do raio, olhavam tristemente para a borda do mar, de que a barca estava já distante, elevam gritos lamentáveis, que não eram interrompidos senão por torrentes de lagrimas. Nossa fraca barca, prompta a todo o momento a ser sepultada nos abyssos, rolava em um turbilhão de vagas, de que eramos sem cessar inundados; o meu remo quebra-se, e ficamos sem recurso



algum, expostos ao furor dos ventos, das ondas, do céu, e do mar. Invoco, em minha desesperação, todas as divindades marinhas, e sobretudo a filha das ondas. Ah! Venus é surda a meus gritos; deixou perecer *Leandro Alcione*; fará ella mais por aquella que eu amo? Minha alma estava ainda mais agitada que o mar.

Uma voz (não pude perceber se esta voz vinha do céu ou se sahia do fim dos abysmos) me fez ouvir esta terrivel sentença: « Desgraçado allivia a tua barca, ou ella vai abysmar-se. » Que! digo eu, comprarei minha vida á custa d'uma de minhas companheiras! Se é *Misophila* que eu perco, tenho necessidade de viver? Talvez, por sua ingratição, mereça tal sorte, e depende o meu repouso deste sacrificio? Obstinarme-ei a conserval-a para ser continuamente o objecto de suas repul-sas, e por consequencia desgraçado?

Entregarei eu ás ondas do mar a mui sensível *Philomisa*, de que todo o crime é amar-me, e a quem não posso reprehender, senão minha insensibilidade para ella! É portanto necessario, que uma dellas expie a cólera de *Neptuno*. Desembaracemo-nos da desgraçada, cuja presença me impede de estar só com o objecto que amo. Este sacrificio lhe provará meu amor, e poderá tornarm'a favoravel. Abominavel idéa! Ao contrario minha crueldade a indisporá, sem duvida, ainda mais contra mim; ficaria com direito de dizer-me, basta pois, ingrato, de te amar para ser tua victima? Que farei?... Tenho ainda um partido a tomar. Sou eu que devo alliviar a barca; não tenho senão precipitar-me só e por isto experimentarei o coração de minhas companheiras. Aquella de quem sou amado, não deixará de oppor-se á minha resolução; aquella que eu não posso tornar sensível, entener-se-á ao menos da minha sorte, passando facilmente da piedade ao amor, minha sombra, depois da minha morte, receberá a ternura da saudade. Tambem devo punir-me do perigo a que as expuz, pois que eu fui que as fiz entrar na barca.

Mas enfim abandonarei esta fragil barca á sua discrição! Deixal-as-ei sós á mercê das ondas, em meio dos perigos que as cercam? Serei culpado da sua morte? Reprehender-me-ão de me lançar ao mar, na esperança de salvar-me a nado, e de não ter pensado senão em mim. A que pois me determinar?... Esperarei eu que pereçamos todos tres, por não ter podido tomar alguma resolução, e por ter despresado o aviso dos deoses? Durante estas agitações, uma vaga que por seu volume igualava o mais enorme rochedo, cae sobre a barca, e eu desperto.

Amantes, que durante o somno, sois algumas vezes occupados pelo objecto de que está cheio o vosso coração, dizei-me o que terieis feito em meu lugar; decedi a minha irresolução, e, por preço desta complacencia, possaes vós não ter jamais um tão cruel sonho. GENTIL.

**AS QUATRO ESTAÇÕES.*****Ao Outono.*****ODE 3.<sup>a</sup>****STROPHE 1.<sup>a</sup>**

Desenvolve seu manto rociado  
 D'aljofares, e per'las cristallinas,  
 Sobre a Natura o Outono em manhã fresca.  
 Da abundancia abre os cofres, e os thesouros  
 Ao colono reparte de Cybele,  
 No mundo entorna a Cornucopia rica.

**ANTISTROPHE 1.<sup>a</sup>**

Não só odoras flores, puros ares  
 Embalsamam agora os jardins bellos,  
 Tambem os fructos primorosos pendem  
 Das arvores, que o gosto, o olfacto encantam.  
 Ávido das delicias desta quadra,  
 Em que as riquezas o campo patenteia,

**EPODO 1.<sup>o</sup>**

O cheiroso melão, mimosa pera,  
 Essa uva moscatel, que d'alfazema  
 O agradavel imita, delicado

Odor suave, e brando,

Acaso não convidam

Desde o raiar da aurora até á noite.  
 Saborear o pádar com doçuras!

**STROPHE 2.<sup>o</sup>**

O pécego formoso, aveludado,  
 O rubro cacho, as céreas uvas brancas  
 Rociadas do orvalho matutino,  
 E em cestinhos as Nymphas me conduzem  
 Campestre, de parreiras vecejantes  
 Ornados, de giesta, e vimes feitos.

**ANTISTROPHE 2.<sup>a</sup>**

Ali do manso arroio junto gozo  
 Os prazeres do campo em aureos dias;  
 Da vide á sombra, alegres hymnos canto,  
 Do supremo em louvor, que taes riquezas  
 A bem creou dos homens campesinos,  
 Que natura cultivam abundosa.

**EPODO 2.<sup>o</sup>**

Da fresca melancia de cõr lacre,

De assucar os torrões mais saborosos ;  
 O figuinho maduro, aberto, e roto  
     Lisongeiavam-me o gosto,  
     Os fatigados membros,  
 Vigor e'o refrigerio novo cobram,  
 E ao trabalho se incumbem reforçados.

STROPHE 3.<sup>a</sup>

Pelas vinhas então, pelos lugares,  
 Diffunde-se o prazer, as graças reinam  
 Dos pampanos frondosos vai roubando  
 Ávido o lavrador nectarios cachos,  
 Que debaixo dos pés á força espreme,  
 Eis o purpureo Baccho em furia espuma.

ANTISTROPHE 3.<sup>a</sup>

Agradaveis cantigas, magas danças  
 De uma viola ao som, ali se escutam ;  
 Renova-se o pichel de quando em quando  
 Que ao mancebo, engraçada a moça offerta,  
 Elle em moste escorrendo a taça empina,  
 E no rosto da bella imprime um beijo.

EPODO 3.<sup>o</sup>

Ao longe o carro vem, d'eixo estridente,  
 Da adega para a porta conduzindo  
 Toneis, ou pipas, e cortiça nova ;  
     E todos mais aprestes  
     Que então hi tem seu uso,  
 Presentes sem demora ali avultam.  
 Para a pipa o carreiro se encaminha.

STROPHE 4.<sup>a</sup>

Os celleiros abertos, flavo o Trigo  
 De Ceres grato dom, de homens sustento  
 Recolhem, e de milho o grão robusto,  
 Que robustos os homens faz dos campos.  
 Das adegas toneis profundos sorvem  
 Santo o licor de Baccho apreciavel.

ANTISTROPHE 4.<sup>a</sup>

Dest'arte o agricultor não teme a fome ;  
 Combates não receia d'inimigos,  
 Seus campos habitando, de innocentes  
 Rodeados prazeres, que a alma enlevam,  
 Os cuidados do mundo põem de parte,  
 E das riquezas vãs, os vãos desejos.

## EPODO 4.º

Oh ! doce campo, oh ! campo delectavel !  
 Que venturas, que bens, que fortunosos  
 Dias em ti se passam ! nunca o crime  
     Em ti achou asylo,  
     Nem se alvergam malvados  
 Onde natura os dons á larga expande  
 Ao Colono innocente, a quem abrigas !

## STROPHE 5.ª

De ti, quão longe as guerras desastrosas,  
 Dos homens invenção, homens tyrannos,  
 Que sob os pés calcando os semelhantes  
 Gemer á força obrigam, longe soam.  
 Se fusilar nos vastos horizontes  
 Um relampago observa, um Deos adora !

## ANTISTROPHE 5.ª

Não assim o guerreiro formidando  
 Relampejar divisa a nua espada,  
 Vomitar o canhão vê sulphuroso ;  
 Assoma á mente o susto, a còr lhe foge,  
 E não menos pensando, á terra, exangue  
 Sem poder, sem vigor o corpo entrega.

## EPODO 5.º

Mas ledo agricultor seus dias finda  
 No pobre alvergue, onde a virtude habita :  
 Nos braços da virtude entrega a vida,  
     E os dias venturosos,  
     Que no mundo gozara  
 Com Deos unido, e Deos sempre adorado  
 Não sabendo do crime horridas sendas.

***Autor recompensado com um privilegio de  
 menáicante.***

O celebre Stow (morto em 1693) empregara sua vida e todo seu patrimonio em explorar as antiguidades de Inglaterra, que elle percorrerá quasi toda á pé. Nos seus ultimos dias achou-se reduzido á mais extrema miseria, e então sollicitou alguns soccorros. Mas tudo quanto pôde obter foi uma patente sellada com o sello grande, pela qual « — considerando que o dito Stow empregou quarenta e cinco annos em reunir os materiaes para suas chronicas de Inglaterra e doze em escrever a historia das cidades de Londres e Westminster, e consagrou sua vida toda ao serviço de sua patria, nós lhe concedemos nossa gra-

ciosa e real permissão de sollicitar as esmolas de nossos subditos e applicar ás suas necessidades quanto poder alcançar de suas beneficencias. Isto por espaço de um anno sómente. »

ISRAELI, *Melanges de Letterature.*

### ***Somnambulismo da arte.***

Um artista celebretinha acabado um dos primorosos paincis que ornaram o zimbório da igreja de S. Paulo de Londres. Transportado do genio de sua arte, se esquece de sua posição, a altura em que se acha, e o pequeno espaço que o estreita, e recua alguns passos para traz afim de julgar melhor de longe o effeito de sua obra. Chega á extremidade do andaime; o mais pequeno movimento seria bastante para que elle se despedaçasse nas pedras da nave, mais de duzentos pés abaixo! Um pedreiro que se ali achava vio o imminente perigo; mas que recurso? Chamar pelo pintor? Si elle o não ouvisse? Cabir sobre elle? Seria accordar um somnambulo! Mais ligeiro que o pensamento, lança mão de uma broxa e com ella bórta a mais bella figura. O artista furioso se atira a elle. « Fere, muito embora, mas tu estás salvo! » exclama o generoso pedreiro. Duas palavras sómente de explicação transformaram o furor do pintor em o mais sincero reconhecimento.

### ***Maximas e pensamentos.***

Os botanicos tem uma classe de plantas que elles chamam *incompletæ*: pode-se dizer da mesma sorte que há homens incompletos e imperfeitos: são aquelles, cujos desejos e exforços não são proporcionados ao que elles são capazes de fazer e de produzir.

— O homem o mais mediocre pode ser completo, se elle sabe se conservar nos limites da sua capacidade e de seu talento. Mas as mais brilhantes qualidades da natureza são obscurecidas, desfeitas e aniquiladas, se esta justa medida em tudo necessaria faltar: este mal se faz muitas vezes sentir nos tempos em que nós existimos; porque quem poderia satisfazer as exigencias sempre crescentes de uma época, que quer realisar tudo com a maior *rapidez*:

— Os homens prudentes e activos que conhecem sua força, e della se servem com medida e circumspecção, só elles poderão ir longe nos negocios do mundo.

Duas épocas ha na vida em que é absolutamente necessario viver só. Na mocidade para adquirirmos uma immensidade de conhecimentos uteis, e formarmos um modo de pensar invariavel, e na velhice para lançarmos o derradeiro volver d'olhos sobre a carreira, que temos percorrido, e refletirmos em quanto nos tem acontecido, em todas as flores que temos colhido, e nos vandavaes do nosso destino.

### *Os usos das Amazonas.*

Fieis ao nosso plano d'instruir, e recrear, aproveitaremos esta occasião, para darmos um esboço, dos usos, e costumes bellicosos, d'uma nação guerreira, composta unicamente de mulheres, e da qual a monarchia toda feminina, tem por base fundamental, excluir o sexo masculino do seu gremio. Porém se as Amazonas regeitam os homens como superiores, ellas os acolhem sob o titulo de amantes. O hymeneo sobre as margens do Orenoque, assim como n'aquellas do Amazonas, recebe um tributo annual. Os Iroqueses, e Caralbas são os venturosos povos, que em certa época convencionada, fornecem annualmente os esposos ás orgulhosas Amazonas. Porque, embora se quizesse estabelecer uma sociedade d'um unico sexo, em breve deixaria de existir, pela falta de posteridade.

O paiz das Amazonas, mulheres robustas, e que usam só do peito esquerdo que as mais das vezes cresce em demasia, foi descoberto pela primeira vez, por um Hespanhol, chamado Orellana, e está situado n'America, nos confins do Brasil, entre a Guyana, o Perú, e o Paraguay. Este paiz é talvez o mais bello do universo, e pode comparar-se ao jardim d'Eden, de que Milton faz uma descripção encantadora. Um grande rio corre no centro de suas provincias, fertil em ouro, perolas, e pedras preciosas, o qual recebe o nome das heroínas que habitam suas margens; e que forma, com o outro rio chamado da Prata, dois braços, nos quaes fecham o Brasil, como elegantemente descreve o erudito poeta D. Gastão, nos seguintes versos :

Os dois rios somos, que circundam  
 Todo o fertil *Brasil* d'um lado ao outro;  
 O Amazonas eu sou, o argenteo é esse,  
 Que de rio da prata ostenta o nome.

Em principio os viajantes negavam a existencia destas matronas; mas pouco depois outros, melhores instruidos, e intrepidos Missionarios, que penetravam até á origem d'aquelle caudaloso rio, reconheceram com effeito, aquella nação extraordinaria, governada por uma rainha, da qual a sagacidade, e intrepidez, tinha alcançado ás suas tropas, amiudadas e brilhantes victorias, sobre as hordas selvagens, as mais terriveis, e sanguinarias. Não sabemos a razão, ou o motivo, que pretendia tratar, e fazer passar por fabulosa esta sociedade de mulheres guerreiras! As Spartanas, e as Lacedemonias, em seus jogos gymnasticos, não se exercitavam em todas as manobras

guerreiras?... Não as vimos intrepidas, afrontar ao lado de seus consortes, os maiores perigos para salvarem a Patria, idolo de seu maior affecto?... E mesmo sem recorrer aos factos da Grecia, e de Roma, em nossos dias, não vimos a gentil Déon, manejar a espada como o mais valente militar?.... Jovens bellezas, servirem d'ajudantes de campo ao general Dumourier, em muitas acções perigosas, e que souberam cobrir as suas frentes de duplicadas corôas de myrtho, e de louros!... Uma illustre hespanhola, que servio 25 annos nas tropas de Carlos III, chegando até ao posto de capitão, e que não obstante coberta de feridas, só foi reconhecida por uma grosseira indiscripção?... Uma joven princeza, que no começo da revolução franceza, no cerco de Lilla, foi quem por sua propria mão, deitou fogo aos morteiros, que bombardeavam a cidade?... Joanna d'Arca, não conquistou igualmente pelo seu valor a immortalidade?!... Assim, sexo encantador, não obstante as opiniões invejosas de muitos authores, vós tendes provado, que podeis como qualquer homem, manejar a espada, e a penna. Todos os talentos vos são peculiares, esó a vossa modestia ou a nossa injusta maneira de pensar, vos separa dos negocios do dia.

*Riqueza das margens do Amazonas.* Se podemos dar credito ás relações pomposas dos viajantes, o ouro em barra, os diamantes, as pedras preciosas, as perolas, &c, no fecundo solo das Amazonas, se encontram sem grandes fadigas. Porém segundo outras opiniões, é preciso grandes trabalhos para arrancar aquelles thesouros do fundo das minas, ou do seio das ondas. Não está menos provado, que estas heroínas tem existido, e existem ainda, e que são tão intrepidas nos combates, como o eram as filhas da Sparta sob o grande Lycurgo, quando ordenou, que no gymnasio, ellas combatessem nûas, com os mancebos igualmente nûs... e com tudo o pudor jámais era offendido... pois o fogo dos sentidos, não tinha lugar junto da gloria de vencer, na luta do Pugilato, ou da carreira. A innocencia não se cobria d'algum véo, e logo que começava a mudar as fórmas virginaes, aquellas recebiam o escolhido amante.

As Amazonas como temos dito, tinham uma rainha, porém não era por nascimento, nem por herança que esta recebia a corôa; mas sim, por heroicas acções praticadas, e numerosas provas de coragem. As Amazonas são obrigadas a queimar o peito direito, afim de poderem atirar á flexa com mais facilidade.

*Ceremonias nupciaes.* Consistem estas simplesmente entre as Amazonas, em receberem uma vez cada anno, as visitas amorosas dos selvagens vizinhos, para os quaes ellas tem o cuidado de preparar nas suas cabanas, leitos juncados de flores; e sobretudo de os fazer esperar na margem opposta do rio, afim de lhes

conhecerem as suas verdadeiras intenções. Dão-se em refens, as armas, as flechas, carcazes, arcos, fundas, machados, e dardos, que tudo é depositado em feixes, e guardado por tropa d'ambos os partidos. Logo que por esta prova, ellas se convencem, que é unicamente a viagem de Cythéra, e não uma traição occulta, entregam-se livremente, a seus esposos por algumas noites. Se o fructo, que nasce destes consorcios momentaneos, e de pura politica, é menino, em razão do estado é immediatamente immolado pelas proprias mães; porque é preciso, dizem ellas, suffocar por prudencia no seu nascimento, aquellas venenosas serpentes, que podem um dia morder-lhe o coração; limitando-se porêem algumas vezes, por humanidade a quebrar-lhe unicamente uma perna, afim de ficarem inhabeis para a guerra. Quando são meninas, ellas as educam de bom grado, no manejo de todas as armas, que lhes são conhecidas; e as tornam ageis fazendo que ellas se habituem a vencer um cavallo na carreira e a affrontar a raiva d'um tigre, ou d'um leão. Finalmente, são dominados de um tal estímulo de gloria, que nem a certeza da morte infallivel, é capaz de as amedrontar.

### *A persiana astuta.*

A bella Kajokié joven favorita do imperador da Persia, abusava frequentemente do louco extremo, que este principe lhe dedicava. Por muito tempo seus caprichos, variaram por mil formas sem que porêem nenhuma patenteasse o menor vislumbre d'infidelidade ao grão de primeira valida. Mas um dia chega enfim, em que Kajokié deve alimentar um sentimento novo, o amor voluntario; recostada em um rico sofá de brocado de ouro, a gentil persiana, observava de uma das galerias do seu aposento, as grandes imminencias que em distancia se divisam, mas que ella fazia approximar por meio de um magnifico oculo, que possuia. Um joven christão se apresenta por aquelle meio à sua vista, o qual sentado debaixo de uma frondosa palmeira, copiava em desenho o golpe de vista que em frente descubria; o talhe do corpo, a belleza das feições, finalmente um grito occulto, que não é dado à lingua humana poder expressar, fez éco no coração da bella favorita; e sem que podesse decifrar o motivo que a impellia, uma força sobrenatural a demora, e a faz gostar sem interrupção, da terna vista do encantador mancebo, a quem desde aquelle momento jurou em segredo entregar o seu coração. Pela sua parte, o artista francez, por igual meio do oculo, que empregava para approximar os objectos tinha sido de tal forma ferido da belleza persiana, que as mimosas feições desta, passaram como por encanto, do interior do serralho, para a imaginação do artista depositando-se d'ali com tal velocidade no coração, que este



não podendo conter uma joia de tanto valor, já havia depositado sobre o papel uma copia tão fiel, quanto a distancia, e os meios empregados o permittiam. Já neste momento, não é a distracção quem prende na varanda Kajokié, já não é o desejo de reproduzir nas galerias de Paris as encantadoras vistas das diferentes partes do mundo, quem maneja o lapis de Marincourt. Outros pensamentos occupam a imaginação dos dois isolados, e incertos amantes: a noite que dentro em pouco veio interromper uma scena tão preciosa para os dois amantes, foi passada em sobresaltos, e em lisongeiras esperanças, e quando o novo dia despontou nos horisontes achou os nossos sympathicos amantes, nos mesmos lugares que na vespera haviam occupado, este golpe inexperado confirma um, e outro na idèa que formára. Mas como alcançar o meio de poderem explicar-se de perto é o que envenena este prazer. As guardas, as muralhas, que vigiam, e occultam o serralho, os suplicios, e a morte destinada não só áquella que se reconhecer infiel, mas a quem ousar elevar seus pensamentos ao centro do Harem; nada obsta, e um eunuco, gauho por Kajoukié, á força d'ouro e pedras preciosas, dentro em breve vem a ser o secreto mercurio d'aquella arriscada empreza amorosa. O desasocego em que a sultana existia; tinha por alguma forma alterado as suas feições, a ponto que o sultão temia que ella estivesse acommettida d'alguma enfermidade, e para distrair-a ordena uma das usuaes funcções, onde o fausto, a riqueza, e a diversidade de objectos recreativos, são capazes de fazer distrair e alegrar o mais taciturno filosofo. Que lisongeira idèa, esta ordem do sultão, não desperta na exaltada imaginação da sua favorita! Havia por costume nestas occasiões conduzirem os eunucos grandes maquinas de madeira, imitando, no supposto natural, tanto pelo tamanho, como por meio da pintura os Delfins, Sereias, Tritões, e outras divindades maritimas as quaes collocadas nos lugares, ou banhos do serralho, concorrem conjunctamente com outras decorações a formar sobre as aguas, diversas scenas mythologicas. Uma destas deidades, deve ser conduzida pelo intelligente Kasou, que assim se chamava o eunuco confidente, escondendo em seu bojo o apaixonado Mirincourt. O tempo passa, as ordens do sultão, e de Kajokié pontualmente se executam; a hora chega; o festim começa; o intrepido francez, já goza no interior dos jardins do serralho, d'um espectáculo, que pela sua novidade, lhe faz esquecer n'um momento o perigo que corria; atravez dos diversos buracos, que figuram os olhos, boca, &c., das divindades, e por aquelles mesmos canaes, Kajokié, lhe dirige as mais encantadoras vistas. A musica se faz escutar; as dançarinas misturam engraçados bailes, com as harmoniczas vozes das cantoras, mas no centro desta aprazivel distracção, a sultana,

que como nunca se havia mostrado tão carinhosa para com o seu príncipe, affecta alguma perturbação, e implora deste algum socego; a cometiva immediatamente se retira, e o fascinado imperador, desejando-lhe um meigo repouso, igualmente se ausenta.

A hora do amante se aproxima, e o amor vai colher o premio de tantos perigos e esperanças.... Nós correremos um véo sobre esta profanação, do santuario de mafoma... Mais vezes estas entrevistas se repetem, e nellas Kajokié combina com Merincourt, o meio d'evadir-se. Porém uma noite terrivel se prepara, o venal confidente a despeito dos presentes com que a sultana o minosea de continuo, denuncia a intelligencia amorosa, porém o sultão transportado de furor, paga-lhe um tal serviço, mandando-o empalar: o estrondo deste successo, bem como das ordens que se davam para capturar os dois amantes, voam d'um a outro lugar, e com a rapidez do relampago ellas retumbam nos onvidos da favorita, a quem só uma prompta fuga, podia salvar dos tormentos que a esperam: uma escada de crina, é quem lhe fornece a fuga, e mais o seu adorado Mirincourt; e dentro em pouco Kajo ié munida d'um cofre de preciosidades, respira com o seu amante, por se achar livre das garras d'aquelles esfaimados monstros. Caminham todo aquelle resto da noite, e em poucos dias, elles ganham a Russia Asiatica, e depois de atravessarem o vasto imperio, do authocrata se dirigem a Paris, onde Kajokié abraçando o christianismo, se entregou para sempre nos braços de Merincourt, pelos indossuluveis laços d'hymenéo.

## AS QUATRO ESTAÇÕES.

### ODE 4.<sup>a</sup>

#### *Ao Inverno.*

##### STROPHE 1.<sup>a</sup>

As boninas, os campos não matizam;  
 Não chove em doce prado argenteo orvalho;  
 A Aurora não penteia de ouro as tranças;  
 Pintadas avesinhas não se escutam,  
 Nos raminhos cantando harmoniosas,  
 Fogem á natureza as gallas suas!

##### ANTISTROPHE 1.<sup>a</sup>

Mudo o Colono desampara os campos.  
 A terra nua e triste, triste chora  
 Os dons que a Primavera lhes denega.  
 As arvores despidas de folhame,

## A NOVA MINERVA.

Sem fructo, ou flor, aos homens claro ostentam,  
Que tudo neste mundo é sombra, é nada.

## EPODO 1.º

A verde felpa, que tapiza os prados,  
Virente o musgo, que forrava os troncos;  
Tremulas borboletas, que o rocio  
Nas flores bebem per'las,  
Em suave manhã pura,  
Onde estão, onde existem? acabaram  
De Natura as riquezas, tudo é lucto!

## STROPHE 2.ª

O Inverno desabrido, sem horrores  
Pela terra diffunde trovejando:  
Além a faia em terra lança o raio  
Das nuvens desferido, e os duros robles  
Fendem, racham, desfazem, em cinzas tornam;  
Com ruído atroando horrído os montes.

## ANTISTROPHE 2.ª

No ether medonho mil sentelhas cruzam;  
Das nuvens os curiscos despedidos,  
Espantosos estallos, écos dando,  
Ser destruído o mundo, e confundida  
No cahos a materia e a natureza  
Arruinar-se para sempre mostram.

## EPODO 2.º

Os sibilantes ventos pelos montes,  
Pelas raizes arrancando os troncos;  
Ao mar precipitando furiosos,  
De que immensos estragos,  
São causa, e mortes tantas!  
Na praia as ondas com furor se quebram.  
As rochas alcantis respondem roucas.

## STROPHE 3.ª

Nos dias frigididos do Inverno escuro,  
No curral muge o gado em lentas palhas.  
Do susto amedrontado pavoroso  
Que do trovão lhe causa o som terrível.  
A moça deligente o pingue lombo,  
E Baccho generoso aos paes offerta.

## ANTISTROPHE 3.ª

Que lindos são do inverno então os quadros  
Se chuvosa manhã sair impede!

C'os livros se entretem o sabio occulto  
 No quarto, entre os lençoes da pobre cama,  
 Do dia, e noite as ledas horas passa,  
 Em quanto o susto sobressalta os grandes

## EPODO 3.º

Às vezes os relampagos fulgentes  
 Observa, e meditando a natureza,  
 Ao Ente Creador, de espanto cheio  
 Quantas vezes eleva  
 Sua alma em pasmo absorta!  
 De Natura os phenomenos de assombro  
 Em seu peito o prazer, deleite infundem.

## STROPHE 4.ª

E quando em noite clara, as pontas Delia  
 Argenteas, pelo espaço alonga vasto;  
 Das estrellas observa o curso, e d'astros  
 Sem que nada lhe escape de Natura,  
 A olhos lynces, seguindo o vasto giro  
 Seu, aonde ellas pára o sabio.

## ANTISTROPHE 4.ª

Detestavel prodigio! oh! natureza!  
 São pois os sabios, que te acclamam, buscam,  
 Da mais vil plebe entregues ás mãos duras?  
 Mil carcereas soffrer, prisões medonhas,  
 Sem que um ai soltar possam, doce allivio,  
 Que o Creador de Adão, concede aos homens!

## EPODO 4.º

Foge d'ante meus olhos scena triste.  
 Devassidão perversa é dos costumes,  
 Que apregôa taes bens, os obra, e segue.  
 Não, minha musa em pranto  
 Tactear me não deixa

A lyra, que em alegres sons se emprega,  
 Cantando das estações o quadro vivo.

## STROPHE 5.ª

Antes contos ouvir das encantadas  
 Antigas fadas, feiticeiras, bruxas,  
 Cavalleiros andantes, Carlos Magno,  
 Herões mais affamados, que os de agora;  
 Da fornalha esperando o pingue lombo  
 Me venha consolar c'o rubro Baccho.

ANTISTROPHE 5.<sup>a</sup>

Da cidade habitantes os theatros,  
Bailes, assembléas, jogos, danças,  
E outros divertimentos instituem,  
Com que a noite ligeira, e breve façam ;  
Licores exquisitos, ponches honrem,  
Com que anciadas, tristes horas passam.

EPODO 5.<sup>o</sup>

Descançado no lucto, a Deos louvando  
Ao repouso me entrego, que Natura  
A hem creou dos homens ; quando aurora  
Ao despontar me accorda,  
O ser louvo supremo,  
E nos livros eu pego ao prazer dando  
De estudar, e saber, todo me entrego.

## DIVISÃO POLITICA.

***Topographia d'America, tendo a vista os mappas geraes.***

Para mais facilidade na divisão politica do novo-Mundo, dividi-remos o Continente-Norte-Americano em 3 regiões, com as denominações de *Septentrional*, *Central* e *Meridional* : e teremos—NA SEPTENTRIONAL, as *terras-Arcticas*, nas quaes se comprehendem a *Groenlandia* e o *paiz dos Eshimaux* ; as *terras-Arcticas* occupando obra de 70,000 leg. quad. se distinguem em Orientaes, e Occidentaes : as *terras-Arcticas Orientaes* ou *Danezas*, comprehendem a *Is-landia* e *Groenlandia* : as *terras-Arcticas occidentaes* ou *Inglezas*, constam das Ilhas que se acham entre o mar de *Baffin* e a bahia d'*Hudson* : ao S. da *Goen-landia* fica a *America-Ingleza* ou a *Nova-Bretanha*, que se compõe (no angulo N E. d'America) do *Maine*, *Labrador*, *terra-nova*, *Nova-Escossia* e *Nova-Brunswick* (na Costa Occidental) a *Nova-Caledonia* ou *Novo-Norfolk*, em 60° N. e a *Nova-Cornovailles*, por 54-57° N ; sendo destas provincias a mais importante o Alto-e-baixo-Canadá (*Kanata* nome indigena, que significa, reunião de Cabanas), em 42-52° N. e 60-92° O. (meridiano de Paris) ; a O. d'America Ingleza se encontra a costa chamada *Nor-oeste* ou de *Vancouver*, e no fim della no angulo N O. d'America, se acha a *America-Russa* ou *Siberia Americana*—NA REGIÃO CENTRAL, se nota a *Confederação Anglo-Americana* ou *Estados do Norte-America*, comprehendendo na costa de *Vancouver*, o *Novo-Hanovre*, entre 50 e 54° N., (paiz letigioso entre

os Norte-Americanos e os Ingleses), a *Nova-Georgia*, que se estende de 45 a 50° N. e a *Nova-Albion*: ao S. desta se encontra—A REGIÃO MERIDIONAL, a qual contém a *republica Mexicana* ou *Estados-Unidos do Mexico*; e immediato a elle no centro-America, se vê a *Confederação d'America-Central* ou provincias Unidas-del-Centro-America.

Dividindo o Continente Sul-Americano (*estados-sul-americanos*), em 4 regiões, a saber, *Boreal*, *Oriental*, *Occidental* e *Austral*: teremos—na BOREAL, a republica da *Nova-Granada* ou Granadina, extendendo-se até o Isthmo de Panamá: a E. a *republica de Venezuela* ou Venezolana, e mais a E. a *Guyana*, dividida em *Guyana Inglesa*, *Hollandeza* e *Franceza*: ao S. da republica Granadina se acha a do *Equador* ou republica equatoriana — na REGIÃO ORIENTAL, temos ao S. dos estados precedentes, o tão immenso, tão magnifico e tão fertil *Brazil* chamado pelos socialistas a *terra da promissão*. Vasto paiz do hemispherio do Sul que a natureza collocou na mais vantajosa posição geografica que se conhece, e coase insular e abraçou com o Oceano-Atlantico e os 2 maiores rios do Universo que lhe servem de limites; immediato ao Brazil se encontram a *republica do Paraguay* ou Paraguayana (*Paragoá-yg*, vocabulo Indigena que significa rio dos Papagaios), e a republica ou *Estado Oriental do Uruguay*—na REGIÃO OCCIDENTAL se acha ao O. do Brazil, e ao S. da republica Equatoriana, a do Perú, ou *republica Peruana*: ao S. desta se acham as *republicas de Bolivia* ou Boliviana e a do *Chile* ou Chilena — na REGIÃO AUSTRAL, se encontram ao S. de Bolivia, e a E. do Chili, a *republica Argentina* ou provincias-unidas-de-la-Plata, e immediato a estas se vê a *Patagonia* ou o Paiz dos Patagões que se estende até o estreito de Magalhães—finalmente entre o mar das Antilhas e o Oceano Atlantico Equinoxial se acha a REGIÃO INSULAR que comprehende as Ilhas de *Sota-vento* e *Lucayas*; as *grandes e pequenas-Antilhas*, *Oest-Indias*, *IndiasOccidentaes* ou *pequenas-Indias*, habitadas por 3:350000 h. entre si diferentes, onde se vê nas grandes-Antilhas, a *republica de Haiti* ou *Haiuienense*, na ilha de S. Domingos; o que melhor se comprehenderá tendo á vista a seguinte

Norte-America.	Groen-lande.....	Cap. Iulianshaab..	em	61° N. 48° O
	Prosessões Inglesas.....	» Québec.....	»	47 74
	» Russas.....	» Nova Arkhangel..	»	57 138
	Conf. Anglo-Americana...	» Washington..	»	39 79
	» Mexicana.....	» Mexico.....	»	19 101
	» de Centro-America..	» Guatimala.....	»	15 93
	Republica d'Haiti.....	» Port-au Prince..	»	19 74

	Republica de Colombia.... »	Bogota &c.....	Cap. 5	77
	As Goyanas..... »	Cayanna &c.... »	5	55
	Brasil..... »	Rio de janeiro.. »	23 S.	45
Sul-America.	Republica do Paraguay... »	Assumpção..... »	25	60
	» do Uruguay... »	Monte-Video... »	35	58
	» do Perú..... »	Lima..... »	12	79
	» de Bolivia..... »	La-Plata..... »	20	68
	» do Chili..... »	Sant'Iago..... »	33	72
	Confederação-Argentina... »	Buenos-Ayres... »	35	61
	Paiz dos Patagões..... »	S. Julião..... »	49	70

POPULAÇÃO COMPARATIVA — sendo a superficie d'America 4, 2 vezes maior que a d'Europa, e a sua população absoluta somente de... 55:000000 h.

————— Ou de 0,22 desta; isto é a população d'America, 252:000000 h.

é a d'Europa; como 1 é a 4,6: conseguintemente vem a ser

por isso a população relativa d'America. =  $\frac{4,20}{0,22} = 4,2 \times 4,6$

Ou 19 vezes menor do que a d'Europa; sendo a dest'outra de 800 por leg. quad. (legoa quadrada).

F. Nunes de Souza.

(Continua.)

### O Homicidio.

Quanto Veneza é bella no silencio d'uma noite de verão, logo que o prateado clarão da lua, começando a dissipar o escuro véo da sua atmosfera, resplandece nas pequenas vagas de seus immensos canaes, como sobre a lapidada face d'uma preciosa esmeralda!...

Logo que a bulha do mesquinho trafico se interrompe pelo necessario socego!... Logo emfim, que a natureza, e a arte são as unicas que podemos contemplar.

Veneza, com as maravilhas que em si encerra, offerece um golpe de vista muito mais encantador, quando a lua, e as estrellas allumiam o seu sólo, do que quando o sol abrilhanta seus horisontes; pela desigualdade de seus monumentos, recortes de suas janellas, e varandas d'um estylo gothico, e pittoresco, suas arcadas de columnatas, arrendado dos frisos de suas cornijas, e os zimbórios de suas cathedraes. Mas algum objecto agita as aguas do canal.... O ecco debaixo do arco d'uma ponte reproduz aquelle murmurio. É uma pequena embarcação.... Sim uma gondula misteriosa, que costêa os muros do palacio do Rialto. como uma andorinha.... É a bulha dos remos, que em cada

vez que sahem d'agua, apresentam um repuxo fosforico, como se se agitassem n'um mar de fogo.

Coragem meus gondoleiros.... Suspendei os remos ... a noite está clara.... ninguem se descobre.... meia noite não tarda... hora que para aquelle que conduzis, pode ser propicia, ou para sempre fatal.... Desembarquemos no Rialto. .. Obrigado meus gondoleiros.... sêde felizes... É um joven mancebo desembarcando da sua gondola, em frente dos velhos porticos do Rialto, antigos aposentos da magistratura, e do alto commercio de Veneza.

Um rumor de passos se escuta, na extremidade das galarias. Frederico temendo alguma surpresa, empunha a espada, e a favor da sombra do alpendre da loja d'um mercador, occulto attende, se tem a tratar com amigos ou inimigos.

Elle reconhece a voz do tenente Timotheo, que cautelosamente articula o seu nome.... quatro soldados da guarda esclavonia sem uniforme o acompanham; uma mascara lhe occulta o rosto, e elle occulta-o debaixo de seu capote.... Encontrando seu joven amigo, apertando-lhe a mão, em meia voz lhe diz....

Chegastes a proposito, a opera acaba de finalizar, e as gondolas comecem a circular nos canaes visinhos.... Eu vi sahir o nosso homem, com a bella dama. A sua gondola deve necessariamente passar nesta posição. Elles não tem para defendel-os mais que dois gondoleiros, e nós somos seis destimidos, determinados, e bem armados. Eu vos supplico, interrompeu Frederico, nos livremos d'algum infortunio; e que o zelo vos não allucine: respeitai sobretudo a vida do magistrado Rafael.... Eu daria o meu sangue para poupar o seu. Não é necessario matar vilmente o marido, para nos apoderarmos da mulher.... Não é para commetter um homicidio, mas para evital-o que nos reunimos....

— Julgo escutar alguma bulha de remos no canal.... diz muito baixo Frederico: attenção....

— Com mil bombas!.... replica Timotheo debruçando-se sobre o parapeito: Não reconheceis d'alguma fôrma, nessa gondola a flamula da policia?... Sim, muito bem distingo o seu pavilhão. Retiremo-nos um pouco para baixo das antigas arcadas do Rialto, deixemos o campo livre á policia: ella vai passar sem desconfiar de coisa alguma, e nós em seguimento daremos o nosso golpe. Silencio.... Mas para que dar a demonstrar receio;... passiemos com a liberdade de cortezãos, e faremos acreditar, que deixando á pouco alguma companhia viemos gostar a frescura do grande canal.

A gondola caminha vagarosamente, conduzida por um só remeiro; a porta, e as vidraças fechadas... ella avança ao abrigo das sombras, e no maior silencio, aquella gondola negra como uma tumba... fecha-



da.... mas pôde ir vasia ... conduzida por um só homem, mas defendida pelo seu pavilhão.... que terríveis lembranças.... os esclavonios tremem.... mas as persuasões energicas de Frederico, e Timotheo, bem depressa os reanimam....

— Já a gondola passou defronte do Rialto.... os pretendidos cavalleiros descem immediatamente do caes, aonde uma gondola amarrada a uma estaca os esperava... Vêde o nosso corsario;.... diz Timotheo a Frederico mostrando-lhe a gondola. Em lugar de leme, de mesena, de traquete, e de grupês, vêde quatro remos, que manejados pelos forçosos braços de nossos companheiros, nos porão d'um golpe, borda a borda, com a embarcação inimiga.... camaradas dai impulso.... veloz ... o inimigo se aproxima.

— Não ha duvida!.... alguma embarcação fende as aguas do canal!....

E uma gondola impellida por dois ageis remadores!.... Ella caminha rapidamente!.... os remos dos gondoleiros são manejados com uniformidade!.... Suas superficies chatas, e humidas se eclipsam, e brilham successivamente á proporção que se mergulham, oa surtem d'agua como duas azas de fogo, para de novo mergulharem. Timotheo, e os seus, enristando os remos contra a corrente, em breve se achavam atravessando a linha, que trazia a gondola.... sim a gondola do magistrado.

— Adiante?!.... grita o primeiro gondoleiro. Timotheo nada responde....

— Maldito?!.... replica o segundo, vais a dormir sobre o remo?!... A mesma resposta da parte de Timotheo.... A grande custo dos remeiros, a gondola do magistrado pára a sua carreira....

— Amigo, não te encolerises, diz o tenente affectando a maior serenidade d'espírito. Eu, e os meus companheiros nos achamos alojados n'uma locanda da ribeira esclavonia, e precisamos saber que horas são?....

—E julgas tu, que eu tenho o sol n'algibeira!.... replica arrogante o remeiro do magistrado.

— Não!.... lhe torna Timotheo.... mas deveis ter um relógio: ou quando não, o deve ter o teu senhor.... Pergunta-lhe as horas!.... e não useis escarnecer o que vos rogamos.

— Retirai-vos.... retirai-vos.... ou nós te abriremos a cabeça a golpe de remos....

— Que! tendes a vileza de ameaçar-me, canalha infame?!.... Eu bem depressa vos farei mudar de tom.... Um momento depois a gondola do magistrado está abordada: os remeiros subjugados, e Timotheo, e Frederico, tentando, mas debalde, abrir á força as janellas, e porta da gondola inimiga.

(*Continúa.*)

**Educação moral.**

## PENSAMENTOS MORAES E PHILOSOPHICOS SOBRE O TRABALHO.

A necessidade do trabalho faz nascer a de ordem e de economia.

A ordem e economia conduzem naturalmente à possessão, e esta traz a propriedade, que é a fonte de toda ordem social bem estabelecida.

O trabalho e a propriedade são pois indispensaveis ao homem e à Sociedade; e elles são o manancial de todos os progressos que ella tem feito.

O homem de bem e laborioso é por isso mesmo digno de ser honrado em todas as posições em que se achar. Sobre elle pesam, as mais das vezes, os duros labores indispensaveis à Sociedade, e elle pouco goza das doçuras desta; comtudo elle é isento d'alguns de seus vicios e enfermidades; uma boa constituição, junta á necessidade do trabalho, lhe deixa pouco d'aquelles instantes de enojo tão funestos e communs aos homens do mundo.

Uma cousa que afflige dolorosamente o homem amigo da humanidade, é a miseria e a penuria a que muitas vezes se acham reduzidos homens laboriosos e honrados, e que só tem contra si molestias imprevisitas ou uma familia em demasia numerosa. Sente-se o diadema, só tres amaram o povo, e, cousa notavel, todos tres foram educados por suas mães.

Se o aio puder sem exforço conformar-se com o alumno; se formar um homem honrado e bom cidadão, tem cumprido o que deve. E que ha nesta missão do que uma mulher não seja capaz? Quem melhor do que uma mãe nos póde ensinar a preferir a honra e a fortuna, amar nossos semelhantes, soccorrer os desgraçados, e elevar nossa alma á origem do bello e do infinito? Um mestre vulgar dá-nos conselhos, e lições de moral, o que este offerece á memoria, a mãe nol-o grava no fundo do coração; esta nos faz amar o que o mestre quando muito nos póde fazer crêr, e por o amor nos leva á virtude. A influencia materna existe em tudo, é ella quem determina nossos sentimentos, gostos e opiniões, della depende nosso destino,—« o porvir de um menino, dizia Napoleão, é obra de sua mãe »—e este grande homem repetia com gosto, quanto devia á sua por ter recebido uma educação tão subida. A historia justifica este dito; e sem citar os exemplos memoraveis de Carlos IX, e Henrique IV, do alumno de Catharina, e de Joanna d'Albret, não era Luiz XIII como sua mãe irresoluto, ingrato, desgraçado, sempre a querer rebellar e sempre dominado? Não conheceis em Luiz XIV as paixões de uma hespanhola, esses galanteios sensuaes e romanticos,

esses escrupulos de devoto, esse orgulho despotico que quer ver tudo prostrado diante do throno como do altar? Dizem, e é de crêr, que a mulher que deu á luz os dois Corneilles, era dotada de alma grande, espirito elevado, costumes austeros, que se parecia com a mãe dos Gracchos, e que ambas eram da mesma estofa. Ao contrario a mãe do joven Voltaire, gracejadora, espirituosa, polida e namorada, imprimio todas estas feições no genio do filho, e animou essas cem almas com um fogo violento que devia ao mesmo tempo allumiar e consumir, produzir tantas obras primas, e deshonorar-se com tantas facecias!

Mas são os dois mais famosos poetas deste seculo, os que talvez offerecem o exemplo mais notavel desta doce e fatal influencia: a um o destino severo deu uma mãe escarniçadora, imprudente, caprichosa e orgulhosa, cujo espirito apoucado só se espraia em vaidade e odio; uma mãe que moteja da infirmitade natural do filho, que o irrita, contrarêa, mortifica, acarecia, e trata depois com desprezo e amaldiçoã. As paixões roedoras desta mulher se gravam profundamente no coração do joven: o odio, o orgulho, a coléra e o desprezo, fermenta nelle, e, como a lava ardente de um vulcão, trsborda no mundo em torrentes de infernal harmonia.

A outro poeta o destino benevolo dá uma mãe terna sem fraqueza, devota sem austeridade; uma dessas mulheres raras que nascem para servir de modelo: esta mulher moça, bella, illustrada derrama no filho todas as luzes d'amor; as virtudes que lhe inspira, as orações que lhe ensina, não fallam só á intelligencia, mas cahindo no coração lhe fazem produzir sons sublimes, e uma harmonia que sobe á Deos. Assim o engraçado menino rodeado desde o berço de exemplos da mais affectuosa devoção, marcha pelo caminho do Senhor, abrigado com as azas da mãe, seu genio é como o incenso que derrama os perfumes pela terra, mas que arde só para o céo.

Vinde agora com a moral da escola, ou philosophia d'um pedante modificar estas influencias maternas; tentai de reformar Byron, ou La Martine; é já tarde, o vaso embebeu o licor, o panno adquirio dobras, as paixões de nossa mãe transformaram-se na nossa mesma natureza. Eis aqui uma força que obra todos os dias á nossa vista, um amor invariavel, uma vontade creadora, a unica talvez na terra que procura a nossa felicidade, sem direcção desde o principio do mundo até agora por falta de luz e educação.

Em summa que é o menino a respeito do mestre? Um ignorante que carece de instrucção. Que é o menino a respeito da mãe? uma alma que precisa de forma. Os bons mestres formam bons discipulos, mas só as mães formam os homens. Eis a differença de sua missão: donde procede que o cuidado da educação dos meninos pertence por inteiro ás mães,

o que se os homens o tem usurpado é por que confundem instrução com educação, cousas essencialmente differentes, e que cumpre bem differenciar, pois que a instrução póde-se interromper e passar sem perigo de uma para outra mão, mas a educação deve ser d'uma só peça, e quem a interromper lhe falhará, e quem a desamparar depois de a ter principiado, verá perecer o menino nos desvios do erro, ou, o que é mais para deplorar, na indifferença da verdade. Não procuremos pois fóra de nossa familia o aio para nossos filhos; o que a natureza nos apresenta não precisa de iuquirições, e o encontramos em toda a parte; na cabana do pobre, e no palacio do rico, dotado sempre das mesmas perfeições, e prompto para os mesmos sacrificios. Mães, esposas, não se assuste vossa fraqueza com este titulo severo de mestre; é a felicidade que pretendo levar-vos, são vossos direitos, forças, soberania que venho revelar-vos; é, convidando-vos a passear pelas veredas venturosas de virtude e d'amor, que me prostro a vossos pés, e que vos peço a paz do mundo, a harmonia das familias, a gloria de vossos filhos e a felicidade da humanidade.

### ***O gabinete de Cicero***

SEGUNDO O ABBADE VENUTTI.

Cicero tinha pouco mais ou menos quarenta e tres annos, quando se propoz a formar uma bibliotheca, e uma collecção de antiguidades. Tinha preenchido com gloria os mais bellos empregos da republica; estava prestes a obter o consulado, mas prevendo as desgraças que ameaçavam a liberdade de sua patria, e attendendo a que ha um tempo na vida do homem, em que os unicos bens que lhe convêm são o retiro e o repouso, occupou-se desde logo com meios de adocicar os momentos de sua velhice.

« Cuidai muito, escrevia elle a seu melhor amigo, Tito Pomponio Athico, que então residia em Athenas, cuidai muito em não prometter ou vender vossa bibliotheca a quem quer que seja; cerrai os ouvidos a todas as proposições que vos fizerem a tal respeito, ainda que vantajosas vos pareçam; é este o refugio que quero procurar para minha velhice, e para o que tomo desde já as medidas e disposições necessarias.

A intenção de Cicero era collocar a bibliotheca em sua casa de campo junto de Tusculum, casa, em que, para servir-nos de suas expressões, não só gostava de morar, mas tambem cuja só idéa o affectava de uma maneira infinitamente agradável.

O campo, repetia elle amiudadas vezes, é o unico asylo que convêm

aos philosophos, a pureza do ar que se respira, o repouso, a liberdade, o silencio, tudo chama á reflexão e convida ao estudo.

A paixão de Cicero pelos livros augmentava-se quotidianamente : » ella iguala, escrevia elle, a este desgosto que sinto para com o resto das cousas humanas » Não me causa meno. desejos e cuidados em procurar bellos pedaços da antiguidade do que bons livros.

Eis aqui ainda um extracto de sua correspondencia com Attico : « Vós tendes idéa de meu gabinete, fazei deligencia para obter-me pedaços dignos de nelle occuparem um lugar e proprios para embellecel-o ; em nome de nossa amizade nada deixeis escapar do que achardes raro e curioso. .... Tenho por costume comprar todas as estatuas que pôdem ornar o lugar de meus estudos. »

Tendo Attico o informado que dentro em pouco lhe enviaria uma soberba estatua que reunia as cabeças de Mercurio e de Minerva, Cicero apressadamente respondeu-lhe : « Vossa descoberta é admiravel ; a estatua de que me fallais é feita expressamente para meu gabinete ; bem sabeis que se costuma collocar os Mercurios em todos os lugares de exercicio, e a Minerva convêm tanto mais a este quanto é elle unicamente destinado ao estudo. Continuai a juntar como me promettestes, e em maior quantidade que fôr possivel pedaços desta natureza. »

Dest'arte não deixava de escrever a todos os seus amigos que julgava haviam de satisfazer sua curiosidade de antiquario e bibliomane, e aguardava sua resposta com a mesma impaciencia que actualmente caracteriza os nossos amadores.

O pobre Attico especialmente era sobrecarregado de cartas.

« Não me fazeis esperar muito tempo pelas acquisições que vos tenho encommendado para a minha academia ; só as idéas desses Termes de cabeça de bronze sobre que me fallastes em vossa ultima carta, enleva-me de satisfação e prazer ; ainda um pouco, fazei com que me cheguem conjunctamente com outras estatuas, e com tudo aquillo que achardes adequado para o adorno de meu gabinete. Confio na amizade que me tendes, e no vosso bom gosto. ... Não podeis imaginar a que ponto sou apaixonado por taes cousas ; sou de tal fórma que pôde parecer ridiculo aos olhos das pessoas sensatas ; porém vós que sois meu amigo, não deveis cuidar senão em satisfazer-me. .... Comprai-me sem hesitar tudo o que fôr raro ; meu amigo não poupai minha bolsa. ...

O mais entusiasta dos amadores terá outra linguagem ? — A este respeito nos lembramos que um prelado da casa de Strozzi querendo comprar em Roma uma pedra gravada, antiga e de uma extraordinaria belleza, e não podendo logo pagar o seu importe, deixou em penhor sua carruagem e cavallo, e confessou que custar-lhe-ia menos andar a pé toda a sua vida, do que vêr-se privado de tal pedra.

### **O verdadeiro aio dos meninos.**

O verdadeiro aio é aquelle que pedem nossas inclinações; o alumno deve entender o mestre; todas suas relações devem ser de conformidade, ternura e proporção: é com taes requisitos a respeito do filho que a natureza molda a mãe. Vêde como os assemelha, em belleza, mocidade, viveza e sobretudo sensibilidade. A curiosidade correspondente á paciencia, á meiguice, á vivacidade; a ignorancia de um nunca é encontrada pelo pedantismo da outra, parece que a razão de ambos cresce a par, tanto o amor modera a superioridade da mãe; emfim esse ar frívolo, essa inclinação ao prazer, esse gosto do maravilhoso, que com tão pouca reflexão se estranha nas mulheres, é uma harmonia de mais entre a mãe e o filho: tudo entre ambos é motivo de sympathia, tanto as semelhanças como as opposições, e na partilha que a natureza fez da meiguice, paciencia, vigilancia, indica-nos viva e amorosamente de quem pretendeu confiar nossa franqueza.

Em geral dá-se pouca attenção a que os meninos só entendem o que vêem, e só comprehendem o que sentem; o sentir n'elles sempre precede á intelligencia: e por isso quem lhes ensinar a vêr, e quem lhes excitar a ternura, terá n'elles todas as influencias felizes. A virtude não se ensina só, tambem se inspira e este é com especialidade o dom das mulheres; o que ellas desejam, nol-o fazem amar, meio encantador de nol-o fazerem querer!

Mas que pôde aprender de uma mulher, um principe, ou um rei? O que S. Luiz aprendeu de Branca; Luiz XII de Maria de Cleves; Henrique IV de Joanna d'Albret. De 69 dos nossos Monarchas que cingiram então a mesma afflicção que se experimenta, quando se vê na necessidade um veterano, que consagrou á defesa de sua patria uma parte de sua vida.

Não seria pois possível suavisar posições tão rigorosas? A sociedade moderna acaba de offerter as Caixas de Economias. Nellas durante os dias de prosperidade se pôde depositar o fructo de suas economias e proporcionar para o futuro uma sorte feliz. É verdade que se tem pouca fé nestas sociedades particulares: e que o apoio do governo poderia ser um novo laço entre elle e seus administradores.

Não se pôde em demasia persuadir que o trabalho tem a vantagem de ser um dos melhores meios de moralisar as classes inferiores, estas devem ser as vistas do Legislader.

Fazer bons cidadãos, homens honrados e religiosos, é o fim de todo o bom governo. Um certo numero de homens virtuosos serve de modelo a seus contemporaneos; elles são uteis á Sociedade não sómente

durante sua vida, mas ainda depois della, pelo exemplo que elles deram, pois que se pode dizer: a morte do homem junto assemelha-se ao fim de um bello dia, que do passado nos deixa em doce impressão, e nos anima para o futuro.

Um dos maiores cuidados d'um governo deve ser socorrer o homem laborioso que cahe em miseria, mas qualquer que seja sua boa vontade, seus recursos são sempre limitados. Nisto pois deve ser ajudado pelo concurso dos cidadãos. Parece-nos que o meio mais vantajoso para alcançar este fim, seria estabelecer em cada bairro ou districto uma Junta de caridade e de beneficencia que concederia, segundo as circumstancias, ás pessoas inferiores e aos operarios que se achassem em miseria por molestia ou causas independentes delles, soccorros resultantes ou de subscrições voluntarias ou d'um leve imposto realisado, por exemplo, por um tanto sobre o valor dos alugueis, fundos que ficariam á disposição das juntas de beneficencia. Por tanto, são as caixas de Economias, e soccorros geraes repartidos com justiça, que mais vantagem podem offerecer ao povo e suavisar seus males.

---

### **O Homicidio.**

(Continuação.)

— Magistrado Raphael?... exclama Frederico, que será da tua vida se tardas em te apresentar. Eu venho subtrahir uma dama infeliz á sorte que tu lhe preparas. Restitue-lhe a liberdade, ou eu lh'a alcançarei sellando com teu sangue o seu resgate. Entrega-m'a, eu t'o supplico?... Não me obrigues que levante o braço para espargir o teu sangue....

É muito esperar!... replica Timotheo, com um tom ameaçador, Sr. magistrado, abra, é preciso obedecer a força.... A porta da gondola emfim se abre com violencia, dois homens se apresentam.... Frederico observa com desesperação, que Elmira não estava com elles .... Seu plano está transtornado.... E de tropel mil idéas diversas se offerecem á sua imaginação.

— Em nome do conselho, diz uma d'aquellas personagens, que era o ajudante da policia, eu vos prendo como perturbadores do socego publico.

— Rendei-vos, grita o magistrado, toda a resistencia é inutil. Vêde as barcas que correm em nosso soccorro; Ellas conduzem os officiaes do

conselho. Entregai-vos, e reflecti que uma só gota de nosso sangue que corra, não será satisfeita, senão correndo todo o vosso.

Os quatro esclavonios dão indícios de terror, e tentam fazer-se ao largo. Timotheo porém, prevenido, liga fortemente as duas gondolas, e apontando a espada ao peito do ajudante da policia, com um tom firme lhe diz. . .

Vejo bem que duas gondolas armadas, correm em teu auxilio; mas não julgo que sejam força bastante para nos vencer. . . No entanto ou mande que se retirem, ou deixa d'existir.

— Tentarieis talvez, responde timorato o official da policia, fazer resistencia á justiça de S. Marcos? . . .

— Eu estou decidido a tudo, replica Timotheo. . . No entanto as barcas se aproximam; e logo que as divisa a tiro de pistola, Timotheo repete a sua ameaça. . . A voz do ajudante da policia se faz escutar, forçada pelo susto, e as barcas se retiram.

— A vós outros, meus camaradas, diz Timotheo aos quatro esclavonios. Mãos aos remos, e attendei-me.

— Cobarde, diz o magistrado ao ajudante, tens a fraqueza de atraiçoar assim o teu dever?! . . . O ajudante balbuciou incertas palavras, nas quaes patenteia o receio com que está da espada de Timotheo, e a oppressão em que Frederico lhe tem o braço direito. O magistrado dirigindo-se então a Frederico, lhe diz. . .

— Sr! . . . sem embargo dessa mascara, que te occulta, eu assás te reconheço? . . . Tu és esse joven francez, que por toda a parte me persegue, como meu genio do mal, cujos funestos effectos até hoje tenho podido evitar. Tu tens pretendido aviltar meus cabellos brancos, e nada mais te falta do que assassinar-me; mas olha, que o sangue deste velho te deixará uma nodoa, que facilmente não poderás lavar. Todos os crimes te são peculiares, joven indiscreto, e já que não mudas um passo da vereda da perdição, empunha a espada, e, ou põe um termo á minha existencia, ou eu extinguindo a tua, recuperarei a perdida tranquillidade. Neste estado enfurecido, o ancião brandia a espada, e provocava de continuo com injurias, e ameaças o seu rival.

— O combate não é igual, replica Frederico, além de que o tempo e lugar não são pontos convenientes.

— Tu recusas?! . . . exclama o magistrado, com um sorriso ironico. Tu recusas joven mancebo, de medir a tua espada, com a d'um velho a quem tens massacrado de existencia? . . . Tu juntas a fraqueza, ao crime? . . . Tu receias a punição dos malvados?! . . . Tu. . . nisto a espada do magistrado toca levemente no rosto de Frederico Ermer.



— Elle me insulta; exclama o joven fóra de si, e no mesmo instante as duas espadas se cruzam, e a lide começa sobre um terreno desigual, e movediço formado pela prancha da gondola, em quanto que os remeiros faziam força de remos para escapar ás barcas da policia, que attrahidas pelo motim das espadas, de novo buscavam observar, e capturar os delinquentes.

Depois d'alguns talhos dados, e aparados, o magistrado cahê de bruço aos pés do seu contrario, soltando um ai, que foi o ultimo. Frederico immovel observa grande espaço de tempo, a sua victima; horrorisado elle contempla o funesto resultado da sua cegueira: No entanto os esclavonios, ao abrigo das sombras tendo illudido a vigilancia da policia, encailharam a gondola defronte da Santa Cruz, aonde desembarcaram, assim como o cadaver, e o ajudante da policia: e tendo obrigado os remeiros da gondola a que de novo se fizessem ao largo, amarraram o ajudante da policia, e collocaram junto do corpo morto: e atravessando incertos caminhos souberam subtrahir-se ás pesquisas as mais minuciosas, que se fizeram para descobrir os perpetradores de tão enorme delicto.

---

### **Variedade.**

As idéas reformadoras que nos vem de França, diz uma carta de Berlin de 27 de fevereiro, inserta em um periodico inglez, tem conseguido por fim transtornar a cabeça de algumas mulheres não comprehendidas as que debaixo do titulo de *damas livres*, acabam de formar nessa capital uma sociedade que tem por objecto a emancipação do bello sexo. Uma de suas reformas, excellente na verdade, tem sido a de abandonar o corcé, como signo de escravidão, pois com effeito, o bello sexo acha-se realmente aprisionado nelle.

Nos bailes as senhoras deste club serão as primeiras que invitarão os homens a bailar, e se reservarão tambem o direito de escolher seus esposos futuros. Finalmente sendo o chá considerado como uma bebida que enerva e enfraquece, proscreeve-se, adoptando-se em seu lugar a cerveja de Baluera, cuja virtude principal consiste em fortalecer o animo.

Parece que as damas livres, para lutar melhor contra o sexo opressor, pensam primeiro em adquirir forças.

*Batalha de Guadalete.*

(JULHO DE 710)

O ultimo rei Godo Roderick tinha dado ao conde Julião, um dos primeiros fidalgos da sua côrte, os mais graves motivos de desgosto. Aquelle depois de ter inutilmente procurado obter do monarcha a reparação d'aquellas injurias, a qual elle tinha direito de pedir; exasperado pela repulsa, e animado d'um violento desejo de vingança, passou secretamente á Africa.

Os Mouros ambicionavam a posseção de Hespanha, e muitas vezes já tinham tentado a conquista d'aquelle bello paiz.

Julião apresenta-se ao seu chefe, e Musaben Nosair, e lhe offerece os meios certos d'introduzir um exercito Mouro em Hespanha, iludindo a vigilancia dos Godos, que guardavam as costas meridionaes com cuidado, porque temiam o valor de seus audaciosos visinhos. Musaben Nosair, era um principe tão bravo, como ambicioso.

Accepta sem hesitar a proposição do conde Julião. Pouco tempo depois, uma frota preparada com rapidez, partio dos portos d'Africa; n'uma noite escura, e ennevoada, aborda o solo hespanhol, e desembarca vinte mil combatentes, que sem dar um golpe, se apoderam por surpresa d'alguns pontos importantes.

Informado da conducta do conde Julião e das primeiras vantagens dos seus inimigos, o rei Roderick, reúne um exercito de 90,000 homens, e cheio de confiança na sua bravura pessoal, e no numero, e coragem de seus soldados, elle marcha contra os Mouros, persuadido, ou que elles não esperariam a sua aproximação, ou que lhe seria facil desbaratar, e arrojar ao seio do mar aquelle punhado de audaciosos.

Não foi porém assim. Taric, o general dos Mouros, reunindo o seu pequeno exercito, esperou a pé firme o combate que lhe era offerecido.

Os inimigos se acharam bem depressa frente a frente, em uma vasta planicie, que se estende desde a margem esquerda do Guadaléte, até ás primeiras alturas da Serra de Ronda. Foi n'aquelle lugar, n'um sanguinolento, e memoravel combate, que se disputou uma das mais bellas corôas do Universo.

O exercito de Roderick, era o mais famoso, e brilhante, nada podia igualar a elegante riqueza dos ornatos da nobreza hespanhola, que toda inteira, tinha querido tomar parte nesta cruzada contra os infieis. Mas entre a maior parte o descostume trahia a coragem; acostumados,

e amollecidos por uma vida faustosa, pareciam curvar-se debaixo do peso de suas couraças. Elles conduziam as armas, segundo o uso do oitavo seculo, a lança, a espada e o punhal, e os soldados debaixo de suas ordens, vestidos mais ligeiramente, iam munidos de achas d'armas, de massas de ferro, de piques, e de fundas.

Os Mouros eram inferiores em numero, é verdade, mas todos soldados dos melhores, escolhidos um por um, d'uma audacia e coragem provadas, habituados ás fadigas, e aos perigos da guerra, entusiasmados de rancor, e inveja.

Logo que se avistaram travou-se a pejeja; este primeiro choque foi terrivel. A terra, dizem os historiadores, tremia debaixo dos pés dos cavallos; e não se escutava mais do que um confuso motim, terrivel, e espantoso de golpes, de lamentos, de ameaços, e gritos de furor. Sem embargo da desproporção dos dois exercitos, pois que os christãos estavam para com os Mouros na razão de quatro a um, o combate durou até a noite, sem que houvesse resultado vantajoso para um, ou outro partido.

Logo que a aurora do segundo dia, se manifestou no oriente os inimigos correram ás armas, e se accometteram com um encarniçamento sem exemplo. Combatia-se então sobre montões de mortos, e moribundos. A planicie estava inundada de lagos, e rios de sangue; e era tal o furor com que ambos os belligerantes estavam animados, que só descançaram, quando a noite estendeu seu manto entre os dois exercitos.

Com o terceiro dia o ataque começou tão impectuoso, e tão vivo como nos dias precedentes; mas os Mouros pareceram em fim ceder um momento, opprimidos pelo numero de seus inimigos; alguns já se escondiam; o resto abalançava-se a fazer o mesmo. O que seria do exercito Mouro, se seu chefe não fosse um homem corajoso, e resolutivo. Elle dirige o seu cavallo á frente dos fugitivos, e firmando-se sobre os estribos: » Que fazeis, lhe grita com uma voz enérgica, o susto vos torna cegos; olhai!... o mar d'um lado, do outro o inimigo acabrunhado de fadigas...

Quereis morrer como fracos, no momento em que nosso valor, e ajuda do céu nos asseguram a victoria... Oh Mouros! imitai-me...? Esta curta allocução reanima entre os soldados o entusiasmo quasi extincto. Elles seguem os passos do seu general, e a carnagem recommençou desde então, d'uma maneira ainda mais violenta, a ponto que Taric se encontrou face a face com o rei Roderick, que facilmente foi d'elle reconhecido pela riqueza de que se adornava, e trespassando-o com uma lançada, o precipita morto do cavallo abaixo. A'quella catastrophe, os Godos não pensaram mais do que fugir em.

todas as direcções, abandonando aos vencedores o campo da batalha, que durante muitos annos, esteve coberto de despojos e ossadas.

A cabeça do rei Roderick, separada do corpo, foi enviada por Taric ao príncipe Musaben Nesair, como o maior trophéo da victoria que acabava de alcançar.

É assim que os historiadores contemporaneos concordam, em referir a batalha de Guadalète, que poz fim a denominação dos Mouros em Hespanha, e submetteu o paiz debaixo do poder dos Mouros.

### *Jardins fluctuantes do Mexico e do valle de Cachemire.*

Os jardins suspensos de Babylonia, destruidos ha milhares de annos gozam ainda entre nós de uma grande celebridade, e não é um fedelho que sem hesitar os cita quando se lhe pergunta quaes são as sete maravilhas do mundo. Por sem duvida que é util conservar a lembrança das cousas admiraveis que o tempo tem feito desaparecer e bem assim contal-as aos meninos; mas quando ás vezes falla-se-lhes das que existem actualmente não pôde haver nisto inconveniente algum.

Os *Jardins suspensos* especialmente quando não se sabe o que deu causa a semelhante qualificação (o que para todos os meninos serve de distracção e de utilidade para as pessoas adultas) apresentam sem duvida ao espirito um pouco de muita admiração; mas a idéa dos *jardins fluctuantes* não é menos extraordinaria do que tudo que vemos, e não é menos inventada para excitar nossa curiosidade.

Os jardins suspensos de Babylonia, construidos mediante consideraveis despezas por um despota afim de satisfazer ao capricho de uma de suas mulheres, talvez tivesse sido para o povo a causa de grandes misérias; os jardins fluctuantes no pantano do Mexico e do valle de Cachemire, obra dos pobres agricultores que formaram na superficie da agua um solo artificial quando a terra lhes era interdicta, dão ao que os cultiva o meio de honestamente distrair sua familia e fornecem as populações visinhas, que só os pôdem ver satisfactoriamente, seus legumes e fructos deliciosos.

Não pretendo que os habitantes de Babylonia não gozassem um pouco da vista desses pequenos bosques sempre frescos que se elevavam por andares no centro de sua cidade; concordo mesmo que, testemunha da stupefacção do estrangeiro, a vaidade nacional fez-lhes por vezes esquecer do quanto lhes haviam custado taes jardins. Mas, que nos admiremos ainda de uma obra que por certo não era uma producção do genio e que só attestava o poder de um monarcha absoluto, eis-ahi o que se não pôde bem comprehender.

Como quer que seja, volto aos jardins fluctuantes, e começarei pelos do Mexico emprestando a Clavigero (1) o que a este respeito vou dizer.

Quando, no começo do seculo decimo quarto, os Mexicanos foram derrotados pelos povos de Colhean e Tepanecan só ficaram em liberdade sua cidade e o lago em cujo centro está ella situada. Tiveram então a feliz idéa de formar terrenos artificiaes para nelles plantarem algumas hervas alimentares. Entrançaram salgueiros e raizes de plantas aquaticas, formando uma especie de jangada que fortificaram com ligeiros tojos, cobriram depois tudo com limo extrahido do fundo do lago. Estes campos ficticios, plantados de milho, pimenta, aboboras, e legumes, fluctuavam no lago, e forneciam à cidade algumas insignificantes provisões.

Tornando-se os Mexicanos ricos e poderosos, os campos fluctuantes inventados pela necessidade transformaram-se algumas vezes em lugares de recreio e de delicias, o que ainda hoje acontece. Destas jangadas, umas são terrados ornados de adoriferas e lindas flores, outras são verdadeiros jardins, tendo no meio uma arvore ou um pequeno pavilhão para servir de abrigo em occasião de máo tempo; em geral, são meras hortas, cujos possuidores, chamados *chinampas*, fornecem de legumes uma parte da cidade.

Alguma coisa que se assemelha com o que acabamos de expôr encontra-se em um paiz ainda mais fornecido da natureza do que o pantano Mexicano, situado nesse valle de Cachemíre, chamado pelos conquistadores mongols o paraíso terrestre. Nesse lugar os jardins fluctuantes são pouco poeticos e quando pela primeira vez vê-se esses compridos e estreitos alegretes que partem de differentes pontos das margens do lago Kutwal, tomam-os muitas vezes por leitos de juncos e canniços, é verdade que sua construcção é mui simples, como pôde-se ver lendo-se o que a tal respeito diz M. Moorcroft em sua obra posthuma, bem como M. Vigne (2) na sua.

Começa-se por segar as compridas hervas que vegetam no meio do lago, no lugar em que pretendem estabelecer um jardim, trançam-as depois e firmam-as com terra e estrume, tendo o cuidado de conservarem em circuito canniços e juncos que devem servir de protectora trincheira as futuras plantações.

(1) Francisco Xavier Clavigero, jesuita, nascido no Mexico em 1720, compoz uma obra interessantissima sobre a historia, costumes, usos, artes, sciencias, e lingua deste paiz, antes e depois da invasão dos Hespanhães. Clavigero empregou trinta e seis annos em percorrer sua patria e fazer uma collecção dos materiaes para sua obra que sahio à luz em 1780 com o titulo de *Storia antica del Messico*.

(2) *Travels in Hashmir Ladak Iskardo, &c.* By G. F. Vigne. Vol. II, pg. 90. — *Travels in the Himalayan province of Emdustan...* By M. W. Moorcroft and M. G. Treboek, published By M. M. H. H. Wilson. Lond. 1811, t. IX, pg. 137 e seg.

Depois, nesta plataforma, elevam-se de distancia em distancia pequenos monticulos de hervas, de fôrma conica, e de cerca de 60 centimetros de altura, em cujo cume collocam terra apanhada no fundo do lago. É sobre este ultimo leito de terra que costumam pôr as sementes de melões e pepinos. Desde então fica tudo concluido, as plantas brotam, os fructos crescem, chegam a uma completa madureza, e só tem o trabalho de os colher. Estas jangadas são presas no fundo por fueiros que fazem as vezes de ancora, e collocam-os á vontade. Costumam fazel-os compridos e finos afim de que com facilidade os possam manobrar. Como pouco custo dão na sua construcção, não se vendem muito caro, pôde-se com uma rupia (menos de 40 francos) ser proprietario de um jardim fluctuante de dez gards de comprido e tres de largura (cerca de 9 metros e 2<sup>m</sup>, 8 de largura).

---

### ***Biographia.***

RICARDO LENOIR.

Francisco Ricardo, chamado Ricardo Lenoir, nascido a 16 de abril de 1765 em Trélat, comarca d'Épinay, no departamento de Calvados, era filho de um pobre rendeiro. Em sua infancia já se havia feito notavel por seu espirito activo, engenhoso, e inclinado á especulação. Aos dezeseite annos, foi a Rouen, onde successivamente servio de caixeiro em um armazem de fazendas e de botiquineiro. Em Paris, onde muito desejava estabelecer-se, servio tambem algum tempo em um café. Logo que á força de economias, ajuntou um pequeno capital, cerca de mil libras, comprou algumas peças de panno inglez, e vendeu-as depois a varejo. Após seis mezes de commercio, realisou uma somma de seis mil libras; porém, victima de maliciosos tramas, esteve muitos annos preso por dividas. Em 1790, cobrou de novo o credito e vendeu fazendas de linho: á este trafico unio annos depois o dos diamantes. Depois de 9 thermidor, Ricardo travou conhecimento com um joven negociante, por nome Lenoir Dufresne, com quem associou-se. Um dos ramos lucrativos de seu negocio consistia em tecidos de algodão que vinham-lhes da Inglaterra. Ricardo concebeu o atrevido projecto de fabricar por suas mãos taes tecidos; com ardor applicou-se ao estudo do modo de os fabricar, ajudado por obreiros inglezes, e obteve um resultado que ultrapassou suas esperanças. Suas obras grangearam-lhe a attenção e incitações do primeiro consul. Os dois socios chegaram a realisar por mez quarenta mil francos de lucro; enriquecendo-se, elles alliviavam a França de um imposto estrangeiro.

Em 1806 morreu Lenoir: Ricardo conservou o nome de seu amigo, e só continuou a empresa que juntos haviam fundado. Para elle não era muito ter creado a fabrica de tecidos, quiz addicionar á sua industria a cultura do mesmo algodão: reuniu as sementes que achou nas ballas do algodão americano e as fez cultivar na Italia. Em 1808, entraram em França mais de cincoenta milheiros de fardos de algodão. Occupava então vinte mil obreiros e despendia mensalmente um milhão. Mas Napoleão, que desejava animar a cultura do algodão no meio dia da França, tendo sobrecarregado a introdução de tal producto com um direito de entrada, esta medida, e logo depois a incorporação da Hollanda com a França abalaram a fortuna de Ricardo Lenoir: seu interesse particular deixou de estar em harmonia com o interesse geral. Expoz seu estado ao imperador que emprestou-lhe um milhão e quinhentos mil francos, e pensou transformar os tecidos de algodão em tecidos de lã. Então ser-lhe-ia facil retirar-se do negocio com capitaes consideraveis. Sobrevieram os acontecimentos de 1814: Ricardo Lenoir, nomeado chefe da 8.<sup>a</sup> legião, mostrou, nessas difficeis circumstancias, uma energia e valor que augmentaram sua popularidade. Uma ordenança de 23 de abril de 1814 de alguma forma imposta pela vontade do estrangeiro, tendo inteiramente supprimido e sem indemnisação dos possuidores, os direitos sobre os algodões, transtornou de um só golpe a fortuna de Ricardo. A 22 de abril possuia ainda oito milhões; a 24 estava arruinado. A despeito de sua firmeza de espirito de sua fecunda imaginação, e de sua admiravel perseverança nunca mais melhorou de fortuna. Retirou-se do commercio, estimado, porém triste e a muito custo contendo os impulsos de uma actividade d'ora avante inutil.

Falleceu a 19 de outubro de 1839: um immenso cortejo de operarios acompanhou o ataúde deste homem celebre, cuja memoria será para sempre honrada nos annaes da industria franceza.

---

### *Musica Russa.*

Pelo meado do ultimo seculo um mestre da capella da imperatriz Izabel, por nome J. A. Mareseh, natural da Bohemia, inventou uma orchestra composta de trompas de caça ainda em uso na Russia, mas que desde então tem-se extraordinariamente aperfeiçoado.

A musica Russa só se executa com trompas mais ou menos compridas, mais ou menos curvas, porém cada uma dá um unico tom. Como tudo o que se executa com taes instrumentos comprehende noventa e um tons ou semi-tons diversos, e cada tom é expresso pela mesma trom-

pa, seriam precisos noventa e um musicos, se, por meio de uma exacta distribuição de partes, um só musico não se podesse encarregar de muitas trompas em uma mesma peça. São necessarios pelo menos vinte musicos para executarem as mais simples peças; não ficando todavia perfeita a execução senão com quarenta musicos, e muitas vezes empregam mais. Cada um delles não tem mais do que exprimir o mesmo tom todas as vezes que elle apparecer na partitura; porém a grande difficuldade consiste na extrema precisão do compasso e na arte das uniões e gradações que exige a execução para tornar-se o espirito e effeito de uma composição. Esta arte é que tem chegado a um incrível estado de perfeição: pois executam pedaços do Mozart, de Haydn, de Pleyel, e mesmo concertos de Jarnowich, com o mais bello effeito, que em nada se assemelha com o das orchestas ordinarias. O que mais disto se approxima é o toque de um grande orgão; porém este não pôde emittir os mesmos sons graduados, nem as mesmas delicadezas de expressão. Semelhante musica produz ao longe, e em ponto grande, um effeito analogo ao da harmonica ouvida de perto. Em tempo sereno e bella noite ouve-se muitas vezes na distancia de legua e meia.

O principe Potemkin, que gostava de tudo que era admiravel e extraordinario, deleitava-se com tal especie de musica, e para isto tinha uma banda de musicos que levava consigo em todas as suas expedições.

Esta reunião de musicos dispersou-se com sua morte.

Conservou-se os detalhes de uma celebre festa dada em Moscou em 1763, onde a orchestra das trompas foi empregada com o mais brilhante resultado: foi por occasião do carnaval.

Erigeram sobre um immenso trenó um outeiro de seis toesas de altura sobre quarenta de circumferencia, em que plantaram arvores e arbustos formando um bosque artificial, onde caçava-se veados, lebres e rapozas. Os caçadores de que só os bonets se viam a principio, entoaram de subito um concerto de trompas que em verdade tinha alguma coisa de magico. Esta machina foi puchada pela cidade por onze juntas de soberbos bois de Ukraine. O trenó inteiramente encoberto pela verdura parou defronte da casa do general Betzkai, onde jantou a Imperatriz; e pelo decurso do jantar, esta orchestra espantosa executou diversos pedaços, de sorte que captou a geral admiração.

Força é concordar que só na Russia pôde-se inventar tal genero de festa e dar um tal espectáculo.

Os autores que escreveram sobre a musica concordam que haveria grandes difficuldades em introduzir em outro paiz a musica russa; mas julgam com razão, que se poderia adoptal-a, ao menos em parte nas orchestas das Igrejas, onde seu effeito convém admiravelmente.



« Nada posso imaginar, escrevia o celebre Hinrichs, mais magestoso e sublime do que o *Stabat* de Bach (ou os de Pergolèse e Rossini), executado em uma igreja espaçosa, por um côro duplo bem composto cujos baixos sejam robustos e animados pela musica das trompas. »

### ***Da frequencia das tempestades no mar negro.***

Já entre os antigos o mar negro era celebre por seus naufragios; chamava-se então Ponto-Euxino, que quer dizer: *Mar hospitaleiro* (*Euxenos Pontos*), quer por antiphrase, do mesmo modo que chamavam as Furias deusas bemfeitoras (*Eumenides*), quer tenham mudado seu antigo nome *Axenus* (*Axénos*), inhospitaleiro em *Euxinus* (*Euxenos*), hospitaleiro, como Ovidio nos attesta nos seguintes versos :

Frigida me cohibent,  
Euxini littora Ponti,  
Dictus ab antiquis Axenus ille fuit.

*Tristium*, IV, 4, 53.

Os sabios confirmaram o testemunho do poeta.

« Este mar, diz Pomponio Mela (liv. 1, cap. 19), é tempestuoso e de uma difficillima navegação. . . Elle está contiguo aos paizes donde partem os aquilões, e como não é fundo, suas vagas são em toda a parte rapidas e de pouca duração. A principio foi chamado Pont-Axen e depois Ponto Euxino. »

Apezar do progresso da navegação, o mar Negro é como d'antes mui temido dos marinheiros, e as embarcações de véla não desafiam impunemente seus repentinos furacões. Sua extraordinaria frequencia é difficil de ser explicada de um modo satisfactorio. Um viajante allemão que ha pouco demorou-se nessas paragens, observando muitas vezes em cada dia o estado do céu, a direcção dos ventos, e informando-se dos navegantes, resume do modo seguinte as diversas theorias que tem sido apresentadas.

Kohl faz notar que as grandes cadêas que sem interrupção se estendem ao N. ao N.O. do mar Negro e desde Arkangel até Kamtschatka, offerecem aos ventos um espaço por assim dizer illimitado, em que podem livremente propagar-se. « Se o Caucaso, diz elle, em vez de cercar unicamente a extremidade oriental do Ponto Euxino, se estendesse ao mesmo tempo para o N. e N. E., então elle abrigaria este mar das refregas de vento que o transtornam. » Mas esta theoria é contrariada pelo testimonho unanime dos marinheiros que concordam

em afirmar que as mais terríveis refregas não vem do norte e nordeste, mas de leste e sudeste, isto é dos gelados cimos do Caucaso e das terras da Armenia. Nas costas occidentaes e austro-occidentaes é que se contam o mais subido numero de funestos acontecimentos. Nas do norte e do sul são mui raros os naufragios. Ritter suppõe que a união dos ventos do norte, que sopram das planicies da Russia e encontram os ventos de E. e do S. que descem das terras da Armenia, dá origem a essas tempestades tão temiveis. É sabido que em parte alguma são os ventos tão variados e o mar tão agitado. Tem-se por vezes observado violentos furacões de S. E. sem que se pudesse contestar sua luta com os ventos do norte.

A mór parte das tempestades parecem ter origem mesmo no centro do mar negro; explicam-se pela differença de temperatura que há entre a superficie do mar, o terreno da Armenia e os cimos do Caucaso. Todos os meteorologistas sabem que a grande differença de temperatura entre duas regiões causa de ordinario uma corrente de ar; isto se conhece nos paizes cercados de altas montanhas. O valle do Kour, na Georgia, cuja temperatura é mais elevada do que a do Caucaso, nos dá a tal respeito uma prova exuberante. Ainda que Tiflis esteja situada de sorte que é toda cercada de montanhas, o ar ahi existe continuamente em movimento, e os mais violentos furacões precipitam-se do alto do Caucaso, ao passo que nas supraditas montanhas reina a mais completa calma. O mar Negro e os paizes circumvisinhos offerecem a mesma differença de temperatura. Na Armenia, o thermometro desce muitas vezes a 20° abaixo de zero.

Tem-se visto em Erzeroum rajadas de neve no mez de junho, em quanto que em Trébizonde, que não dista muito dessa cidade, a oliveira dá fructo, e não longe de Vigse a laranjeira pôde em pleno ar passar o inverno. Taes differenças de temperatura devem determinar na atmospheria frequentes rompimentos de equilibrio, o numero dos navios que soçobram todos os annos é mui subido. Os Gregos, tão intrepidos e ousados no Mediterraneo, tornam-se timoratos quando atravessam o Bosphoro em má estação.

Tem-se visto muitas vezes em Constantinopla marinheiros engajados para Odessa recusarem a pé firme ir mais longe, quando o navio não desemboca no mar Negro antes do mez de novembro. Os barcos de vapor são os unicos que podem lutar com o furor das vagas, inda que algumas vezes estejam expostos a uma perda quasi infallivel, quando se acha acabado o carvão por uma navegação que os ventos contrarios prolongaram muito além do que previam.

**O macaco e o escravo.**

EXTRAHIDO DE CAMPILLO. (1)

Os macacos das margens do Orenoque são pela maior parte de raça grande: gostam muito do milho, ou trigo da Turquia, e os habitantes aproveitam-se desta circumstancia para armar-lhes laços, em que sempre cahem. Despejam um pouco de milho em um vaso de barro bastante pesado, com o gargalo comprido, e cuja bocca é muito estreita: collocam-o depois junto a uma arvore em que vio-se o macaco trepado. Este, logo que vê affastar-se o que lhe armára o laço, desce, e introduz uma das mãos na boca do vaso, agarra no fundo em uma porção de milho, e depois quer tirar a mão; mas não lhe é possível em quanto a conservar fechada, elle não se resolve a abril-a para não perder o milho que nella existe.

O aperto em que se acha, cousa celebre, faz-lhe dar gritos que advertem o caçador. Este corre e espanca o macaco que prefere deixar-se matar, do que largar sua presa. Com taes vasos, depois de collocados como se vio, pôde-se em poucas horas apanhar grande numero delles, pois que todos deixam-se antes matar do que largarem o punhado de milho. O jesuita Gumilla, falla desta caça em sua obra que tem por titulo: *O Orenoque illustrado*. Foi isto que ministrou a Campillo a idéa do seguinte dialogo. Suppõe que o caçador é um escravo.

O ESCRAVO. Tu és bem tolo em esperar-me.

O MACACO. E para que vieste ter comigo?

O ESCRAVO. Que! preferes um punhado de milho á conservação de tua vida?

O MACACO. Oh! queres tirar-me a vida para pouparees um punhado de milho?

O ESCRAVO. Como és goloso!

O MACACO. Como és avarento!

O ESCRAVO. Não faço outra cousa senão obedecer a meu senhor.

O MACACO. Em tal caso, teu senhor é um barbaro e tu um imbecil.

O ESCRAVO. Insolente!

O MACACO. Como quizeres, mas confessa que não é glorioso só fazer aquillo que outro ordena. Eu sou um macaco, mas ao menos sou livre.

O ESCRAVO. E pois, fazes o que quero?

(1) Medico hespanhol do seculo 18.º, autor das *Miscellaneous philosophicas e litterarias*.

O MACACO. Sim.

O ESCRAVO. Pois bem, concedo-te a vida, e vai-te.

O MACACO. Tu bem vês o que me obsta.

O ESCRAVO. Abre a mão, e poderás facilmente fugir.

O MACACO. Isso tem muito imperio sobre mim; não largarei o que está em meu poder.

O ESCRAVO. Bem vejo que neste mundo cada um tem sua escravidão. Um pouco de milho te escravisa tanto quanto a mim um Hespanhol. Não podes desobedecer a teu amo, força é que eu obedeça ao meu: morre!

---

### *Costumes do Panamá.*

As mulheres de Panamá, (*Panamenas*) usam do cabello dividido em muitas tranças, deixando-as cabir em todo o seu comprimento, e terminam por uma fita atada á suas extremidades. As da frente, entremeiadas de flores naturaes, formam alguns anneis dos dois lados do rosto; trazem nas orelhas enormes brincos; a camisa é fechada e guarnecida em torno das espadoas e do peito, por dois volantes bordados de seda de côres vivissimas; a parte inferior da sáia, que é ou de fina cambraia ou de mosselina, é igualmente ornada por dois volantes semelhantes aos do corpo; tal sáia não furta aos olhares um delicado tornozello e um lindo pé sempre envolto em meia de seda branca, e sapatos de setim azul, côr de rosa ou verde, bordados de ouro ou prata.

Abaixo da cintura brilha o singular ornamento chamado *tumbadillo*: vem a ser uma especie de pequena couraça de ouro lavrado, terminada em bico arredondado, e coberta de perolas finas e pedras preciosas de que as *Panamenas* possuem uma bella collecção. Parece que ha pouco tempo, a moda do *tumbadillo* não obteve o mesmo favor da classe rica da sociedade, mas as negras conservam em toda a sua originalidade esta parte caracteristica do uso nacional.

Um rosario de magnificas perolas a que está suspensa uma grande cruz, e o indispensavel leque, completam o adorno. As negras trajam de ordinario semelhantemente ás senhoras, havendo differença porém na qualidade dos estofos. Seus volantes são bordados, não com tanta riqueza; o *tumbadillo* é de ouro polido, mas sem pedrarias. Andam descalças ou apenas trazem chinellas (chaucletas) só encobrindo os dedos dos pés, e cuja sola, acalcanhada á direita ou á esquerda, de maneira alguma protege o calcanhar que descoberto se appoia no chão. O cabello das negras, inda que o mais exactamente possivel copiado do das senhoras, todavia com este em nada se assemelha; seus cabellos encarapinhados zombam de todos os esforços do enfeite; as

pobres Africanas esmeram-se inutilmente em trançal-os o mais apertadamente possível. Em vez dessas compridas tranças flexiveis que tão bem condizem com a figura e talhe das mulheres brancas, as negras nunca chegam a obter senão seis ou oito grossas torcidas rijas e pontudas, formando com a cabeça angulo recto, e que dispostas á maneira de raios divergentes, produzem o effeito mais extravagante. Demais, as brancas e negras pregam na cabeça um manto de mosselina branca que arranjam de ordinario como a *mantilla* hespanhola.

---

### ***Os dous matrimonios malogrados.***

Acaba de publicar-se o segundo volume deste interessante romance historico, composição original do Sr. Dr. Valdez e Palacios; e como sua leitura sobremaneira nos deleitou pelos encantos que se encontram nelle derramados, julgamos que agradará aos nossos leitores a noticia que lhes vamos dar dessa obra.

Si nos paizes civilisados é necessaria uma leitura amena e recreadora; si é mister que os romances e as novellas nos distraiam das leituras graves e das occupaões de todos os dias; si, enfim, é necessario que as obras de imaginação estendam de vez em quando um véo de gratas illusões por sobre as amargas realidades da existencia, devemos sem duvida accolher com agrado aquelles romances que, ao mesmo tempo em que divertem o animo e captivam a imaginação, contêm um fundo de moralidade, ou ao menos não exhalam esses halitos mephiticos e miasmas pestilenciaes que corrompem o coração da mocidade, e vão semear o germen do vicio no seio das familias e no sanctuario do leito conjugal.

O romance de que nos occupamos, sem pertencer ao numero daquelles de primeira ordem que teem sahido do pensamento dos grandes escriptores neste genero de litteratura, contêm todavia as duas qualidades essenciaes que constituem o verdadeiro romance. A' excepção de alguns descuidos que logo notaremos, está escripto em geral com muito gosto e amenidade: ha nelle descrições vivas e animadas e quadros seductores; a invenção historica é interessante e verdadeira nos factos; os costumes que se pintam são representações dos costumes originaes da raça americana primitiva que ainda existe nas profundidades das regiões subandinas, os quaes não teem sido descriptos até agora. Os sentimentos que sua leitura desperta são com frequencia elevados, e as emoções que se sentem suaves, gratas, e as mais das vezes dolorosas.

A dicção, ás vezes exotica, é geralmente pura e correctá ; o estylo é apaixonado, fértil, cheio em conceitos expressados com vehemencia e ternura, em rasgos animados e cheios de melancolia. Uma sensibilidade summamente nervosa, uma amarga ironia contra as injustiças da fortuna e dos homens, e, o que na verdade não approvamos, uma tendencia invencivel para deificar o amor e fazer consistir nelle a suprema felicidade do homem, são as feições dominantes do romance. E comtudo nada se encontra nelle que possa offender á moral, ou ferir os castos ouvidos da donzella ; a mesma pureza de sentimentos e intenções, a mesma innocencia de quadros, imagens e caracteres distinguem a sua parte moral, que consiste em mostrar que *no maior transe da vida ninguém deve perder a esperança, e que no auge do infortunio, a resignação e confiança na divina providencia conseguem a final o desejado consolo.*

Com que interesse não seguimos a Jacintho, e attendemos a seus menores passos e movimentos, quando, depois de haver-se despenhado o seu guia, arrojado sem sentidos ao chão pelo seu cavallo, torna em si, e faz passear funebremente os olhos pela superficie das montanhas abarcando o immenso horizonte d'um mundo desconhecido ! Com que sentimento intimo não o contemplamos no meio d'aquelle vasto deserto, só, sem esperança, penetrado de frio, sem animo, sem forças, deixando-se cahir no humido chão que ia servir-lhe de tumba ! Com que afinco não o acompanhamos em sua marcha quasi sobrehumana por entre essa interminavel successão de montes, onde não se ouve mais que as caricias da agua nevada ás penhas, ou o adejar de algum invisivel condoro, onde só uma nota de selvagem harmonia despertava ás vezes échos que nunca voz humana havia perturbado ! E por fim com que surpresa, com que effusão de alegria não vemos o modo tão inesperado porque consegue salvar-se, graças á mais compassiva e formosa donzella que o céu lhe ha enviado !

Oxalá que os jovens americanos que se dedicam a esta parte ardua e difficil da litteratura não olydem nunca que a moralidade é o primeiro elemento de toda a obra de imaginação, e que um romance tem por objecto instruir deleitando, conduzir á virtude, fazel-a amar, desviar os homens do vicio, fazer que o olhem com espanto com o exemplo dos resultados, e os contrastes dos acontecimentos e caracteres que descreve ! Oxalá que afastando os olhos dos modelos que apresenta a escola extravagante, profundamente immoral e pervertida saturada de egoismo e de luxuria, blasphemadora das cousas mais sanctas, e capaz sómente de subministrar alimento ás imaginações mais desatinadas e aos entendimentos mais obtusos, sigam as pizadas e bellos exemplos que tem deixado Bernardino de Saint-Pierre, Fielding, Chateaubriand,

Walter-Scot, Walter-Scot, dizemos, cujo nome symbolisa por si só todas as qualidades que constituem o verdadeiro novelista, elevadas a um grão sublime de perfeição, raiando quasi a par da epopéa e ligados com o mais profundo conhecimento do coração humano, com o mais animado e vivificante talento descriptivo e com a mais assombrosa fecundidade na invenção historica!

Ah! esta fertil penna que ha electrizado a Europa com tantas ficções interessantes, com tantos quadros seductores e com tão exquisitos dialogos, não escreveu uma só linha se quer que possa assustar a freira mais candida e incontaminada.

Agora, como nosso proposito foi dar imparcialmente o nosso juizo sobre o romance de que nos occupamos, seja-nos permittido fazer algumas indicações sobre os defeitos litterarios que achamos n'elle. Primeiro que tudo devemos observar que este romance, em vez de levar o titulo de — segundo volume dos *Dois Matrimonios Malogrados*, deveria mais propriamente chamar-se — continuação delle debaixo de outro titulo conveniente, pois, bem que o heróe seja o mesmo, e as aventuras que se referem tenham uma relação immediata, estas são differentes em si mesmas e formam de per si um todo completo que não necessita, n'um sentido absoluto, da primeira parte para sua intelligencia e o desenvolvimento de seus resultados tragicos.

Do mesmo modo a subdivisão dos capitulos em secções nos parece impropria e admittida unicamente nos tractados scientificos, litterarios e didacticos, e nunca nos romances. Ignoramos o motivo que teve o autor para introduzir essa innovação.

Quanto á parte litteraria, a descripção do Sumac-Tica, e a visão que Jacintho teve nos altos cumes da cordilheira, em dia claro, e acordado, seguindo os passos do seu guia, visão em que se lhe representa em panorama o mundo todo, é a nosso vêr uma especie de pintura melodramatica que induz á crença do maravilhoso, porêm de um maravilhoso que não é nem mythologico, nem religioso, e sim um genero de somnambulismo entre ideal e epileptico, cuja realidade não é o leitor capaz de decifrar.

O capitulo sobre a Apulia, ainda que ornado de descripções brilhantes, de particularidades seductoras e originaes, parece-nos um tanto languido e extenso; a descripção dos costumes, dos singelos e generosos habitantes daquelle Eden da America, bem que em si interessantes, naturaes e verosimeis, é um quadro antes digressivo do que compacto e harmonioso, e os toques sobre a hospitalidade dos Apulios, a educação physica dos filhos, o respeito filial e a liberdade da escolha nos matrimonios que se apresentam como um bello contraste com os habitos contrarios dos paizes civilizados, estariam me-

lhor n'uma obra de viagens do que n'um romance, em que se deve fallar sempre mais ao coração do que á alma, e captivar mais a imaginação e o sentimento do que a razão e o espirito. Seja como fôr, mais de um leitor fixará talvez sua attenção em algumas passagens deste capitulo, como, por exemplo, naquella em que se encontra esta exclamação :

« Quantos desses homens que vendem suas filhas a preço de ouro,  
 » no seio dessas grandes cidades que se chamam os fôcos da civi-  
 » lisação, não deveriam vir receber esta lição dos lábios de um indigena  
 » que tanto desprezam ! »

O terceiro capitulo que, debaixo do titulo de *Os dous irmãos*, forma um episodio dos amores de Huascar e da formosa India Jtzca, comprehende uma pequena novella em si mesma interessantissima e completa, cheia de ternura, melancolia e paixão, onde tudo respira amor e vehemencia, e cujo desenlace é eminentemente pathetico e imprevisto. Esta peça seria comparativamente perfeita, si não tivessemos que notar-lhe dous defeitos em sua parte moral. O primeiro é que, sendo o desenlace, resultado d'aquelles amores, tão terrivel e inesperado, que, ao vel-o, se nos gela o sangue, e recabindo a catastrophe mais espantosa, isto é, o infortunio mais atroz e immerecido sobre as creaturas mais innocentes, amaveis e virtuosas, parece que se accusará de injusta a Providencia, e que o leitor, sem apoio, sem luz para vêr e reconhecer a causa e origem de taes resultados, será como que auctorizado a dizer: Com que nada vale o ser *bom* n'este mundo! Com que o *melhor coração* e a *maior virtude* não preservam do maior infortunio! Com que um cego fatalismo conduz e dirige o curso dos acontecimentos humanos! Pois bem! sejamos máos, si tanto vale como sermos boñs.

O segundo descuido é que o recreio que se encontra na leitura d'este episodio não está isento de produzir sensações bastante voluptuosas em almas novas e innocentes. Portanto, bem que os amores de Huascar e Jtzca conservem sua nativa pureza, ha scenas e quadros pintados com uma nudez de desenho, e uma vehemencia de colorido a cujas seducções poucas imaginações ainda jovens podem resistir por muito tempo. A pintura da formosa *Coya* embalançando-se em uma rêde debaixo de uma radiante atmosphaera de luminosos insectos, em sua rede de brancos fios de lã, recamada dos mais brilhantes passaros da zona torrida, tendo a seus pés recostados na relva a seus dous namorados; a comparação d'este grupo com o da sancta familia elevada em aerias e immateriaes contemplações, a cançoneta india; o quadro da entrevista dos dous amantes debaixo dos raios da lua e do rolar das aves nocturnas, na qual Huascar pede um beijo semi-morto



a sua amada, e ambos se embriagam na desejada taça, são scenas que pertencem áquelle genero.

Alóra estes descuidos filhos d'uma imaginação demasiado ardente e de um character apaixonado, este romance é muito interessante e digno de ser lido por todas as pessoas sensiveis. Em outra occasião, publicaremos talvez alguns fragmentos d'elle para que os nossos leitores possam julgar melhor por si mesmos do merecimento da obra.

(Do *Mercantil*).

### **O negro Carey.**

Carey (John-Thomas), negro americano, foi por espaço de longos annos o fiel criado do fundador da republica dos Estados-Unidos. Nascido em 1729 em Mont-Vernon, propriedade de Waslington, fôra educado pela mãe do inlyto general, esta mulher de uma simplicidade extrema, que respondia aos encomios que Lafayette prodigalisava a seu filho na occasião em que este acabava tão nobremente de subtrahir-se ás honras do supremo poder: « Não me admiro do que fez Jorge, porque elle sempre foi um bom rapaz (*a very good boy*) »

Sabe-se que Waslington libertou espontaneamente todos os seus escravos antes de fazer apparecer a medida legislativa sobre a alforria dos escravos. Carey, ficando liberto no dia em que foi proclamado o acto da independencia dos Estados-Unidos, affeiçãoou-se voluntariamente á pessoa de Waslington, e achou-se constantemente a seu lado durante toda a guerra da independencia, té a morte do patriarcha americano. Falleceu e foi sepultado em Greenleaf's Point, junto de Waslington, a 11 de junho de 1843. Este humilde veterano viveu em consequencia cento e quatorze annos. Carey era de estatura media, dotado de uma polidez que nada tinha de servil, e o general Lafayette não se desdenhava em fallar d'elle como de um homem recto, franco, de uma virtude simples, militar, e que praticava com nobreza, por assim dizer, os deveres de sua modesta condição.

O retrato deste excellenté homem, que podia dizer como Othello: « Acaso minha côr prejudica o meu denodo? » acompanha o de Waslinton, em serviço, publicado em 1788.

Carey está representado no segundo plano segurando as redeas do cavallo de Waslington, ao passo que este medita o plano de uma batalha, tendo na mão o acto da independencia.

Esta estampa traz consigo um retrato do general Lafayette tambem em serviço publicado na mesma occasião.

### **Chimica.**

*Acção do cobre sobre a tinta.* — Um caso curioso apresentou-se ultimamente em Bengala, relativamente aos effeitos das misturas salinas no cobre e á tinta de escrever. Ha algum tempo que um Indio recebeu do banco de Bengala tres notas que guardou em uma caixinha de cobre; grande foi a sua admiração quando, tirando as notas da caixa, vio que os numeros e as assignaturas tinham desaparecido. O Indio apresentou-se ao banco, que não quiz dar fé ao que elle dizia, e recusou pagar. Chegando este factó ao conhecimento de um chimico, imaginou este que seria possivel fazer tornar a apparecer os traços da tinta, acidificando levemente o papel; molhou o lugar aonde deviam estar as assignaturas com uma solução de prussiato de potassa; mais foi tão forte a impregnação do cobre, que não appareceu vestigio algum de letras. O unico effeito do reactivo foi dar ao papel uma cor parda; em um dos bilhetes vio-se uma leve mancha azul, no lugar aonde se suppunha dever estar as assignaturas. Fez-se nova experiencia. Tomou-se uma folha de papel escripta, havia muitos annos com tinta muito preta, a qual se poz entre duas folhas de cobre, e passou-se uma porção de agua acidulada. A tinta tinha desaparecido dous minutos depois. Burrifou-se o papel com uma solução de potassa, como se havia feito com as notas, porém o papel não mostrou a mancha azul. Nas mesmas circumstancias a tinta dos Indios ficou intacta. Provém isto de ser carbonosa a natureza da tinta: basta misturar certa porção com tinta ingleza para obstar a destruição dos caracteres escriptos. O accidente que deu lugar a estes exames não é o primeiro do mesmo genero. Cita-se a este respeito a historia de um peregrino Indio que enrolou em uma folha de cobre algumas notas do banco, e que as achou em branco passado algum tempo. Apresentou-se ao banco, porém este não lhe quiz pagar.

— *Nova qualidade de tinta que resiste aos agentes chimicos*, do professor Traill. — O autor communicou a sua descoberta á sociedade real de Edimburgo. Consiste em dissolver glutero de trigo em acido pyrolinoso misturado com pó de sapatos. Esta tinta economica é facilmente colorante, seca rapidamente, e é constante. A maior parte dos agentes chimicos não o alteram, mesmo depois de 62 horas de contacto.

---

### **Geologia.**

*Geologia dos Estados-Unidos.* — A geologia é hoje uma sciencia popular nos Estados-Unidos, e os resultados que ella tem apresentado trouxeram descobertas de grande numero de materiaes uteis ás artes.

Damos aqui o sommario das informações publicadas este anno (1839) a respeito do Estado de Tennessa, e os de Pensilvania, de Michigan e Indiana.

A informação a respeito da geologia do estado de Tennessa é do professor Troot. Nesta informação indica que todas as camadas intermediarias entre o terreno de carvão de pedra são negativas em Tennessa, mas que o calcareo carbonifero tem grande desenvolvimento. É neste estado que está situado o districto d'Ocoee, celebre pelo ouro que se principiou a tirar em 1831. Este districto consiste em rochas primordias.

A estructura geologica da região noroeste do estado de Pensilvania apresenta a serie seguinte : 1.º granito da montanha do sul ; 2.º calcarea do valle Kiltantiny ; 3.º shiste do mesmo valle ; 4.º granito e conglomeratos dos montes azues ; 5.º granito pintado ; 6.º calcario azul da baze dos montes Kiltatiny ; 7.º granito da primeira cadêa ao norte do Kiltatiny ; 8.º shistes verdes ; 9.º granito vermelho do declivio da base S.-E. dos Alleghanys ; 10.º granito e conglomeratos do cume S.-E. dos Alleghanys ; 11.º argila vermelha da formação d'anthracita ; 12.º conglomeratos e granito acompanhados de anthracita ; 13.º terreno d'anthracito.

A potencia de cada formação, de alto a baixo, é indicada da maneira seguinte : 1.º granito branco compacto, 1000 pés ; 2.º calcareo azul, 6000 pés ; 3.º ardosa preta, e argilosa, 6000 pés ; 5.º granito de côres, 3000 pés ; 6.º calcareo argiloso azul, fossilifera, 900 pés ; 7.º granito branco grosseiro, cavidade de fôssis, 700 pés ; 8.º ardosa verde e granito argiloso, 5000 pés ; 9.º argila vermelha, granito argiloso vermelho, e granito fôssis submarinhos, 6000 pés ; 10.º granito e conglomeratos, 2000 pés ; 11.º marne vermelho, conglomeratos calcareos, 3000 pés ; 12.º conglomeratos siliciosos, 1400 pés ; 13.º terreno de carvão, 6,750 pés. Espessura total, 42,550 pés, seja oito milhas da crosta exterior do globo, estratificados debaixo dos terrenos primordias.

No estado de Michigan o terreno consta de carvão, gypsas, e salinas.

O estado da Indiana contem tres formações geologicas : 1.º uma formação de carvão bituminoso que occupa a parte occidental do estado ; 2.º uma formação calcarea ao Este, analoga a calcarea alpina dos geologos da Europa ; 3.º uma formação terciaria ou deposito de argila, areas, saibros e calhãos, cobrindo as duas outras em profundidade variavel, e mostrando que o estado da Indiana esteve muito tempo submergido nas aguas do oceano. Este estado é de grande fertilidade ; o que deve a sua posição no meio do grande valle d'America do norte, valle que foi o receptaculo de immensa variedade de rochas, destroços de diversas formações.

(*Edinburgh journal*).

## *Instrucção Publica.*

Nullum munus afferre majus,  
meliusque possumus republicæ,  
quam si docemus et erudimus  
juventutem !

CICERO. De Officiis.

Hoje que venturosamente vivemos no seculo das luzes, tanto se ha reconhecido a necessidade que tem o homem de instruir-se, que baldado torna-se demonstral-a. O homem sem instrucção, occulto nas trevas da ignorancia, esse germen atrazador do progresso, é qual diamante bruto, é um ente inutil á Sociedade. A instrucção o torna interessante á si e á sua Patria, ella purifica o seu espirito, abranda os seus costumes, affasta-o dos principios de vicio, e aponta-lhe a brilhante vereda da virtude, tira-lhe a venda do erro e dá-lhe os olhos da verdade ! O homem no estado selvagem como pois poderia penetrar os arcanos da natureza, investigal-os, e pelas suas importantes observações dar á sociedade, de que é digno membro, brilhantes fructos tão proficuos aos diversos usos da vida ? Ella constitue por tanto o principal elemento da civilisação, e por consequente o da prosperid ade de uma Nação, como pomposo exemplo nos patentea a Allemanha, a França e a Inglaterra. Em vista pois de tão irrefragaveis considerações deve a Instrucção sobre tudo merecer a mais seria attenção de um Governo desvelado em promover o *bem* do seu Estado. Sobejas razões por tanto tinha o sabio Orador Romano julgando *o mais importante serviço á Patria a Instrucção da Mocidade*. O Brasil ainda tão preguiçoso nos seus progressos litterarios não ha mostrado, como era de esperar no terceiro seculo de sua existencia cultivada, um desenvolvimento florescente ; mas prescindindo do motivo (que por certo á muitos ferirá), desse atrazo em que vemos ainda hoje a nossa Instrucção Publica, lamentaremos que sómente as Provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e São Paulo tenham apresentado mais brilhantes resultados ; e que as outras mais ou menos jazam em lethargo, não preenchendo desta sorte as lisongeiras vistas do Governo sinão verdadeira ao menos aparentemente incansavel neste precioso ramo da nossa *joven civilisação* !

É preciso em um paiz illustrado não só sabios mestres, boas doutrinas, methodo de ensino facil e vantajoso, como gosto para ensinar, assiduidade, e bastantes esforços para dar á Nação homens que offusquem o renome de seus mais célebres antepassados ! Antes de tractarmos sobre a maneira porque está dividida a Instrucção no Brasil

alguma cousa mais diremos acerca de certas urgencias. Uma Universidade alêm das Academias, Cursos, Licêos e Aulas actuaes, preencheria muito esse *vacuo* immenso que ainda existe em o nosso Orbe litterario; e que é de tanto mais urgencia, quanto é certo que o nosso *colossal* paiz deverá um dia pelas suas proporções avantajadas occupar um gráu distincto entre as mais adiantadas Nações do Globo: e que si ainda não attingio á elle é quiçá porque não tem dado maior impulso ás Sciencias, e Artes, fonte de sua riqueza litteraria! A Instrucção Publica está no Imperio distribuida da seguinte maneira. NA CORTE. Uma Academia de Medicina, outra de Marinha, uma de Bellas Artes, outra de Bellas Lettras ( Collegio de Pedro 2.º ) uma Escola Militar, um curso Commercial, um Seminario Episcopal, uma Escola Normal de ensino mutuo e simultaneo, uma aula de Tachigraphia, Philosophia Rhetorica, Geometria, Grego, Inglez, Francez, tres de Latim, dezeseite de instrucção primaria para o sexo masculino, e oito para o feminino. É para sentir que ainda não exista um *Conservatorio Muzical* de summa utilidade no Brasil, cuja mocidade em geral propensa á esta bella arte, que de todas lhe é mais *predilecta*, vê-se privada de adquirir conhecimentos mais profundos, maxime no que respeita á *composição*. Consta-nos, que similhante plano vai pôr-se em pratica, e portanto aguardamos os bons resultados que d'elle deduzir-se devem. O genio brasileiro é por excellencia o das bellas Artes. Fazemos tambem aqui menção das *casas particulares* de Instrucção preparatoria e primaria. Neste ponto a Capital do Imperio está bem servida. Ella conta alêm de um Curso Homœopathico, 15 collegios para o sexo masculino, 2 licêos, e 20 Aulas differentes; e para o feminino 5 collegios, e 23 diversas Aulas. Tratando em continuação dos resultados progressivos da Instrucção do Municipio Neutro, fallaremos em primeiro lugar dos methodos adoptados; e com especialidade sobre a Instrucção Primaria.

(*Continúa.*)

---

### ***Coreographia dos Estados d'America, tendo a vista os Mappas Corographicos.***

ASPECTO PHYSICO, POSIÇÃO ASTRONOMICA DAS SUB-DIVISÕES POLITICAS E EXTATISTICA DESCRIPTIVA, MORAL E ADMINISTRATIVA, REDICTO E DIVIDA DOS ESTADOS AMERICANOS.

#### *America-Daneza.*

*A America Insular Dinamarqueza*, compõe-se da IS-LANDIA, Cap. *Reikiavik* com 600 h. em 64º N. e 24º O.—a GROENLANDIA (Groenland no alto-Paiz-Artico) Cap. *Julianshaab* com 1800 h. em 61º N.,

48° O.—nas pequenas-Antilhas, a Ilha de SÃO-THOMAZ, Cap. do mesmo nome, com 3000 h. e importante commercio.—SANTA-CRUZ, Cap. *Christianstadt* com 5000 h. bem construida, e bom porto, em 18° N. e 67° O., occupando o territorio insular Americo-Danez uma superficie de 5500 leg. quad, com 110,000 h. 20 por leg. quad. (1)

## AMERICA-INGLEZA OU NOVA-BRETANHA.

*A America-Ingleza Continental*, compõe-se das TERRAS-ARCTICAS e da BAHIA DE HUDSON, o seu ambito comprehende 30,000 leg. quad. e 500,000 h.; tem por principaes, estabelecimentos na REGIÃO MACKENZIE-SAIKATCHAWAN, o forte-Franklin, em 65° N. junto ao lago do grande-Urso, o forte-Chepawyan, em 59° de lat. na extremidade occ. do lago-Atapeskow; o forte-Kildonan com mais de 1,000 h. na margem do rio-Vermelho a 12 leg. de sua entrada no lago-Winnipeg etc. — na NOVA-GALLES OU MAINE-OCC., o Forte-York, em 57° N. na foz do rio-Nelson na bahia de Hudson, etc.—o ALTO-CANADA OU SUP. CANADA dividido em 25 condados, com 8,300 leg. quad. e 490,000 h. Cap. York com 4,000h e bom porto sobre o lago-Ontario, em 43° N. e 82° O — o BAIXO-CANADA OU INF. CANADA divid. em 40 cond. comprehendendo 19,000 leg. quad. e 680,000 h., Cap, Quebec com 30,000 h., cid. commerciante, e extremamente forte sobre o rio de São-Lourenço em 47° N., 74° O. — o NOVO-BRUNSWICK divid em 7 cond. contendo 2,500 leg. quad. e 160,000 h., Cap. Frederictown com 2,000 h., sobre o rio de S.-João, em 46° N. e 69° O.—a NOVA-ESCOSSIA OU ACADIA E CABO-BRETON em 43-46° N. e 63-69° O., divid. em 10 cond., cingindo 1,600 leg. quad. e 180,000 h., Cap. Halifax com 20,000 h., porto mercantil, em 45° N., 66° O.; estas ultimas possessões no angulo NE. d'America do N., contêm no seu circuito 31,400 leg. quad. e 1:510,000 h. — a COLONIA DE HONDURAS OU JUKATAN-INGLEZ, no centro-america, por 17-18° N., 90-92° O. com 10,000 h., Cap. Balize com 2,000 h., sobre o rio deste nome — no Sul-America a GUYANA-INGLEZA com 105,000 h. Cap, George-Town ou Stabroek com 10,000h., sobre o Demerary, Cid. maritima de avoltado commercio, em 7° N. e 60° O.

*A America-Ingleza Insular*, contêm — a TERRA-NOVA (que pouco a pouco vai elevando-se sobre o nivel de mar), dividida em 3 districtos, com 2,800 leg. quad. e 75,000 h., Cap. Saint-John, com 14,000 h. em 48° N. e 55° O. — PRINCIPE EDUARDO divid. em 3 condados, a barcando 180 leg. quad. e 50,000 h., Cap. Charlotte-Town, com 3,500 h.

(1) Quando tratarmos da população, redicte e divida de qualquer nação ou provincia e não indicarmos a época, se deyerá entender que nos referimos ao anno de 1855.

em 46° N., 65° O. — As ILHAS BERMUDAS com 10,000 h. Cap. *Saint-George*, com 3,500 h. em 32° N. e 65° O. — o ARCHIPELAGO DE BAHAMA em 22-28° N., 72-82° O, com 360 leg. quad. e 25,000 h., Cap. *Nassau* com 5,000 h. na ilha *Providencia*, em 25° N., 80° O. — ALGUMAS DAS ANTILAS occupando 1,000 leg. quad. com 780,000 h., sendo a mais notavel *Jamaica* divid. em 3 condados, com 400,000 h., cuja Cap. tem 36,000 h., em 18° N. e 80° O. — O ARCHIPELAGO DE FALKLAND situado no Atlantico-meridional, em 52° S. e 62° O., com 200 leg. quad, e 20,000 h.; e outras ilhas na costa occidental d'America, sendo a principal a ilha de *Quadra* e *Vancouver*, onde fica as Aldeias de *Noutha*, em 50° N. e 128° O. e *Wilkanawisk*. Consequientemente o territorio Americo-Britanico continental e insular abrange obra de 80,000 leg. quad. e 3:085,000 h. 38 por leg. quad.

## SIBERIA AMERICANA,

As possessões Russas, comprehendem a parte situada no angulo N. O. d'America; e juntamente as ILHAS ALEUTINAS; em *Ouminack* a maior de todas em 55° N. e 166° O. tem um *volcão*, uma sede episcopal, guarnição e um estaleiro— o ARCHIPELAGO DO REI GEORGE e KODIACK; entre estas é importante a ilha *Sytka* assim chamada pelos naturaes; e *Baranoff*, pelos Russos, onde está construida a *Nova-Arkhangel* com 1500 h., Cap. das ditas possessões, porto mercantil, em 57° N., 138° O.—o ARCHIPELAGO DO PRINCIPE DE GALLES ao S. da precedente —na NOVA-CALIFORNIA, o estabelecimento de *Bodega* na foz do rio-Slavins a-Ross. em 39° N. 125° O.; está pequena Colonia tem uma população de 30 Europeus e 300 Kodiakos. O territorio da Russia-Americana. Continental e Insular, contém umas 30,000 leg. quad. e 60,000 h. 2 por leg. quad. — *F. Nunes de Sousa.* (Continúa.)

## POESIAS.

*A Declaração.*

Ambo florentes etatibus.....  
VIRGIL.

Elle tão moço, como a flor do valle,  
Ella tão joven, como a fresca Aurora!  
Arder vão ambos de um amor tão puro  
Como o das flores perfumando os zephyros,  
Como o dos zeph'ros embalando as flores!  
Elle joven, formoso, ardente, e amante

A nivea face de jasmins não tinha,  
Morena, porem bella, entre-corada,  
Qual si chamma de amor crestado a houvera!  
Vivos, ardentes, penetrantes olhos  
Scintillando ligeiros reflectiam  
A bella, negra côr de seus cabellos!  
Mais mimosa eras tu, mas não mais bella  
Elfire, encanto de seus bellos dias!  
Das mãos saida de perfeito artista  
Não é mais bella de marfim a estatua!  
Tu fôras essa estatua primorosa,  
Si tua negra, feiçozeira trança,  
Com que voluptuoso o zephyro brinca  
Não contrastasse a neve de teu collo!  
Tu fôras essa estatua, si teus olhos  
Nesse campo de jaspe não formassem  
Antithese tão forte, qual distante  
Fulge do negro abysmo a luz etherea!  
Assim dous astros solitarios brilham  
Em procelloso ceo de escura noute!  
Tal no marfim negrejam, mas opâcos,  
Embutidos do ébano dous cravos!  
Tu fôras essa estatua, si teus labios,  
Si vezes tantas teu rubor virgineo  
A candidez suave não traissem!  
Assim nos enamora o branco marmore  
Com roseas véas, com purpureas flores!  
Tu fôras essa estatua, si as celestes  
Véas compromettida não deixassem  
Com pedaços de ceos tanta brancura!  
Assim n'um de verão brilhante dia,  
Si o ceo se cobre de nevadas nuvens,  
Por entre umas e outras longe assomam  
Da rutilante esphera azues pedaços!  
Ella sorriu. . . — julgaes sorrir de um anjo?  
Suspirou. . . — foi o halito da brisa?  
Fallou. . . — foi, alta noute em ermo bosque  
O som de frauta, que pastor amante  
Tangeu d'enamorado em seus amores?  
Corou. . . — iris do ceo brilhou no espaço?  
Não, que o sorrir de um anjo é menos terno!  
O halito da brisa é menos doce!



O som de fruta amante é menos grato !  
 É menos bello o iris que seu pejo !  
 Deos, que formaste assim tão bello este anjo,  
 Si outro anjo não tem que a iguale a terra,  
 Ou p'ra os aijos dos ceos este anjo leva,  
 Ou, como ella, outro anjo á terra envia !  
 Mas si anjos de candura, e de belleza,  
 Dos sorrisos de um Deos, por bons, tão dignos,  
 Cujas preces aos ceos, sem medianeiros,  
 Nas asas da innocencia se remontam,  
 Inda a terra a esmaltar Deos não mandasse,  
 Quem das celestes graças tornaria,  
 Em tanta corrupção, a terra digna?! —  
 Como ella pois tão bello, anjo, como ella,  
 Um sorriso de amor sorriu-lhe Aonio . . . . .  
 Gentil mancebo, si não foras anjo,  
 Maldição sobre ti de um sacrilegio,  
 Que nesse amor o ceo tu profanáras !  
 O' virgem, que sentiste, que diceste,  
 Quando o doce ondular desse sorriso  
 O ar quebrou-lhe em torno de seus labios.  
 E fez que esse ar, de amor então ferido,  
 Misturado com aquelle, que inspiravas,  
 Fosse abalar no fundo de teu peito  
 Teu coração, de amor inda innocente?  
 De teu virgineo, de teu branco rosto  
 Á neve derreteu do pejo a chamma !  
 Mas Amor por teus labios voltejando  
 D'esperanças sorriu sorrir celeste !  
 Que mais, p'ra que um amante a mais se afoute?  
 Que importa esse silencio, e pejo tanto?  
 Entre pejo em silencio Amor triumphã !  
 Recebe Amor solemnes sacrificios  
 Onde reina o silencio, e a noute impera !  
 Como ministro seu preside o pejo !  
 Palpitam corações, labios não fallam !  
 O silencio, o segredo são seu rito,  
 São nos cultos de Amor sacros mysterios !  
 O' virgem, que sentiste, que diceste,  
 Quando o sorrir de amor dourava a frase  
 Que tímida caindo em teus ouvidos  
 No coração medroso se embebia :

« Bella Elfire . . . eu te adoro ! . . . » murmurando ? !  
 Ave faminta desfechar o adejo  
 Vendo das nuvens, que ligeira fende,  
 O palpar da rola é menos forte  
 Que o teu nesse momento ! Em hora extrema  
 O respirar de moribundo afflicto  
 É menos comprimido em frio susto !  
 Podes tu repellir do audaz empenho  
 Tanto arrojo ? — impossivel ! — tu não podes !  
 Não podem anjos repellir os anjos !  
 Sympathias de amor de um Deos descendem,  
 Milagrosa attracção de dons angelicos !  
 Qual de um limpido lago a vitrea face  
 Que em ondas de crystal manso reflecte  
 A arv're da montanha, a flor da margem,  
 O sol, que brilha, a estrella, que tremula,  
 E ave, que ligeira os ares cruza,  
 Assim, amantes, vossos bellos olhos  
 As idéas de amor, que ardentes correm  
 Nas mentes de ambos ávidos reflectem !  
 E elle penetrou-te os seios d'alma,  
 Timida amante, candida belleza,  
 E lettras, que ningem té hoje lera,  
 Mystérios para todos, não p'ra elle,  
 Leu, como Deos ja leu, que ler só pôde !  
 E sabes o que leu ? sabes, ó virgem ?  
 « Esperanças, amor, gozos venturas ! »  
 Oh ! que seja esse dia a gloria tua,  
 E tu a gloria delle ! — E que elle grave  
 Tambem no bello livro de sua alma :  
 « Esperanças, amor, gozos, venturas ! »  
 E nesses livros testemunhas sejam  
 Elfire, o anjo teu ; teu anjo, Aonio !

TEIXEIRA E SOUZA.

### *Volcões.*

Os terriveis phenomenos dos fogos subterraneos merecem por immensas razões ser bem observados. Está reservado á philosophia natural conquistar, pelas armas da razão, este dominio de que as superstições de todos os tempos e de todos os povos não podiam deixar de apoderar-se. A este motivo mais do que sufficiente para provocar as indaga-

ções as mais diligentes e as mais attentas, accresce que os volcões são o unico meio que possuímos, de adquirir alguns conhecimentos sobre o interior do globo á uma profundidade á que nossos trabalhos não podem chegar. Assim por mais de um motivo devemos reconhecimento á aquelles que se dão ao estudo dos phenomenos dos fogos subterraneos e á indagação de suas causas, e que publicam suas descobertas, suas observações, suas mesmas conjecturas, quando ellas podem excitar o pensamento, deixar entrever novos meios de estudo, novas sendas para os observadores, e preparar deste modo a descoberta de alguns factos ainda inapercebidos

Porém é superfluo chamar a attenção dos sabios sobre uma das mais bellas e mais attraentes divisões da geologia: aquelles a quem sua posição permittir de occupar-se votar-se-ham a isso de moto proprio.

Quanto ao grande numero de homens que, sem ambicionar o titulo de sabios, não querem ficar inteiramente estranhos ao conhecimento da natureza, como os factos mais curiosos e mais notaveis devem compor seu saber, escolherão certamente de preferencia, entre os differentes ramos da geologia, a historia dos volcões: não será inutil de lhes darmos aqui uma rapida idéa. São conhecidos immensos volcões em actividade nos dois continentes e em varias ilhas; porém não occupam senão a menor parte dos regiões volcanizadas.

Não se pode traçar uma demarcação precisa entre os volcões extinctos, e aquelles cujas erupções apesar de terem cessado á longo tempo se hão-de renovar algum dia. Quando mesmo se chegasse a fixar, não a época, mas a ordem de sua extineção, a classificar-as conforme o tempo maior ou menor que decorreu desde que cessaram de queimar, não estariamos por isso mais adiantados. Indagações desta natureza são sempre extremamente incertas, e quasi nunca permittem fazer-se um juizo definitivo. Dir-se-ha por exemplo, que camadas calcareas, ou de outras rochas não primitivas superpostas á rochas volcanicas, foram formadas posteriormente ao solo que cobrem presentemente? Porém varias observações feitas nos volcões da Oceania provam que as erupções volcanicas pódem mudar o fundo dos mares, etc., ou outras camadas debaixo das quaes as lavas virão consolidar-se por stratificações, tanto mais profundas quanto mais recentes forem. O contrario tem lugar, quando as materias volcanizadas são lançadas ácima do solo, como as do Vesuvio e de outras boccas ignivomas; o solo, coberto de depositos volcanicos, é evidentemente mais antigo do que estas materias adventicias, e, entre estas, as mais recentes estão na superficie.

A difficuldade de assignar a época *geologica* dos volcões extinctos é consideravelmente augmentada pela exacta similhança de

seus productos com as rochas, cuja formação deveu preceder as ultimas catastrophes que mudaram a face da terra, e, por consequencia, a disposição das partes habitaveis. É o que se observa na Italia, nos montes Euganeos, tão bem observados por Spallanzani e Werner. Até a viagem deste ultimo mineralogista á Italia, estes montes, ou, para melhor dizer, estas fraldas foram enaradas como de origem volcanica. Werner lhes assignou uma formação toda opposta, e sua opinião foi pelos Allemães; mas, nem a França, nem a Inglaterra, nem a Italia, convenceram-se, e a questão existe ainda indecisa.

As erupções submarinhas vem infelizmente complicar a questão e tornar a solução mais difficil.

Mas nao é sómente nos montes Euganeos que estas difficuldades se apresentam. É impossivel provar si os volcões de que se acham os traços nas outras partes da Italia, precederam ou seguiram a época em que a Europa era povoada por esses animaes cujas raças se tem perdido, e cuja sciencia moderna soube pelos prodigios da industria, assemelhar os despojos, recompor o madeiramento osseo, advinhar as fórmãs e a maneira de viver. A historia não conservou a memoria de acontecimentos tão antigos como esses, nem da destruição tão completa, senão a das cidades abysmadas no mar morto, conforme testemunha a Escriptura Sagrada.

Os volcões extinctos do Auvergne, de que a alta antiguidade não pôde ser contestada, tem uma similhaça notavel com os da Sardenha. Na Italia, contam-se até 60 antigas crateras entre Napoles e Cumes, e é preciso acrescentar o da Sicilia, o das ilhas do Mediterraneo, do Archipelago do Adriatico. Constituem o solo de Santa Helena da Ascenção, dos Açores, de Medéres, das ilhas de cabo verde; encontram-se igual nas ilhas Mauricea e Bourbon. Os grandes Archipelagos da Asia são tambem cobertos em parte de sua extensão: a Islandia possui um volcão em ignição, e, por assim dizer, unico vivente no meio de uma multidão de outros que não existem. Os fogos subterraneos mostraram sua potencia no Perú, e em geral em todas as immensas cordilheiras da America. São raros os lugares de uma certa extensão em que se não canheçam os vestigios deixados.

Os lugares em que estes fogos exercem actualmente sua actividade são, em geral, os mesmos que parecem ter sido abrasados nas épocas anteriores. Assim, a causa que os produz e alimenta nada é menos que accidental e passageira, e não se pôde assignar sua duração, quer no passado quer no futuro. Infelizmente não nos é ainda permitido arrancar o véo que as cobre. Estamos reduzidos, quanto ao presente á simples hypotheses, e á geographia physica dos volcões extinctos, ou em actividade.

Na Europa, a Islandia e a Italia são actualmente as duas unicas regiões volcanisadas. No continente da Asia, não ha senão as de Kamchatka conhecidas perfeitamente: ha seis cujas erupções se repetem quasi com o mesmo intervallo das do Vesuvio. As ilhas Kou-rilas onde se contam quinze volcões, parecendo ser um appendice da região volcanica de Kamchatka. Quasi nada é sabido dos outros dous montes ignios da Mangolia, bem como das do imperio da China; não ha mesmo accordo sobre sua posição. Segundo Kempfer, o Japão deveria ter dez volcões. As Philippinas, as Moluscas e as Mariannas tambem possuem alguns. Em Sumatra e Java quasi todo o solo soffreu a acção dos fogos subterraneos; ha quem pretenda que a segunda destas ilhas contém não menos de 48 volcões em actividade.

(Continuar-se-ha.)

J. J. V. S.

### ***Economia Politica.***

#### INSTITUIÇÕES DE CARIDADE.

A existencia de sentimentos bem fazejos é tão essencial á felicidade da especie humana, que sem duvida alguma serão olhados como de alguma utilidade os esforços que vamos fazer para indicar a maneira por que estes sentimentos devem ser dirigidos e animados, a fim de produzir a maior somma possivel de bem. Fazendo estas indagações, seremos provavelmente obrigados a afastar-nos de idéas conhecidas, e de considerar, debaixo de novos aspectos, immensas instituições pelas quaes se professa admiração e respeito de tradição. Porém, como nosso unico fim é concorrer para o bem geral, e como tambem é com o fito de attingir a esse mesmo fim que se estabeleceu estas instituições, consideramos de nosso dever o exprimir com franqueza o que pensamos. Esperamos que, de sua parte, nossos leitores não regeitem nossas opiniões, sómente por serem novas, nem as condemnem, antes de haver feito attento e imparcial exame.

O que nos determinou sobretudo a empreender estas indagações foi o conhecimento que temos de muitas pessoas dispostas a melhorar a condicção dos pobres, e que desesperam de conseguil-o. São testemunhas do augmento de numero das instituições de caridade, e do estado estacionario da miseria: concluem immediatamente que toda a intervenção de sua parte seria inutil, e ficam inactos. Um dos principaes objectos que temos em vista, é fazel-os sahir da inercia e mos-

trar-lhes que pôdem fazer á humanidade serviços tão duradouros quão extensos.

Importa, primeiramente, indagarmos a verdadeira significação das palavras *caridade* e *caritativo*. A seguirmos o doutor Johson, *caritativo* quer dizer liberal para os pobres; bom, bemfazejo; disposto á julgar os outros com indulgencia. Mas a bondade e liberalidade nem sempre são uteis, e frequentemente tem resultados funestos. Um individuo cujo coração se acha cheio de sentimentos bemfazejos e affectuosos, pôde algumas vezes fazer mais mal do que o mais endurecido malvado. Em todos os estados que sao toleravelmente governados, as leis limitam o poder deste ultimo, no entanto que o outro é quasi sempre fastigado pelos ambiciosos, que o cercam. Este, pelas esmolas que distribue sem escolha, torna-se o auxiliador da preguiça, da mendicidade e da fraude, e pelos premios que dá ao vicio, tende a desanimar os sentimentos honestos, e a diminuir o numero dos homens industriosos.

A bondade só é util quando reunida a conhecimentos e a espirito judicioso. Servindo-nos da palavra *conhecimentos*, não a tomamos na acepção vulgar, e não temos intenção de fallar da instrucção frivola por meio da qual chega-se a traduzir um ou outro verso grego, e construir soffrivelmente um hexametro latino. Não consideramos como verdadeiras luzes senão aquellas que nos põe em estado de ser uteis a nossos semelhantes. O valor de qualquer membro da sociedade não depende da vivacidade de suas impressões, e da facilidade com que chora as miserias que encontra, mas dos meios de que pôde dispôr para alliviar essas miserias. Nada ha mais fácil do que tomar parte no mundo, com uma sensibilidade facilmente excitavel; mas para ser verdadeiramente util aos outros, é mister cuidado, estudo e perseverança.

(Continuar-se-ha.)

J. J. V. S.

### ***Costumes do Oriente.***

#### ARABES E PERSAS.

Em geral, é considerada como verdade reconhecida, que a ignorancia dos Musulmanos, sua posição estacionaria na carreira da civilisação, seus prejuizos arraigados, o despotismo de seus governos, e todos os males consequentes, inherentes ao Islamismo, são resultados immediato e necessario do mesmo Islamismo. Esta opinião está de

tal maneira acreditada que seria assás difficil combatel-a; entretanto que é de alta importancia e merece ser bem approfondada.

As religiões não se devem julgar exclusivamente pela conducta dos que a professam. Não cessam de repetir que um dos primeiros actos dos apóstolos do Islamismo, foi a destruição dos livros e dos monumentos historicos. Mas esses que dizem isto esquecem, talvez, que si os Musulmanos queimaram a bibliotheca da Alexandria, outros fizeram de Cordova o centro das sciencias e artes, e lançaram no solo do meio dia da Europa, as primeiras sementes de civilisação, de que o desenvolvimento foi quasi que logo suffocado pelas victorias de Carlos Martel. Todos os idiomas acharam-se recheiados de restos que attestam o que lhes devem nossas sciencias; as palavras: *algarismo, cifra, tarifa, quilate, alaude, alkali, alcohol, elixir, calibre, almanak, alchimia, algebra, azimuth, nadir, zenith*, e immensas outras, todas evidentemente arabes, provam a enorme quantidade de cousas uteis que nos restam desse povo. Sem elle, provavelmente, não conheceriamos os logarithmos, as taboas de proporção, a maneira de tomar altura, e a maior parte de nossos calculistas e guarda-livros não ignoram que os caracteres, de que fazem uso diario, nos vêm da Arabia.

Alguns auctores tem accusado os Musulmanos de indifferentes para sua religião. É certo, porém, que a primeira cousa que entre elles attrahe a attenção de qualquer viajante, é o recolhimento que presenca durante seus exercicios religiosos. Entrai em uma mesquita, vereis o povo que a enche, formado em linhas, guardando profundo silencio, e todas as fronte curvarem-se e tocar ao mesmo tempo a terra, ao signal de seu prior, e convencer-vos-heis de que aos Mahometanos não faltam respeito e recolhimento durante as ceremonias de seu culto. Á impressão que a cerimonia da missa produz sobre os assistentes, opponde o aspecto do arrogante Pacha, humilhando-se no pó em presenca do Senhor do céo e da terra, ou o aspecto do chefe Wahabita ajoelhando-se na areia á frente de sua tropa, e entoando o choro rude no qual a influencia e velhice confundem suas vozes para louvar o creador, e julgareis então si esta religião falla ou não á alma, e á imaginação. Pretendem alguns que ella só excita o enthusiasmo dirigindo-se ás mais grosseiras paixões, e que nada mais promette do que a volta ao estado original do homem; pretendem tambem que fê cega aos mais absurdos contos, é indispensavel para o sustento de suas doutrinas, e entretanto estas doutrinas nada mais são do que simples theismo.

O paraiso de Mahomet tem sido a mira de violentos ataques. O facto é, que elle limita-se a prometter aos seus eleitos que depois de

mortos, hão de voltar ao jardim de Eden, e faz brilhante enumeração dos rios, arvores, e sobretudo dos manjares delicados que hão de gozar. Avançaram que as mulheres foram excluidas desse lugar de delicias; é falsidade supposta pelos antagonistas, porque Mahomet declara formalmente que todos aquelles que praticarem o bem, qualquer que seja seu sexo, gozarão das mesmas recompensas e da mesma gloria. Para que nenhuma duvida reste a este respeito, diz elle que os fiéis *entrarão no paraizo com seus pais, suas mulheres e seus filhos*. Accrescenta mais adiante que *os esposos gozarão de repouso d-baixo de agradavel sombra de delectaveis arvores*. O Eden de Milton (paraizo terrestre) é muito menos casto do que o dos Arabes. Na pintura do Eden destes ultimos nada á que desperte idéas de voluptuosidade. Estas mulheres são virgens que recobram, com a belleza, toda a innocencia da sua primeira idade.

Ellas não convidam seu amante celeste a prodigalisar-lhes beijos, nem repousar toda a noite sobre o seio.

As bellas de que falla o propheta arabe, sentadas junto de seus esposos *são semelhantes ás perolas que occultam seu brilho*. A mesma polygamia parece ser esquecida neste lugar, como uma instituição toleravel para a terra, mas assás impura para o céu. Os pares afortunados repousam cercados de praseres que constituem no Oriente a felicidade domestica; e si algumas vezes gozão de outras voluptuosidades, estes gozos não pertubam a calma e a quietação de suas almas. E deste modo que os representa aquelle que foi tão amargamente calumniado. Si se attender aos clamores elevados de todos os lados contra elle, julgar-se-há que um livro inteiro do Coran é consagrado á pinturas voluptuosas, entretanto que o auctor limita-se a mostrar-nos no seu segundo paraizo, uma mulher casta e pura, sentada ao lado de seu marido.

*Continuar-se-ha.*

V. S.

### ***Tendencia da raiz das plantas para o centro da terra.***

A direcção da raiz para o centro da terra é, em nosso sentir, mui facil de explicar: os naturalistas ainda o não têm conseguido, e nós vamos mostrar a causa d'este phenomeno; mas antes d'isso faremos revista, mui de leve, das opiniões havidas. Não é de animo ousado esse nosso proceder; — a elle só nos levou a muita verdade que jul-



gamos em nossa explicação, e a certeza que, se lhes cahir, nossos juizes a aceitarão — que não são elles de negar o justo a quem fôr devido.

A direcção da raiz foi vista depender de seus fluidos menos elaborados, e por isso mais pesados que os do caule : mas ali está o *Clasea rosea*, etc., que desenvolve as raizes da altura consideravel, fal-as descer, e os fluidos d'ellas são os mesmos da haste.

A terra é mais humida que a atmospheria ; mas d'ahi nada colliemos ; pois Duamel fez germinar algumas sementes entre duas esponjas humidas, e suspensas no ar, e as raizes cresceram por meio d'ellas, dirigindo-se para a parte inferior.

Será a natureza da terra? Muitos o crerão, e ainda este parecer é desmentido da experiencia. Dultrochet encheu de terra um caixão com o fundo cheio de furos, e n'elles depoz sementes ; suspendeu-os de geito que recebia inferior e superiormente a influencia da atmospheria e da luz ; e as raizes dirigiram-se para baixo ! Serve tambem esta experiencia de refutar a explicação de Raspail, explicação que não se hade perdoar, nem ainda ao muito engenho do illustre sabio. Nega Raspail essa tendencia, e diz que só ha alongamento da raiz em virtude da nutrição ; a raiz — *orgão terrestre* isto é, que só pôde viver na terra, — conserva-se n'ella, e o caule vai viver na atmospheria ! !

Fizemos revista, mui de leve, das opiniões havidas sobre a direcção da raiz ; exponhamos agora a nossa. É da natureza do vegetal que a raiz cresça em sentido opposto do caule ; este, por influencia da luz, dirige-se para a atmospheria ; deve pois aquella dirigir-se para o centro da terra. Assim a direcção da raiz hade variar conforme a do caule e é o que a observação e a experiencia fazem vêr.

De mui simplicies não carecemos particularisar as experiencias que fizemos ; sobeja dizer que tinham por fim variar a direcção do caule, e que a raiz dirigio-se constantemente em sentido opposto.

A raiz dos parasitas, e nomeadamente do visgo, não offerecem essa tendencia ; a sua direcção é mui variavel o que se ajusta com nossa opinião. O caule d'estas plantas deve buscar a luz, e do lugar em que germinam depende a direcção tomada ; a raiz crescendo em sentido opposto não pôde seguir uma direcção constante.

Crêmos a toda a luz a verdade de nossa explicação. Pôde mui bem ser que estejamos em erro, e já em outro lugar dissemos que por nossa intelligencia davamos mui pouco.

Dr. A. E. P. da C. e Mello.

Em outro numero exporemos a nossa opinião a respeito.

J. J. V. S.

## AOS SRS. ASSIGNANTES.

Na posse da propriedade da *Nova Minerva*, e dos *Jesuitas*, e convencidos da utilidade e conveniencia que resultará aos Srs. assignantes quer de um, quer de outro jornal, em darmos de baixo de um só titulo, porém com numeração diversa, estas duas publicações, nos compromettemos a fazel-o da maneira e fórma seguinte :

Publicar-se-ão todos os mezes 4 numeros da *Nova Minerva*, contendo cada um 24 paginas de nitida impressão, e no formato dos *Jesuitas*, as quaes serão divididas de modo que não prejudique aos Srs. assignantes.

As paginas da *Nova Minerva* que outr'ora eram consagradas a artigos litterarios, continuam a sel-o sem alteração alguma ; e a parte romantica será preenchida com o interessante e instructivo romance — *Os Jesuitas* — que continuaremos a dar do numero 7.º em diante, obrigando-nos a compensar com os primeiros, os quattos numeros da *Nova Minerva* que ao fim de Novembro restarmos aos senhores assignantes deste jornal que tiverem pago até essa data, para que fiquem com a obra completa. Os novos assignantes pagarão além da sua assignatura mais 1.000, pelos 6 primeiros numeros daquelle romance.

*Os Jesuitas* continúa do mesmo modo por que tem sido publicado, recebendo seus assignantes além da materia que lhe diz respeito, a parte relativa à *Nova Minerva*.

Mencionarmos aqui aos Srs. assignantes a vantagem que lhes resulta da reunião dos dois jornaes seria desconhecer a luz meridiana e empregar mal o nosso tempo. O só augmento de paginas, com materia de igual merito, é sufficiente para compenetrar-os desta verdade.

Tomando a nosso cargo uma tal publicação julgamos fazer um serviço ao nosso paiz, para o que esperamos ser coadjuvados pelos amigos das sciencias e das letras, que desejam o seu progresso entre nós.

Continúa-se a subscrever para esta folha por 3.000 por trimestre no escriptorio da nossa typographia, rua de S. José n. 8, onde tambem se vendem os numeros avulsos por 400 rs